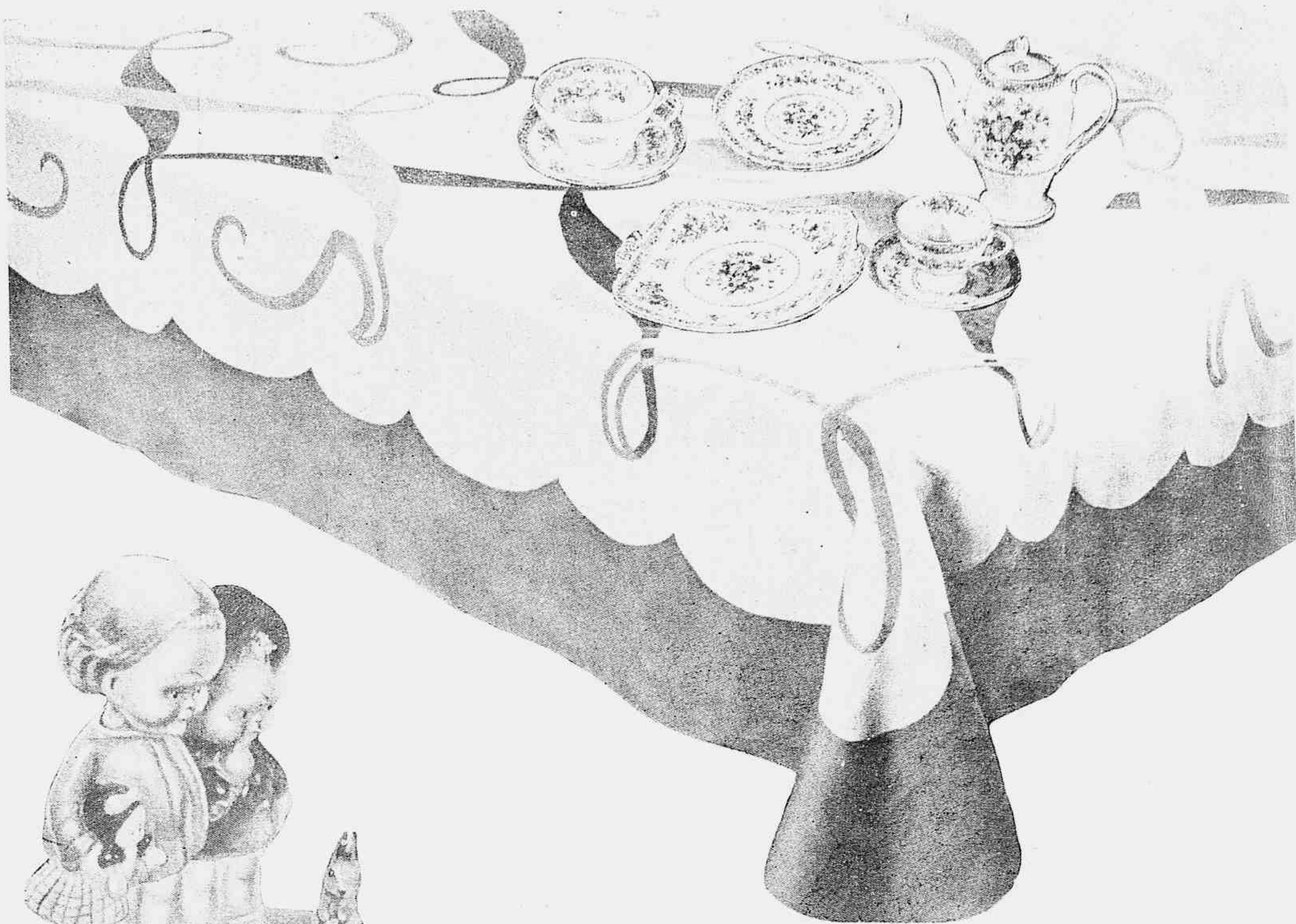


# REVISTA DA SEMANA

N.º 41 9-10-48  
Cr\$ 3,00 em todo o Brasil







# AÇUCAR PEROLA



PRODUTO ECONÔMICO,  
DE GRANDE PUREZA,  
SÊCO, DISSOLVENDO-SE  
INTEIRAMENTE, DANDO  
MAIOR RENDIMENTO  
QUE QUALQUER OUTRO.



FÁBRICA

RUA PEDRO ALVES, 319

TEL. 43-4830

RIO DE JANEIRO

CAIXA POSTAL 1224

COMPANHIA USINAS NACIONAIS



# Musa Tropical

**P**EREGRINO que substituiu o nodoso e pesado bordão das longas caminhadas pela maleta de turista e a lira de três cordas que Orfeu tangeria um dia, Gastón Figueira percorreu toda a América cantando...

Numa deliciosa série de poemas, celebrou a grandeza dos Andes, o urbanismo de Buenos Aires, o bucolismo de Córdoba, as planuras do Uruguai, as preciosidades arqueológicas do México, a desolada paisagem da Terra de Fogo, os bancos de coral e os ciclones das Antilhas, o esplendor incaico de Cuzco, os caudais do Orenoco e do Magdalena, o cosmopolitismo tentacular de Nova York, os lustrosos pomares da Califórnia e as peles e gelos do Canadá.

Um dia, chegou ao Brasil...

As labiatas do Amazonas e o panorama colonial da Bahia e do Recife — tal como os cafezais de S. Paulo, os pinheiros do Paraná e o ouro de Minas — impregnaram-se-lhe na retina e na memória. Integrou, então, no admirável ciclo de sua poesia continental os "Poemas do Brasil". As "Estampas" da velha Cidade do Salvador e de Olinda, como as "Orquídeas" das selvas e as vitórias-régias das águas amazônicas e as "Visões" da terra roxa paulista, de Curitiba ou de Belo Horizonte e Ouro Preto, ainda aguardam a forma de livro... Mas numa graciosa edição Cabaut, celebrando a "Maravilhosa América", há mais de dez anos está "Rio de Janeiro, Cidade de Feitiçaria".

Contemplando o panorama citadino, diz num deslumbramento:

Oh! coração, que esta vida  
Pôs tão amargo e sombrio,  
Queres a felicidade?  
Vai ao Rio.

Vai ao Rio, que esplendores  
Aos milhares, guarda e encerra,  
Vai ao Rio, que é o oásis  
Da terra...

Ao cálido contacto da terra carioca e numa cromática escala emocional, sua musa — mebrada — balla a ronda dos encantamentos: — é a "Tijuca Matinal", com seus relevados, florestas e águas múrmuras a evocar-lhe pastorais à Longus... E' a "Baía de Guanabara", a sugerir-lhe que a vida, toda a vida, é beleza" .. E' a lenda do Pão de Açúcar que, após ser criado por Deus, surpreendeu-O, porque Ele mesmo, em face de tanto esplendor, **quedou maravilhado...**

Vê as ilhas litorâneas — Paquetá e Governador — como barcos carregados de tesouros que, tendo navegado o mundo inteiro, certo dia aqui chegaram e ancoraram para sempre...

Num vaguear deslumbrado, vai da montanha ao mar e do mar à montanha... Caminha pela "Rua Paissandu" sob arrogantes e nobres palmeiras. Detém-se, em seguida, numa praça, em frente a mesas onde há bandejas que oferecem doiradas bananas, doces mangas-rosa e um enorme abacaxi. Nas feiras livres de Copacabana, só distingue o verdor de um monte tropical e o azul ondulante do mar...

Para esse terno e ardente enamorado do Rio, o "Jardim Botânico" é alfombra mágica das Mil e Uma Noites, e os veículos deslumbradora marmota de todas as magnificências... As "Neblinas da Tijuca... — Neblinas do Corcovado... — Chuvisco que é um rocío — Perfumado" são — a seu olhar embevecido — azul e rosa.

Após a contemplação do Cosme Velho e do Silvestre, vai à Gávea verificar se:

Na galera imperial da Aurora  
A deusa Noite embarcou,  
Deslizando aos remos de ouro  
De mil raios do sol...

Extasia-se à "Canção de um mendigo" que tange harmônica no largo de S. Francisco de Paula... A "Tarde", na ladeira dos Tabajaras, tem vagos resplendores e um longo encantamento. No "Noturno do Alto da Boa Vista", exclama: — Rio, não te chamo cidade — Chamo-te, simplesmente, Éden! Surprende os raios do sol brincando de roda na lousa "Praia do Leblon". As manhãs cariocas sugerem-lhe irisadas orquídeas, e as tardes uma música de côres.

Celebrando certa noite privilegiada — "Índia voluptuosa" — diz:

Sobre teu peito,  
Brilha a lua tropical  
Tal desmedido amuleto...

Mira o Morro da Babilônia como grande incensário, e na "Vista Chinesa" recolhe entões do sabiá preto, arrulhos de juritis e risos de bentevis, Passa uma madrugada no Morro da Saudade com a alma embriagada de misterioso encanto e gasta, toda inteira, certa manhã — no largo da Carioca — a ouvir a concertina da passarada... Visitando o cemitério de São João Batista "sob um céu taumaturgo", imagina que a alma dos mortos — no campo santo — está transmigrada em rosas e borboletas...

Após o intenso, extremado idílio com a terra carioca, regressa a Montevideu... E' lá que a chuva cai em bátegas e o frio corta e enregela. No desalentado clima natal, busca outra paisagem e "Saudades" laceram-no... Escreve:

A leve cinza da chuva  
Tomba incessante. Faz frio...  
Que triste estou, de ti longe,  
Oh! Rio!

★

Se nenhum poeta nacional há tão comovido hinário à Cidade Maravilhosa, como seu terno deslumbramento pela nossa terra, Gastón Figueira bem merece a consagração estima de todos nós, brasileiros de todos os quadrantes deste Brasil grande e bom.

EDUARDO TOURINHO

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

## Sumário:

### COLABORAÇÃO

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| Musa tropical (Eduardo Tourinho) ...          | 3  |
| Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ... | 44 |

### BIOGRAFIA

|                                                          |    |
|----------------------------------------------------------|----|
| A vida de João Huss (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) ... | 38 |
|----------------------------------------------------------|----|

### REPORTAGENS

|                                                                |       |
|----------------------------------------------------------------|-------|
| A polícia feminina resolveria o problema? ...                  | 6/10  |
| Chegam os de 45 (Péricles Leal) ...                            | 12/13 |
| As bibliotecas públicas de Londres são assim (Jack Huston) ... | 26/27 |

### CONTOS

|                                                 |       |
|-------------------------------------------------|-------|
| Agonia (Victor Catalá) ...                      | 15/16 |
| Um pobre diabo, no mais... (Teresa Almeida) ... | 35    |

### SEÇÕES PERMANENTES

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| A Semana em Revista ...          | 4  |
| A Personalidade da Semana ...    | 4  |
| O Mundo Marcha ...               | 5  |
| Cancioneiro Internacional ...    | 14 |
| Broadcast (Armando Migueis) ...  | 14 |
| Cine-Revista ...                 | 33 |
| Livros Novos (João Luso) ...     | 34 |
| Vida Literária (Herman Lima) ... | 40 |
| Música (Roberto Lyra Filho) ...  | 42 |
| Pelas Estradas do Céu ...        | 46 |

### CARICATURA

|               |    |
|---------------|----|
| Bom humor ... | 11 |
|---------------|----|

### FOLHETIM

|           |       |
|-----------|-------|
| Drago ... | 49/50 |
|-----------|-------|

### SUPLEMENTO DA MULHER

|                              |                     |
|------------------------------|---------------------|
| Nos Bastidores Femininos ... | 17                  |
| Modas ...                    | 17/25, 28/32, 36/37 |
| "Week-end" na cozinha ...    | 30                  |

### ILUSTRAÇÕES

Armando Moura  
Armando Pacheco



### NOSSA CAPA

Ilustra hoje a capa de REVISTA DA SEMANA a "estrelinha" morena da Metro-Goldwyn-Mayer, Ann Miller, famosa no mundo inteiro pelos seus magníficos números de sapateado, Ann Miller aí vem em mais um divertido musical: "Desfile de Páscoa", com Judy Garland e Fred Astaire.





Alegando motivos de saúde, o ministro Correia e Castro deixa a pasta da Fazenda, sendo substituído pelo sr. Ovidio Abreu. A Comissão Central de Preços anuncia que continua em vigor a tabela para os cinemas. Reunem-se os técnicos brasileiros com a Missão Abbin. Chega ao Rio, a bordo do avião da presidência da República, o sr. Manuel Prado, ex-chefe do governo peruano. Libertados os brasileiros presos pela polícia espanhola. Desastres com aviões "teco-teco" no rio Corumbá, em Macau e em Ipanema. Iniciados os trabalhos de reflorestamento das margens do rio Jequiriçá. Novas prisões de elementos implicados no "camplot" contra Perón, na Argentina. Acusados de espionagem, nos Estados Unidos, dois cientistas atômicos e um comunista ianque. O "premier" da Bélgica desfere ataques à política externa da Rússia Soviética. O deputado Prado Kelly manifesta-se contrário a elevação dos subsídios. O chanceler Raul Fernandes, em discurso pronunciado na O.N.U., adverte os povos do mundo contra o perigo de uma nova guerra. O sr. Correia e Castro diz que é auspiciosa a situação financeira do país. Fixado, na redação da Lei do Inquilinato, que não haverá nenhum aumento nos aluguéis. Condena o senador José Américo as emendas do Senado ao aumento. O cidadão norte-americano John Griffith contesta as acusações que lhe foram feitas de liderar um movimento para a eliminação do presidente Juan Perón. Continuam os preparativos para as comemorações do aniversário do 29 de outubro. Desastre com um avião da F.A.B., em Torres, no Rio Grande do Sul. Exonerou-se o sr. Morvan de Figueiredo da pasta do Trabalho. As potências ocidentais vão pedir ao Conselho de Segurança que ordene a suspensão do bloqueio de Berlim pelos soviéticos. No Rio, o soprano Kirsten Flagstad, grande intérprete de Wagner. Proibido de officiar o Bispo de Maura, com consequente suspensão das autoridades da Igreja Católica Apostólica Brasileira. Falece o cmdte. Arlindo Maia. Concedida, na Baixada Fluminense, lotes de terra aos "pracinhas". Voto de pesar na Câmara dos Deputados, pelo falecimento de Lourenço Baeta Neves, e inclusão, na ordem do dia, do projeto que extingue a Polícia Especial. Aprovado, na Argentina, um projeto de aumento dos vencimentos dos jornalistas profissionais. Com um comício na praia do Russel, encerraram-se os trabalhos no Congresso do Distrito Federal a respeito do Petróleo. Elevada a força combativa dos Estados Unidos para 1.518.000 homens, com uma reserva de 2.183.619. Ameaças de greves na Finlândia. Prosseguem os estudos sobre a mudança da Capital da República. Informam, de Nova Delhi, que a Índia possivelmente será proclamada república ainda este ano. Aporta, na Guanabara, o navio espanhol "Juan Sebastin Del Cano". O ministro Ari Pires, do S.T.M., declara que o ex-deputado Gregório Bezerra, acusado de fomentar o incêndio do quartel do 15.º R.I., na Paraíba, não está sofrendo constrangimento ilegal em sua liberdade. Morre Pierre Frondal, novelista e dramaturgo francês. Regressa de Nova York o compositor brasileiro Heitor Villa Lobos. Indicado o general Milton de Freitas Almeida para embaixador brasileiro na Argentina. Jean Cocteau recusa ingressar na Academia Goncourt. Acusado, entre deslocados de guerra que chegaram ao Rio, um espião russo. Praticou "hara-kiri" um membro da organização Shindo-Remmel, em São Paulo. Iniciado, em Niterói, o II Congresso de Prefeitos do Estado do Rio. Presos, em Cruz Alta, dois falsários. Informa-se do Canadá que um homem, que ia tentar bater o "record" canadense de salto em paraquedas, com um mergulho de sete mil metros de altura, caiu de uma escada, em sua casa e, ao que parece, quebrou o pescoço. Absolvido Robert Mitchum, acusado como fumante de maconha, em Hollywood. Segundo uma agência telegráfica americana, Thomas Dewey está praticamente eleito presidente dos Estados Unidos. Telegramas procedentes de Bogotá informam que uma doença desconhecida está dizimando a população infantil venezuelana. Assinado um tratado de comércio entre a Argentina e a Tchecoslováquia. Vários delegados, na O.N.U., dirigem um apelo ao Chefe do Governo Espanhol para suspender uma sentença de morte contra sete prisioneiros políticos. De Gaulle volta a pedir a eleição de um chefe de Estado de punho firme para a França, com poderes para dissolver o Parlamento e convocar eleições gerais. A revista oficiosa russa "Tempos Novos" acusa os ingleses do assassinato do conde Folke Bernadotte. Prossegue tensa a situação de Berlim. Ainda em greve os metalúrgicos de Neves. Chegou ao Rio a Missão Comercial Argentina. Falece o cinegrafista Gregg Toland. Adiada a estréia da temporada Lirica para 5 de outubro. Cedido o Teatro Municipal ao Teatro Experimental de Ópera. Pavoroso incêndio em Engenho de Dentro, destruindo várias lojas. Prontas as tabelas do aumento do funcionalismo municipal. Montgomery, ao que informam de Londres, será nomeado chefe do Estado Maior das cinco potências ocidentais na Europa. Sugerida, na O.N.U., a indicação de um mediador no caso de Berlim. Faleceu o pintor italiano Alfredo Galli. Suspensas as eleições no Piauí por falta de verba, segundo informam daquele Estado. O Parlamento iugoslavo condena a U.R.S.S. e o Cominform. Eleitos o Brasil e a Venezuela para os postos de direção do Fundo Monetário Internacional A Administração de Recuperação Econômica, nos Estados Unidos, vai comprar diversos produtos brasileiros para a Bizonia alemã. Restabelecimento completo das relações entre os Estados Unidos e a Espanha.

## Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; emfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

### Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

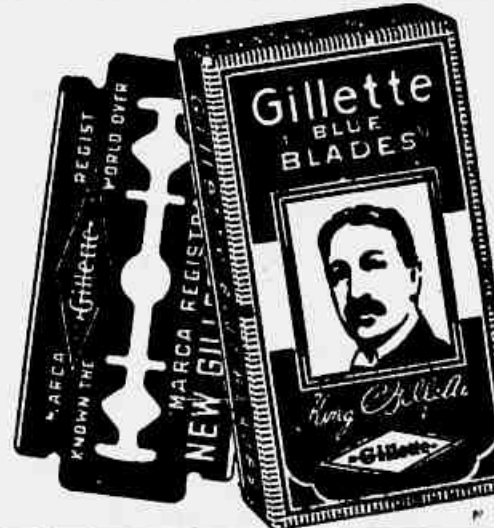
## CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

# Maior

- DURABILIDADE
- ECONOMIA
- CONFORTO



## Lâminas GILLETTE AZUL



## CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios — Sindicatos — Centros Espíritos, etc. — Qualquer quantidade

MOACYR F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 831  
SOBRADO — TELEFONE 43-5476

Atendemos pelo Reembolso Postal





Elas se exercitam com "Colt-45". As duas em trajes civis, são as recrutas Ursula Schuster e Irmgard Rothmann

# A POLÍCIA FEMININA RESOLVERIA O PROBLEMA?

Fotos KEYSTONE PARA "REVISTA DA SEMANA"

**M**UITA gente julga que a administração pública sofre suas maiores dores de cabeça perante o julgamento do povo, através das dificuldades financeiras, quando há carência de fundos nos orçamentos deficitários e muitos dos secretários de Estado pedem demissão ou fazem reclamações por falta de verbas.

Há até uma classificação para esta falta de dinheiro: o veto em branco. Vetar em branco é não cumprirem os governos determinadas leis votadas pelos Congressos ou Câmaras Municipais, pelas quais foram concedidas verbas para execução de qualquer serviço público.

Murmuram os menos avisados ou homens de má fé, acusando os governos acerca de tais fragilidades políticas, quando, na verdade, o que há é absoluta fal-

ta de numerário autorizado em lei.

Mas, como iamso dizendo, o que mais dói de cabeça dá ao executivo, seja o da União, seja o dos Estados ou dos Municípios, não é a dificuldade de dispôr de dinheiro para realizações de obras públicas aprovadas pelos legislativos; o que, na verdade, irrita e muitas vezes causa até revoluções, é o serviço de Polícia, de Polícia Civil.

Na situação atual de desenvolvimento social, tanto aqui, como em qualquer dos mais adiantados e cultos países do mundo, não resta a menor dúvida de que os governos têm necessidade de manter bem organizado e disciplinado o seu corpo de polícia civil.

Dizem que está na Inglaterra e, particularmente, em Londres, a melhor polícia do mundo. Os

guardas policiais que nos acostumamos a ver nos filmes, rondando o Hyde Park e ouvindo calmamente oradores populares atacar até a própria coroa imperial, quando, eles próprios, cometem qualquer excesso, todas as bocas se movem para criticar o governo que está no poder escorado no respectivo gabinete, e muitos reclamam do próprio Rei as providências para a brutalidade da polícia contra as vítimas de sua fúria.

Isto em Londres, com uma polícia modelar e tolerante como não há outra no mundo. Que se poderá passar em países de mais escassa cultura, e onde já se sedimentou na consciência do povo a ideia preconcebida de que a polícia age violentamente em qualquer hipótese?

Dentre os diversos episódios registrados em nossa pátria a

respeito de polícia, não lembramos da ideia de que lançou mão o governador Batista Acioli, quando assumiu a direção do Estado de Alagoas como sucessor de Clodoaldo da Fonseca.

Batista Acioli era um homem de direito e, se não nos acostumamos a ver nos filmes, não nos acostumamos a ver a Lei e a ordem em todo o Estado. O regime de policiamento deveria passar por uma profunda reforma no sentido de levar ao povo alagoano a certeza de que iria viver em paz civil e esta salvar das censuras o seu governo.

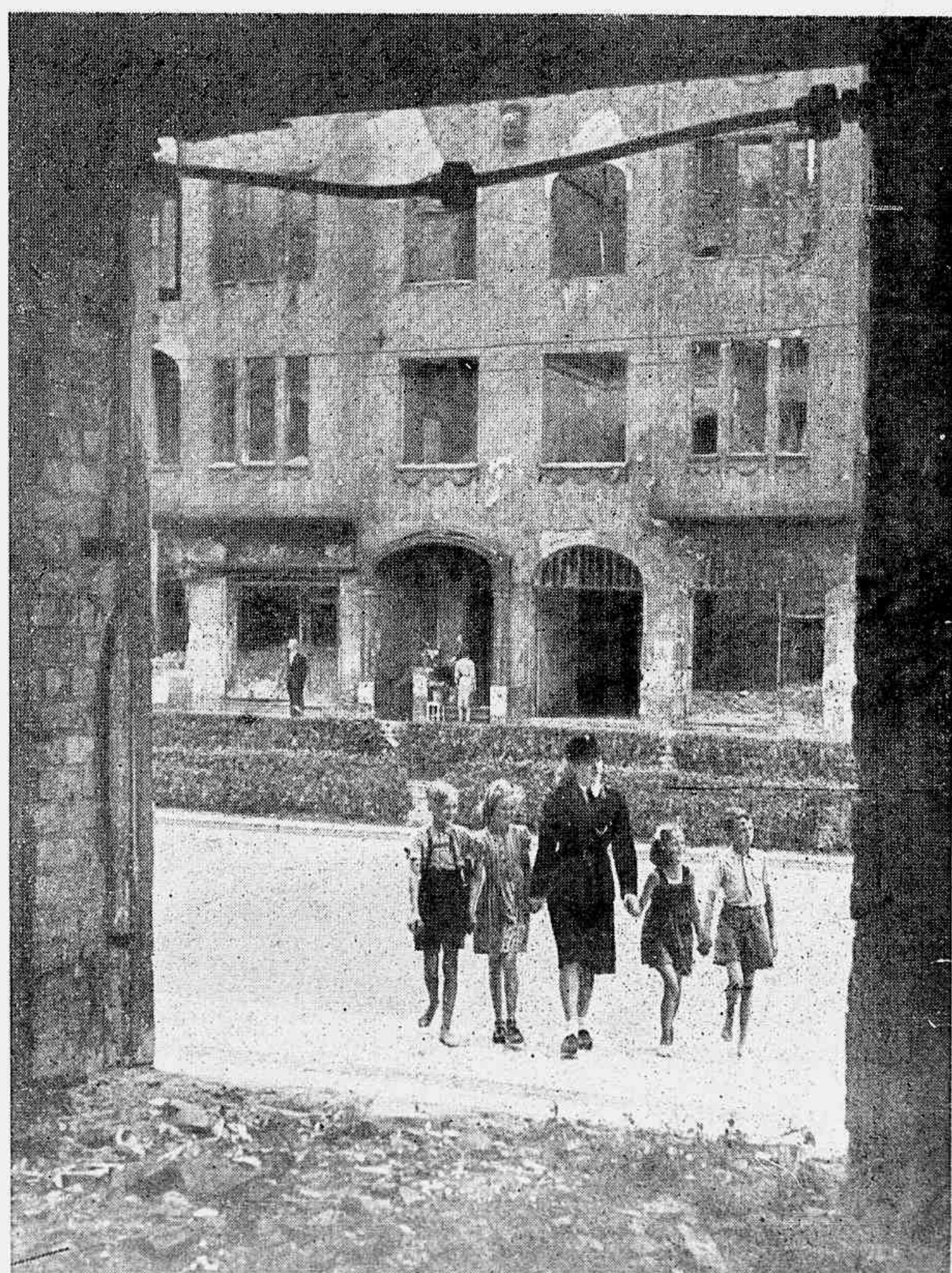
E substituiu, da maneira mais recôndita, a ideia da polícia militar, que estavam espalhadas por todos os pontos do interior, por unidades fardadas de guardas, cujo uniforme dava ideia de

lembra-  
lançou  
Acioli,  
do E.  
de Clo-  
Fonseca  
rel em  
namos,  
acostu-  
Lei e  
todo o  
Esta-  
funda-  
lar ao  
de que  
polícia  
seu  
aos  
dórgas  
stavam  
estaca-  
médios  
cujos  
estolos





AO ALTO — Este agente de câmbio negro foi surpreendido pelas duas policiais, justamente quando conferia seu "caixa" entre as ruínas de uma casa no setor americano de Berlim, longe das vistas do público. — Após uma visita ao xadrez as duas recrutas voltam aos seus deveres nas ruas. EM BAIXO — Irmgard e Ursula treinam em duros exercícios de defesa pessoal. — Ursula Schuster, jovem policial conduzindo crianças numa rua em ruínas do setor americano de Berlim







DEPOIS DE UM CURSO de oito semanas, enviamos a farda Irmgard (à esquerda) e Ursula (à direita), de 20 e 22 anos, respectivamente: a primeira era empregada de escritório, e a outra fez parte do Corpo de Trabalhadores de Hitler, de de a saída da escola até ao fim da guerra.

destinados a converter os criminosos primários ou não, nas novas estradas de Damasco da civilização. Milhares de guardas-civis se espalharam pelos sertões. Não usavam armas de fogo, e sim "casse-têtes". Não usavam bonés militares, e sim chapéus de abas largas e copa em funil quadrangulado, tendo uma daquelas abas levantada e pregada à copa, semelhante chapéu de embaixador, ou da polícia montada do Canadá. A diferença era a aba direita erguida. Muito pitoresco o uniforme da nova polícia alagoana.

Dentro, porém, de poucos meses, tudo voltou à forma primitiva. Os sertanejos nenhum respeito estavam ligando àqueles policiais civilizados, e, se não voltasse o soldado com seus "nagants" e carabinas, "manulinha", como chamavam, tudo estava perdido desde Maceió aos confins de Mata Grande.

Os governos não criam corpos policiais com a idéia preconcebida de perseguir o povo, está visto, até porque o dever do Poder Público é o de proporcionar às populações os meios de que precisam para viver em paz, livres

de arruaceiros, de ébrios, de provocadores, de ladrões, de todos os elementos desclassificados que as próprias camadas baixas da sociedade produzem, como os miasmas saem dos pântanos.

Quando, porém, sucedem choques entre elementos do povo e os policiais, o problema é muito delicado: nem sempre é fácil saber se a culpa do conflito cabe à polícia ou a algum provocador. Não desejamos fazer aqui a defesa de ninguém, pois sabemos que, muitas vezes são certos elementos da polícia que, por simples vingança, ou estimulados pelas "munidades de sua missão, começam um barulho e este se avoluma pela intervenção de mais companheiros, degenerando, às vezes em verdadeiros casos melindrosos para o poder público. Entretanto, força é confessar, outras vezes tais episódios, sobretudo desagradáveis, são provocados por civis para os quais criar barulho é um dos seus mais agradáveis esportes. E, se a polícia intervém fazendo uso de suas armas, resultando daí ferimentos, a maioria dos comentaristas fica ao lado do povo, contra a polícia. São maneiras de analisar os fenômenos sociais,

URSULA E IRMGARD cumprem a primeira missão de rua, conferindo um mapa da cidade com M. Wilson do Serviço de Polícia Militar, em Haupt-trasse no setor americano







AS DUAS DIPLOMADAS DA polícia, já usando seus uniformes, almoçam calmamente. Pela cara, Ursula não parece estar gostando muito da sopa que Gradé lhe arranhou

para os quais não emitimos opinião, porquanto sempre achamos que esses casos têm por origem um estado de civilização ainda incipiente.

Os governos têm, constantemente, inovado sua organização policial, especialmente na Capital da República. Tivemos guarda-noturna, mantida através de contribuições particulares; possuímos a polícia do tráfego; a polícia especial, chamada de choque, a rádio-patrolha, etc. Faz poucos dias passaram nos cinemas um filme mostrando como agem a Pol. Especial e a Rádio-Patrolha, quando se faz necessária a dissolução de um comício não autorizado pela polícia.

A cena foi posada com toda técnica cinematográfica, e vimos as várias sequências da película, desde a subida dos manifestantes ao coreto, o discurso inflamado do seu orador, a assistência a aplaudi-lo, quando chega a Rádio-Patrolha e age a gás lacrimogênio e a cassetete; manifestantes reagem a revolver e a pedradas. A polícia toma posição, estendidos os corpos ao solo e replica, avançando até agarrar os principais cabeças, levando-os no carro correcional.

Não há quem negue, porém — e os recursos da técnica moderna para tanto muito contribuem — que o Estado cada vez mais pro-

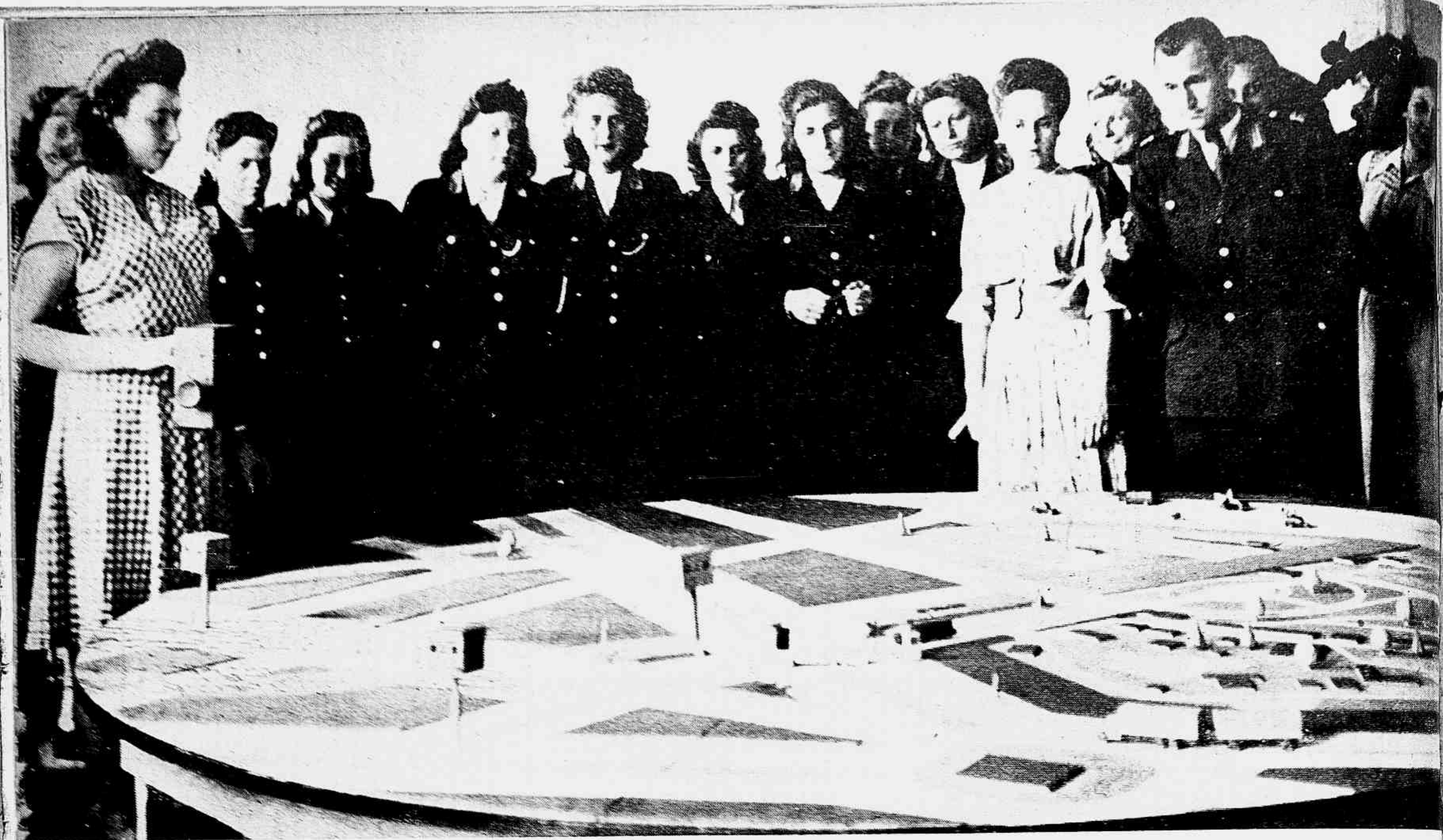
cura aprimorar seus meios para garantia de sua própria segurança. E isto não é objetivado apenas no Rio ou em Buenos Aires. Na Europa, e, particularmente na Alemanha ocupada pelas potências ocidentais, acaba de receber serviço policial inovação bem curiosa, como passamos a noticiar ilustrando com os "cliques" desta crônica.

Até às mais recentes divergências entre os aliados ocidentais e o setor soviético em Berlim, só havia uma força de polícia, sob a direção de Paul Magraf, de indicação russa. Esse presidente de polícia era antigo coronel do exército alemão e foi capturado pelos russos em Stalingrado, tendo depois feito um curso de assuntos comunistas na U.R.S.S., recebendo até elogios. Por motivos policiais foi considerado indesejável pelo Conselho de Berlim — substituído pelo dr. Friedensburg, que se tornou responsável pelos negócios de polícia. Os russos o reconduziram, o que levou o Conselho da cidade de Berlim controlado pelos ocidentais a formar um corpo de polícia separado do russo, e dirigido pelo dr. Johannes Stumm que organizou uma polícia para os setores da Inglaterra, França e Estados Unidos, composta de homens e mulheres. Para isso o dr. Stumm fundou uma Escola de Polícia, com todos os requisitos. Esses



URSULA SCHUSTER e IRMGARD ROTHMANN chegam à Escola de Polícia em Spandau, nas vizinhanças de Berlim, para receber suas primeiras lições





O instrutor dando lições novas áreas em miniatura onde ocorrerá um acidente de tráfego

dos hierárquicos policiais têm dado motivo a sérios conflitos com repercussão internacional, aumentando a tensão no mundo inteiro. Tanto aos homens como às mulheres que vestem o uniforme da nova polícia dos ocidentais, foi advertido que tives-

sem muito cuidado para não transpor o setor russo, para não provocar distúrbios ou atos de psicologia. Parece que entrará aí um pouco de psicologia. Um tipo feminino tentado, emulando por um uniforme elegante e luxuoso, bem poderá arrepiar os impul-

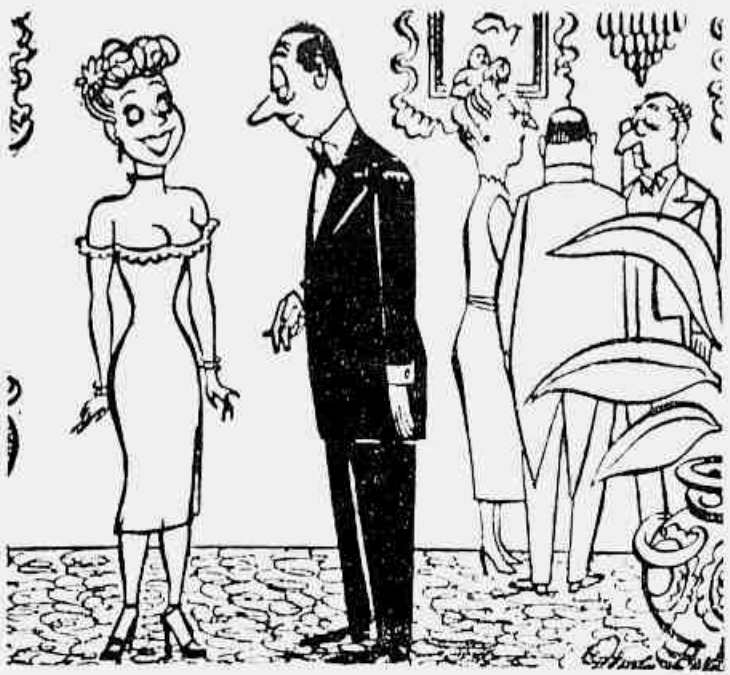
sos de qualquer "apaixonado". ... Será que o novo diretor de Polícia, com sua escola de Spandau, nos arredores de Berlim sob domínio soviético, lançando centenas de lindas garotas, resolverá o sempre melindroso e intricado problema policial? E se nós, aqui

no Rio, fôssemos experimentar essa inovação? Poderia a polícia do Distrito Federal resolver o problema da Cidade Maravilhosa? Tudo dependeria, em grande parte, da escolha dos elementos. Se irresistíveis, quem não se entregaria?



A INSTRUÇÃO — DUAS NOVAS EMPLACADAS. Enquanto a Rússia mantém suas tropas no setor americano, os americanos mantêm suas tropas no setor russo. A instrução é dada em alemão, russo e francês.



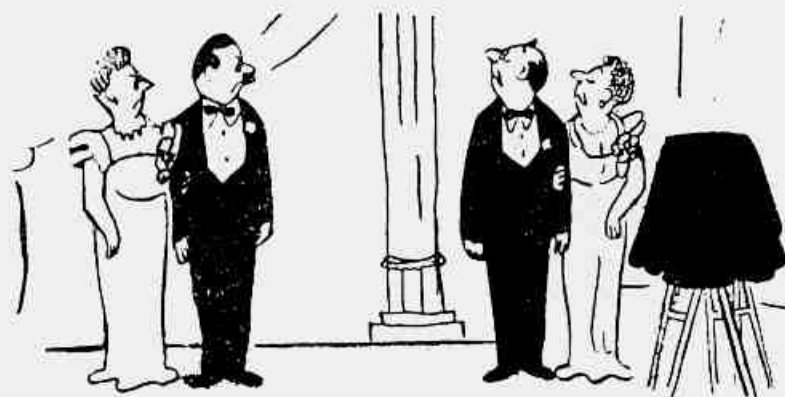


— Que acha do meu novo vestido, barão?



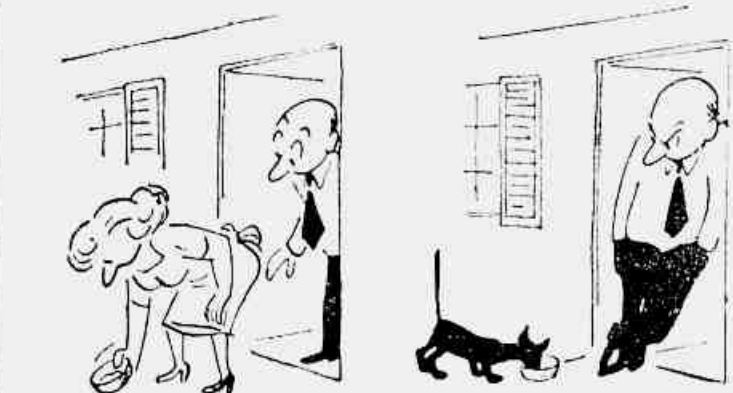
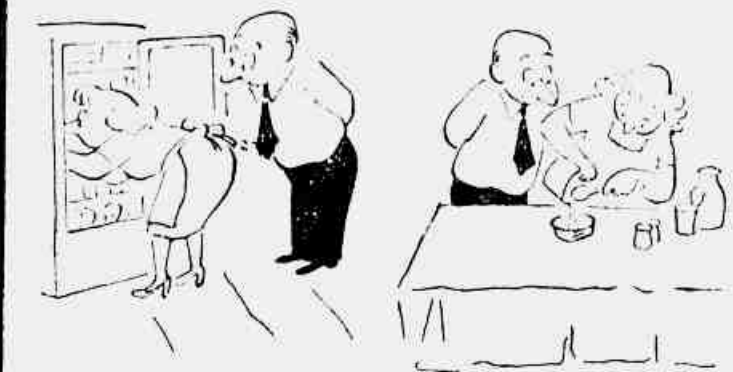
Frank Owen

### UM SORRISO PARA O FOTÓGRAFO

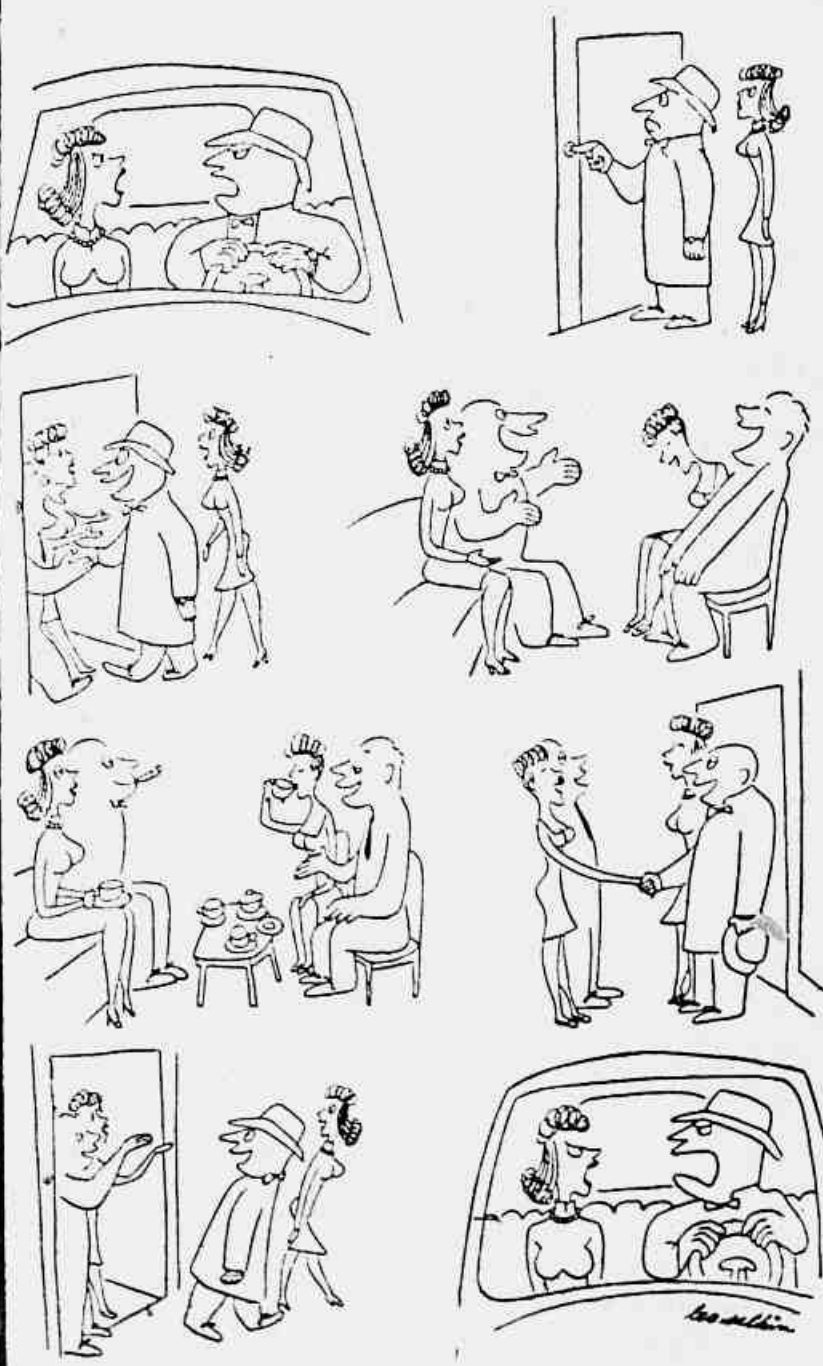


Leed Ken

## BOM HUMOR



— Vamos meu filho, é tão feio roubar! Toma 50 centavos para o café.







Potyguara Lazzaroto. Poty falando ao repórter

## CHEGAM OS DE 45

A EXPOSIÇÃO DE JOVEM PINTOR PARANAENSE NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES — PRÊMIO DE VIAGEM A PARIS — POTYGUARA LAZZAROTO, FEDOR DOSTOIEVSKI, PETER TCHAIKOVSKI

Texto de PERICLES LEAL

Fotos de A. VIEIRA



"RETRATO"

É um movimento dos mais expressivos a se estender por todo o Brasil, constituído por figuras jovens das letras e das artes que se propõem fazer uma revisão dos valores de 22 e 30 e, pretendem, ainda, traçar uma norma inteiramente sua para a criação e fixação de uma literatura e uma arte nova em nosso país.

O movimento de 45 — como é chamado por alguns — não vem, contudo, com a ferocidade destruidora de 22. Os da geração da segunda Guerra Mundial acataram e aproveitaram, perfeitamente, até aquilo que os modernistas conquistaram ou criaram. Contudo, acontece que os desheredatários do movimento modernista foram implacáveis demais em seus julgamentos e, como não puderam deixar de acontecer, deixaram-se levar por excessos dos mais prejudiciais, transformando, muitas vezes, a literatura e a arte num verdadeiro monstruoso sem formas, sem lógica e destituído de qualquer valor essencialmente construtivo.

É verdade que existem exceções as mais brilhantes. Ninguém poderia negar o valor de um Mario de Andrade e seria absurdo tirar a José Lima de Alencar o título de o maior romancista do seu tempo. Contudo, este é o hora da revisão, a instantânea propicia a separação do joio do trigo...

Assim é que o jovem poeta José Regio define a diretriz do movimento post-modernista brasileiro com a seguinte frase:

Não se trata mais de  
fazer a arte para a arte  
— é a arte que se faz para a vida.

Sim, a geração nova do Brasil acredita que existe algo mais puro e perfeito do que já se tem realizado entre nós. Não desprezam a contribuição dos de 22 e 30 repetidamente, mas têm as suas próprias idéias sobre literatura e arte. E querem pô-las em execução. A posteridade, então, fará a nova revisão...

Foram os meios do Paraná os primeiros que desfilaram a nova bandeira, depois de chegarem à conclusão de que aquele Estado sulista ficara à margem de todas as manifestações do espírito que se desenvolveram no nosso país. Rapazes, como o contista Dalton Trevisan e outros, aguardavam o ensejo propício ao lançamento da semente nova na sementeira adormecida.

Foi então quando um velho repórter de Paris, donde fora com uma bolsa de estudos do Governo francês, o jovem pintor paranaense Potyguara Lazzaroto. O repórter vinha acompanhado com a nossa própria ignorância. Se ele lembrava o que vira em Paris, corria. E a gente aqui a pintar monas e a marcar raios no mesmo lugar.

Foi começado a nova cruzada. Num instante o fogo do entusiasmo alastrou-se por todos os recantos do Brasil. Hoje, o movimento dos de 45 está tomando a atenção pública, fazendo os olhos de 22 tomarem cuidado com o que disse-ram e com o que escreveram porque os rapazes que vêm hoje a escrever não querem apressar o poder instalado no governo que quer ter uma lista de José de Alencar.

A primeira exposição de Potyguara Lazzaroto, POTY, foi realizada na Escola Nacional de Belas Artes.



Nacional de Belas Artes, numa sala modesta, os trabalhos sem as vistosas molduras convencionais, sem os programas impressos com o retrato cinematográfico do pintor... Nada disto. Poty esclarece que não lhe interessa certa espécie de frequentadores de salões de pintura. Não é fabricante de molduras. A sua arte é somente a figura pura, forte e às vezes violenta, no ambiente dostoievskiano.

Poty começou a pintar desde criança. E' dos verdadeiros talentos das artes plásticas. Espontaneidade, eis o que sempre teve. Quando garoto, fazia histórias em quadrinhos para revistas de Curitiba. E, com o passar dos anos, sentia necessidade de horizontes mais vastos. Ingressou numa escola de pintura. Entregava-se ao seu mistério com amor, rabiscava o dia todo, esquecia as outras matérias do curso, fazia gazêta para ir dar uma «espiada» num quadro bonito que havia na casa de um amigo, levava o nome de doido porque se demorava horas inteiras a apreciar os carvalhos tristonhos sob a neve do inverno...

★

Até que, em 1942, Poty foi distinguido pelo Governo do Paraná com uma bolsa de estudos aqui no Rio. Veio, tomou os ares da metrópole, fez novas amizades, visitou os museus, correu as praças, embrenhou-se pelos bairros pobres da «Cidade Maravilhosa», viu a miséria nas favelas, procurando captar o espírito da gente que sofre, luta e ama durante as vinte e quatro horas de um dia de vida de um sêr humano.

E, em 1946, novo prêmio conquistou o jovem artista paranaense. Distinguido pelo Governo da França, lá se foi para Paris. E é com o seu eterno sorriso que nos diz:

— Em Paris não tive quase tempo para pintar. Ah, Paris, meu amigo! Passava os dias todos nos museus, nas galerias infindáveis, vendo exposições de artistas de todo o mundo, entrando em contacto com a gente francesa, conversando, discutindo, procurando aprender o mais que podia no pequeno espaço de tempo de que dispunha. Foi mais um período de observação, não posso dizer de estudos propriamente. Observação, sim.

De regresso, Poty liderou o movimento dos «vinte anos na ilha», do Paraná, a cujas magníficas consequências já tivemos oportunidade de nos referir nestas notas.

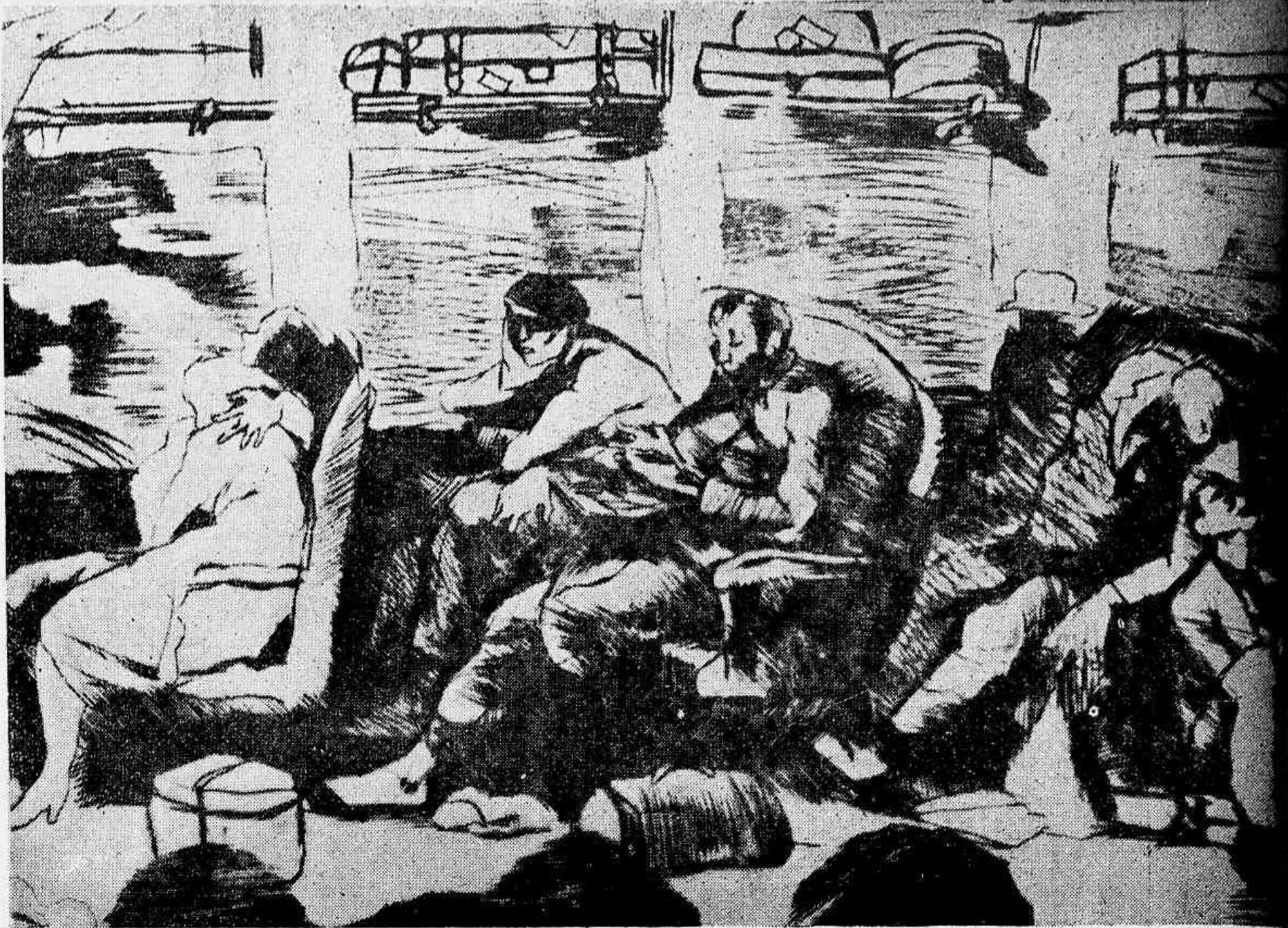
★

Como não somos críticos de artes plásticas, mas, simplesmente repórteres, endereçamos as nossas notas ao grande público do Brasil e não aos gravíssimos e doutos senhores que carregam pomposamente este título, escusamo-nos dos termos técnicos que, em última análise, às vezes são a cobertura mais propícia à mediocridade...

A pintura de Poty é vigorosa, realista e cheia de vida interior. Lembra um livro de Dostoievski em sua atmosfera de drama (no bom sentido), de verdade pura. Poty põe de lado as belezas fáceis e procura a raiz das coisas. Tanto assim que nas suas cenas de mar, ao contrário das eternas ondas azuis e das gaivotas enamoradas, vemos o convés sujo, roupas trapejando ao ar. Isto para não citarmos todos os seus trabalhos, estuantes de vida e de verdade. As reproduções que ilustram estas notas falam melhor do que nós.

Outro traço marcante da personalidade do jovem pintor paranaense, é o antagonismo de seus dois temperamentos. Pessoalmente: alegre, boa mesada, comunicativo. Artisticamente: drama, sombra, realidade fria e quase sinistra. Daí ocorrer uma associação de idéias com Tchaikovski. O «Retrato», que estampamos nestas anotações, em música, seria uma berceuse do admirável compositor do século passado.

Poty ilustrou, ainda, o livro de contos de Dalton Trevisan: «Sete Anos de Pastor», grande acontecimento literário do ano.



"TREM NOTURNO"



"CALDEIRAS"



"FUNERAL"





## OS MESTRES DA MÚSICA

Gentil Puget lutou pela música de sua terra. Alberto Montalvão seguiu-lhe as pegadas. Grudou-se ao rádio, com o firme propósito de revelar aos cariocas, o quanto o Brasil possui de belo. Cantou seus rios, em embaladoras canções. Depois, reviveu-lhe os acontecimentos históricos em melodias suaves. Eis quando a cultura musical da nova geração mexeu-lhe com a sensibilidade. Era preciso educar os jovens de hoje, ensinando-lhes a compreender e sentir a verdadeira música. Alberto Montalvão, desta vez, voltou-se para os clássicos. Resumiu-lhes a biografia, estudou-lhes as grandes peças e passou a movimentar locutores e discotecários para apresentar um programa de qualidade. Porém, maiores sacrifícios foram exigidos. Montalvão não se conformava em ver seus esforços arquivados no escaninho da emissora em que trabalhava. O material que de linotipo começou a fazê-lo pensar num livro. Seu sono deixou de ser tranquilo, ante a visão de volumes e mais volumes da que escrevera para o microfone. Uma tarde, Montalvão agarrou-me na avenida. Seus olhos brilhavam diferente. De seus lábios pendia o sorriso da vitória. Sim, Alberto Montalvão tornara realidade o sonho acalentado. Editará uma série de biografias dos grandes mestres, dedicando aos estudantes do seu país. Mesmo sem ser estudante, ganhei um exemplar. Nada de erudição. Matéria para qualquer um aprender. E como aprendi no livro desse jovem compositor... Dai, o conselho: "Os Mestres da Música", devem figurar na sua estante. Está bem?

A. MIGUEIS.

A V E M A R I A  
(Samba-canção)

Vicente Paiva e Jayme Redondo.

Ave-Maria  
Dos meus andores  
Rogai por nós  
Abençoai.  
Os pecadores...  
Desta terra morena  
Seus rios, seus campos  
E as noites serenas.  
Abençoai as cascatas  
E as borboletas  
Que enfeitam as matas.

Ave-Maria  
Crêmos em vós  
Virgem Maria  
Rogai por nós.  
Ouvi as preces  
Murmúrio de luz  
Que aos céus ascendem  
E o vento conduz  
Conduz a voz  
Virgem Maria  
Rogai por nós

R O S I T A  
Rumba de Rutinaldo — Criação  
de Ruy Rey.

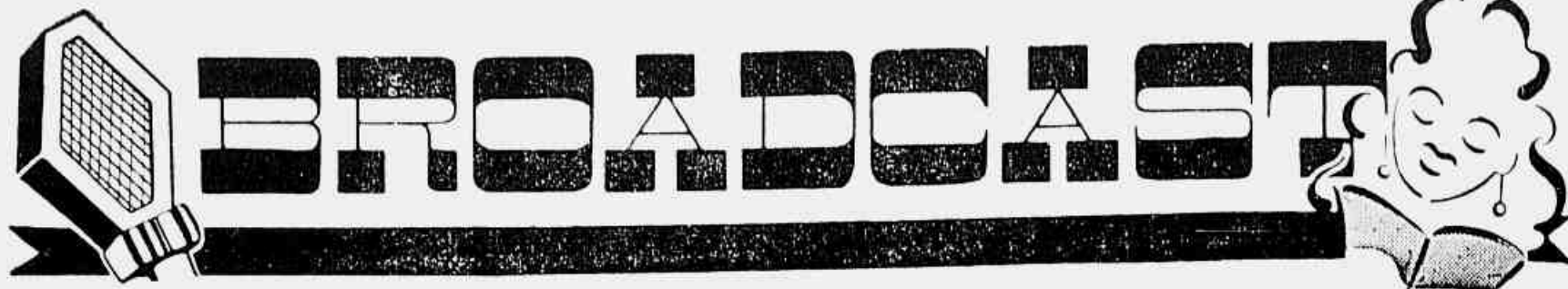
I

Rosita eres  
Una chica fenomenal  
Esa chica me cautivó  
Tiene un cuerpo moreno  
Lleno de curvas  
Que pide amor  
Rosita pasa  
En mi calle con su mamá  
Con Rosita yo quiero hablar  
Pero yo no consigo  
Siempre a su lado  
La vieja está.

II

Tu veré, tu veré...  
un burrito a volar  
Tu veré, tu veré...  
un cangrejo a bailar  
Tu veré, tu veré...  
hasta un mudo a cantar

Pero una negrita  
igual que Rosita  
Eso tu no veré  
Eso tu no veré  
Eso tu no veré.



A. MIGUEIS

YOLANDA FRANÇA  
MOREAUX

A música de classe tem em Yolanda França Moreaux, uma de suas mais perfeitas executantes. Nascida em Belém do Pará, encontrou no próprio progenitor, o mestre dedicado. Mais tarde, vindo para o Rio, ingressou no Instituto Nacional de Música, no curso do professor Custódio Fernando Góis, obtendo após brilhante prova, o grande prêmio Medalha de Ouro. Sua atividade artística é das mais intensas, já tendo realizado inúmeros concertos nos principais Estados, além de ter atuado como solista em concertos para piano e orquestra, no Teatro Municipal. No «broadcasting», brasileiro, colabora de maneira entusiástica, apresentando-se em programas como «Momentos Musicais», irradiado pela Cruzeiro do Sul. Já tocou para os ouvintes da Roquete Pinto e participou de algumas audições da PRA-2, além dos concertos que realizou ao microfone da Rádio Mauá. Para o Serviço de Difusão Cultural gravou cerca de vinte composições de autores célebres. Yolanda França Moreaux é casada com o crítico e poeta Silvio Moreaux, sendo mãe de interessante garota. No momento, a apreciada pianista integra a Sociedade Carlos Gomes e contribui para o êxito do «Momentos Musicais».

## RÁDIO-FLASHES

★ A Rádio Tupi, segundo informações colhidas em seus bastidores, sofrerá novas modificações na sua diretoria. José Mauro, será elevado ao posto de diretor de «broadcast» da «emissora associada», em substituição a Antônio Maria. Quanto à parte comercial, continuará sob a orientação do sr. Ovidio Grotera, sendo possível o contrato de novos artistas, inclusive para o setor de teatro-cego.

★ Carlos Ramirez, desta vez, preferiu assinar contrato com a Rádio Nacional. O intérprete da música hispano-americana apresentou-se aos ouvintes da PRE-8, através do programa César de Alencar. Carlos Ramirez poderá ser ouvido, também, numa das «boites» cariocas, onde canta todas as noites.

★ Gregório Barrios virá ao Brasil, eis a boa nova para quantos o apreciam. E, caso cheguem a bom termo as negociações, o famoso artista cantará ao microfone da Rádio Globo, abrindo com chave de ouro a temporada de cartazes internacionais. A respeito desse astro, podemos anunciar que acaba de pôr na cena o bolero de S. Pondal Rios e C. Olivari, com música de Paul Misraki. «Una Mujer».

★ Escrevendo sobre o «Teatro de Sonho», crítico João Melo afirmou ser o mesmo o teatro de câmera, que não precisa de bracejamentos e pernas, sem ódios, nem gritaria. Está, portanto, de parabéns, o novelista Amaral Gurgel, autor dessa realização que a Globo apresenta no desempenho de João Villaret, Maria Sampaio e Saddy Cabral.

★ Em prosseguimento à série de lançamentos que vem fazendo, a Mayrink Veiga anuncia «O pão nosso de cada dia», programa escrito por Mário Facchini. Outra novidade da PRA-9, é Carmélia Alves, interessante intérprete de nossas melodias populares, que durante alguns anos esteve radicada no «broadcasting» da paulicéia.

★ A PRE-8 inaugurou seu novo transmissor de cinquenta «kilowatts». A solenidade contou com a presença do Presidente Eurico Dutra e de outras autoridades. Despedindo-se do antigo transmissor, falou Celso Guimarães. Após o ato, a Nacional apresentou um «show», em que tomaram parte os integrantes de seu «cast» artístico.

★ Alberto Madeira voltou ao microfone. O sóbrio e discreto locutor, atendendo ao amável convite da direção da PRG-3, passou a comandar os programas noturnos dessa estação. Isto não o impedirá de continuar dirigindo a sonoplastia da Tupi.

★ Manoel Jorge mudou de prefixo. Sua atual estação é a Continental. Ali, ele está dirigindo e apresentando «Cine Teatro em Revista», programa dedicado aos assuntos do palco e da tela.

★ Armando Queiroz entrou em negociações com a Cruzeiro do Sul. Carmen Miranda cancelou sua viagem ao Brasil. O conjunto «Anjos do Inferno» solucionou a questão que os privava de permanecer na América. Aniz Murad está questionando com a «emissora do trabalhador»...

VOCÊ TALVEZ NÃO  
SAIBA QUE...

...Graziela Ramalho, exclusiva da PRE-3, ora vivendo o papel de Mariana, na novela «Arrependimento», é quem cria, desenha e executa seus próprios vestidos. Por essa razão, a querida rádio-atriz é muito procurada por nomes conhecidos nos meios elegantes do Rio.

...Antônio Conselheiro não é tão velho assim. Presentemente, conta 43 anos de idade e 6 de atividade radiofônica. É formado pela Faculdade de Medicina, exercendo funções numa das autarquias e prestando serviços médicos a um clube de futebol.

...Ari Barroso estreou como locutor esportivo durante a transmissão de um clássico Fla-Flu, através da Rádio Cruzeiro do Sul. Isto, depois de auxiliar a Gagliano Neto, numa irradiação do circuito da Gávea. Aliás, foi na PRD-2 que o atual vereador conseguiu extraordinário cartaz.



Paulo Gracindo voltou ao teatro! O mais caro rádio-ator brasileiro aceitou o convite que lhe fora feito pelo empresário Sandro. Dessa maneira, Gracindo está emprestando sua colaboração ao rádio, através da Tupi; ao teatro, por intermédio da Cia. do Fênix; e ao cinema, como galã de «Terras do Sem Fim»

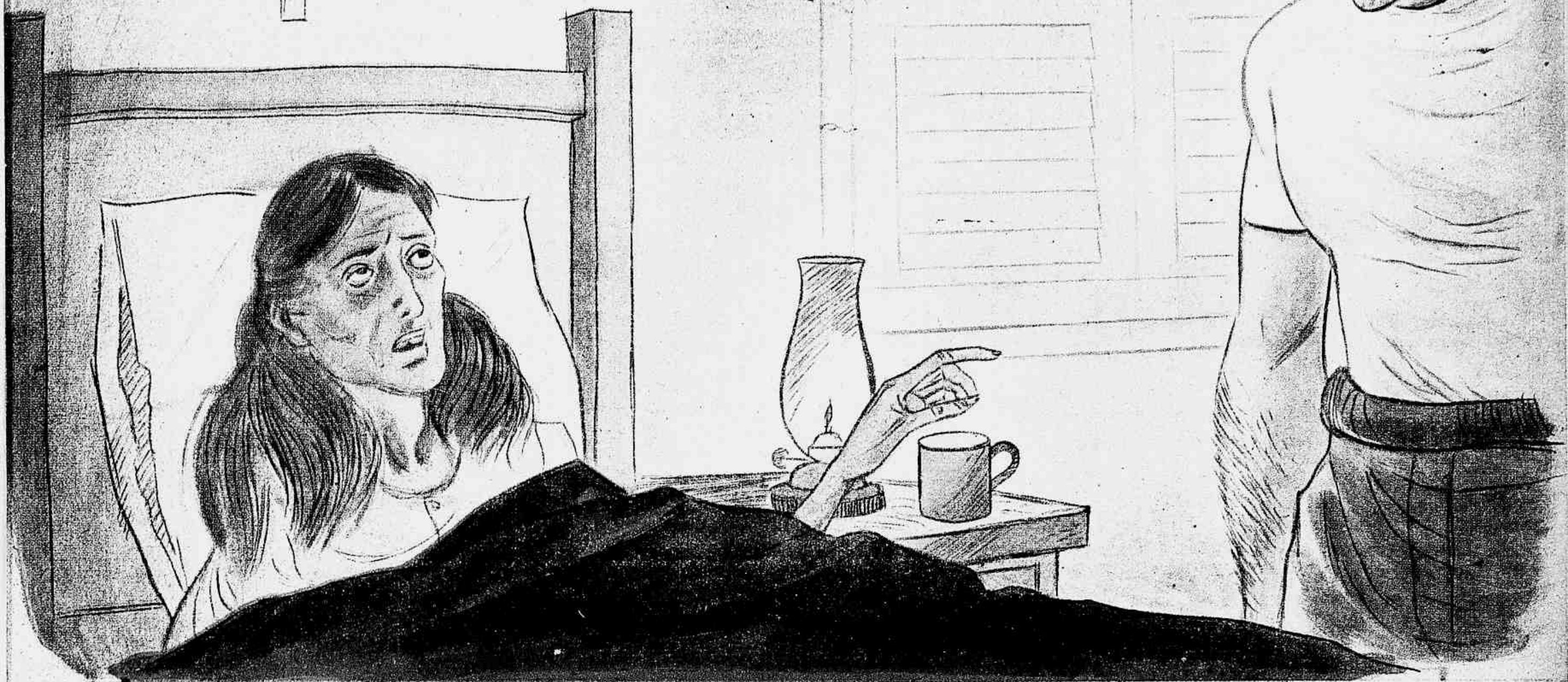
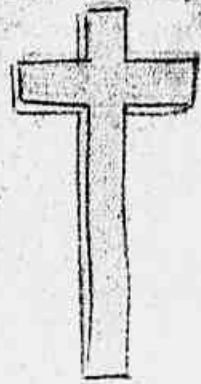
## RÁDIO-TEATRO ESCOLA — O «broadcasting» nacional ressurte-se de uma escola de rádio-atores,

considerando-se a importância do teatro cego nos dias que correm. suprir a carência de reais valores, sem necessitar recorrer aos elementos da ribalta.

Eis quando surge Berliet Junior, solicitando permissão para lecionar a uma legião de jovens, todos desejosos do triunfo no sem-fio brasileiro. Encontrou apoio na professora Magdala da Gama Oliveira, que lhe franqueou a Rádio Roquete Pinto para tão grande aventura. Berliet meteu mãos à obra. Esqueceu-se da divisão do tempo, passando a dedicar-se ao novo e arrojado empreendimento de sua carreira radiofônica. Muitas noites deixou de jantar para atender ao trabalho anônimo a que se entregou de corpo e alma. Chegou mesmo a rejeitar algumas propostas vantajosas, tão preso se deixou ficar no curso de rádio-teatro que idealizara. Nome feito, sem precisar de cartaz, o criador de «Lendas Maravilhosas» via e vê nessa autêntica aventura, a concretização de um velho ideal. Desse modo, tocando para a frente, ele reuniu, logo na primeira semana, duzentos alunos. E não fosse a exiguidade de tempo, já teria ultrapassado a casa dos mil. Foi preciso limitar o número, que, assim mesmo, chegou a trezentos e cinquenta. Hoje, clhando para sua invulgar obra, Berliet Junior sorri satisfeito porque o «broadcasting» nacional já não necessita bater à porta do teatro para conseguir artistas para suas novelas. Basta dar um pulinho nos estúdios da Rádio Roquete Pinto. Ali encontrará gente muito boa, capaz de substituir a altura, conhecidos figurões. Diversos elementos do «teatro-escola» de Berliet Junior foram aproveitados pelas estações particulares. Sabemos do interesse que a Tupi demonstrou por alguns. Não desconhecemos o contrato oferecido pela Mayrink Veiga a diversos. Tudo isso, meus amigos, fruto do esforço daquele que apareceu ao microfone da Cruzeiro do Sul, assinando «sketchs». Lutando para conseguir um lugar ao sol radiofônico, ele compreendeu a «pedra no meio do caminho» para os que desejam aparecer. Veio, então, em socorro dos novos, dando-lhes ensinamentos úteis e proveitosos. Sem fazer sensacionalismo, sem procurar publicidade, limitando-se a produzir, Berliet Junior forneceu um exemplo digno de ser imitado.



# AGONIA



O vento soprava em silvos estridentes que se impeliam, como perseguindo-se uns aos outros, numa carreira desbocada para o Infinito. As árvores, despenteadas desesperadamente pelas cem mil garras daquele monstro invisível que passava entre elas, retorcendo-as e fazendo-as varrer o solo com as cabeleiras, estalavam com ásperos e secos lamentos de todas as suas illores ou se desganhavam, voando em lascas, no rumo dos silvos estridentes. Tudo havia arrastado o furacão devastador em sua passagem de raiva pela terra, e Minguin, por trás dos vidros embaciados da janela, acabava de ver, como névoa de ouro, voar a derradeira meda de feno que estava no oitão da casa. Não adiantara prendê-lo com correias e cordas por todos os lados; o furacão havia vencido a palha e as amarras e de hoje em diante o burro e o boi teriam de estirar-se no solo nu e comer pedras. Santo Deus, que raiva! E o pobre Minguin, sentindo de novo que os olhos se lhe envenenavam de lágrimas, afastou-se da janela e voltou para a cabeceira da doente.

A ronqueira desta era cada vez mais forte e parecia que também naquela cama silvava o vento norte, com a única diferença de que os silvos não eram tão agudos nem tão apressados. A morte, com sua mão esquelética, marcava um compasso moderado.

Don Ramon tinha dito a Minguin que ainda restava um pouco de esperança, porém Minguin via que a estava perdendo. Assim o disse ao filho mais velho, fazia pouco.

— Tua mãe nos dará um desgosto, podes crer; aquela agitação que se nota na caixa do peito não me agrada; parece que lhe estão caçando a alma por todos os cantos.

Mas o filho tinha afastado aquele pressentimento. Aos jovens custa ficarem tristes; esperam sempre o último momento. Minguin, ao contrário, era outra coisa. Com Sabel se

Conto de **VICTOR CATALÁ**  
Ilust. de **ARMANDO MOURA**

★

lhe ia para o outro mundo a melhor jóia da casa, como dizia ele. O vento podia arrebatá-lo o palheiro e destroçar-lhe o salgueiral; até o Governo podia ter-lhe levado um filho para as Américas; porém com o verão rebrotariam os salgueiros e se levantariam molhos de feno novo e também, se havia perdido um filho, ficava-lhe outro a seu lado para ajudá-lo. Com Sabel, ao contrário, não havia consolo nem compensação possível, porque, quando a morte a levasse, nem voltaria a rebrotar, nem a ele restaria outra Sabel à mão.

E Minguin, que se afastara da janela, para não abrasar os olhos chorando pelas tristezas de fora, sentia que os tinha já nublados pelas lágrimas que lhe arrancaram as tristezas de dentro. Chorava a jorros, com a cabeça abatida e as mãos juntas, perto daquela cama enfeitada de ramos verdes e de nuvens de ouro em redor da Virgem do Carmo, que da cabeceira velava pela casa. Naquela cama havia-lhe nascido a avó, havia-lhe nascido o pai, havia nascido ele e agora lhe morria a mulher. E Minguin não podia afastar-se de perto dela, porque lhe parecia que assim que desse as costas pararia para sempre aquela estertor angustiante que trazia cravado no coração e nos ouvidos. Só ele havia velado a enferma, sem deixá-la um minuto sequer, senão para que se confessasse com o senhor reitor; havia sustentado uma vela enquanto lhe davam o viático e ele sozinho, para que Deus lhe devolvesse a saúde à sua Bel, tinha rezado mais partes de rosário do que todos os outros juntos. Porém Deus não queria ou-

ví-lo e Sabel morreria se Don Ramon não fizesse um milagre. Já neste ponto dos seus pensamentos, indagou de si mesmo por que não tinha voltado Don Ramon; não o vira desde a noite passada, apesar de Sabel estar em perigo. E' verdade que não era coisa simples ter de andar um quarto de hora no meio daquele vendaval; porém por Sabel podia fazê-lo, pois, para Don Ramon, Sabel não era um doente como qualquer outro. Devia ter-lhe mais consideração, porque havia trabalhado na casa dele até que saíra para casar com ele, com Minguin, e depois de casada sempre lhe havia querido bem, e os ovos mais bonitos, as melhores frutas e as linguças maiores, tudo ia parar na casa do médico. E Minguin não se queixava; ao contrário: o que Sabel fazia, bem feito estava, e considerava muito direito que tivesse apêgo à casa onde havia sido empregada.

Até ele mesmo recordava os dias de santo e as festas, para que ela não se esquecesse. Porém, francamente, Don Ramon não lhes havia correspondido como mereciam. Minguin não se atrevia nunca a dizer a Sabel; mas era a verdade. E' certo que de respeito ao casamento havia pago o carro e as licenças. Mas, agora isso, que outra coisa tinha feito por ela? Cobrava-lhes o mesmo, até nos anos de maior miséria e quando lhe pediram dinheiro para livrar do sorteio o herdeiro, lhes disse que só podia emprestar-lhes vinte e cinco duros, porque lhe morrera a égua e tinha de comprar outra; tanto que o filho teria de ir servir, se o amanuense não lhes emprestasse os duzentos duros. E foi-se o pobre Joãozinho, o caçula, que Deus sabe quando voltaria, se é que voltasse, daquelas malditas terras... E ainda tudo se perdoaria a Don Ramon, com a condição de que salvasse Sabel. Podem fazer tantos milagres os médicos e há tantos remédios e mezinhas na



botica que parecia mentira que não se encontrasse nenhuma para aquela doença de Sabel!

— Min... guin! — murmurou a voz abafada e débil da doente.

Minguin acudiu pressuroso.

— Que queres, filha?... Um pouco de caldo?... Uma colher de remédio?

A enferma não respondeu. Minguin olhava-a ansiosamente através das pálpebras arrasadas. Passou-se um minuto...

Lentamente, com um grande esforço, a doente voltou o rosto para a janela. Os postigos rangiam sacudidos e pelas reixas e juntas da madeira ressecada entravam o frio e o grito da tramontana. Através dos vidros, tão embaciados que da parte de fora pareciam de latão, divisava-se o céu tempestuoso, côr de cinza...

— Que... horas... são? — articulou Sabel com esforço.

— Cinco, pouco mais ou menos... Queres alguma coisa?

— Não...

Ao fim de alguns instantes, a doente acrescentou, tão lentamente que Minguin, todo ouvido para recolher as palavras da mulher, apenas as entreouviu:

— Amanhã... a... esta hora já... es... tarei... lá fora!

Sentiu Minguin um golpe no coração e lhe tremeram as faces. Afogando os soluços à força de heroísmo e dissimulando como se levasse a coisa em troça, debuxou um sorriso que parecia uma careta e disse:

— Ah, valente! E aonde queres ir amanhã?

Sabel virou de novo para ele a cara esverdeada e descarnada e o contemplou com um longo olhar mortiço. Depois disse:

— Para o céu... se tu quiseses.

Os cabelos de Minguin puseram-se-lhe eriçados.

— Eu? — perguntou; e a voz se lhe engrolou como se o sufocassem com um laço corrediço.

— Se... quiseses... perdo... ar-me!

E tornou a fixar nele o olhar turvo.

Minguin compreendeu que estava nas últimas, que se ia de veras, e perdeu toda a serenidade; os olhos se lhe arrasaram de lágrimas e já não soube o que estava dizendo.

— Se te perdão? A ti, a ti, Sabel?

Novamente se ergueu do leito aquêle gemido estertoroso, espaçado por grandes pausas.

— O senhor... reitor... me mandou... que te dissesse... porque... senão... me condena... ria.

Minguin estava mais branco do que a parede. Instintivamente balbuciou:

— Perdoar o que? Se não cometeste nenhum pecado, criatura!

Com extremo esforço, pôde a doente mover a cabeça para acenar que sim.

O olhar de Minguin se acautelou entre as pálpebras castigadas; cuidou que a mulher estivesse delirando.

— Sabel, deixa que eu acenda a luz.

— Não! — disse a doente quase com vivacidade.

— Por que? Está escuro e não posso ver-te o rosto... — E se levantou.

— Melhor... prefiro dizer-te... no escuro... Senta-te.

Minguin, novamente desatinado, sentou-se à beira da cama.

— Que me hás de dizer, Sabel?

— Me perdo... arás?

Minguin estalou num soluço que não pôde conter, abateu a cabeça no travesseiro de Sabel e mordeu a lã. A enferma se remexeu angustiada, e saiu da cama uma bafurada forte de suor, de urina, um insuportável fedor de coisa decomposta. O estertor se fez mais cansativo e mais longo o sibilar.

— Me perdo... arás, Min... Minguin?

— Se não tenho nada que perdoar-te, Sabel!... Se tu foste a mulher melhor do mundo!

— Não, não! — repetia penosamente a ca-

beça da enferma, e sua voz apagada dizia com insistência:

— Perdo... a-me!

— Mas o que, Bel, o que?

— Perdoar-me... e depois... te... direi. E a doente se pôs a arranhar a roupa com os dedos como garras.

— Sim, sim — pronunciou Minguin desesperado. — Perdoo-te tudo, Sabel; tudo que tu queiras, tudo...

— Jura...

— Juro...! Tal como desejo ser perdoado por Deus Nosso Senhor!

Sabel fechou os olhos. Com o queixo afundado no peito, no travesseiro a cabeça de côr terrosa, parecia já morta e amortalhada. Só lhe faltava o crucifixo entre as mãos. Minguin não podia olhar para ela.

Fora o vento norte aumentava de fúria. Chegava a noite e Don Ramon não vinha. Se às sete horas não tivesse chegado, iria buscá-lo e o faria vir, por bem ou por mal. Dissera-lhe que restava um pouco de esperança e Minguin não podia consentir que Bel, sua Bel, morresse como um cão, sem assistência. Não lhes cobrava o mesmo que aos outros?

A lamparina, com os açoitados do vento, se atemorizava, revolvendo a pequena chama de um lado para outro, como se quisesse fugir do copo, e enchia a alcova de sombras misteriosas que divagavam pelas paredes e pelo solo em constante agitação.

— Min... guin!

— Que é que tu queres?

— Dá-me... a... mão.

E Sabel, tateando com angústia entre as roupas, retirou os dedos descarnados, somente pele e ossos, que à luz da lamparina tinham uma brancura sinistra. A sombra se desenhava na parede do fundo como uma garra negra que se movia.

Minguin fechou os olhos de espanto e apertou devotamente aquela mão úmida, rugosa e tibial.

— Sabel, filha... não te descubras, que te vás resfriar...

Uma careta dolorosa contraiu os lábios da moribunda.

— Ago... ra... já... não importa!

E com as garras da mão apertou estranhamente a mão de Minguin.

— Min... guin... escuta!

Sabel fatigava-se ao falar, e Minguin, para que ela não tivesse de se esforçar tanto, quase meteu a cabeça na cama.

— Fala baixo, Sabel, que estou te ouvindo.

— Mandarás rezar por mim quando eu tiver... morrido?

— Para que dizes estas coisas? Como se tivesses de morrer desta! Já sabes o que disse Don Ramon.

— Deixa... falar... Don Ramon! Eu... já sei... como estou. Embora... para ti... seja uma sangria... faz o meu funeral... Minguin... para que Nosso Senhor... também... me perdoe...

Minguin sufocava e não pôde responder. Sentia que lhe ardia a cabeça e se lhe gelavam os pés. A doente mantinha-lhe a mão apertada com a força de umas tenazes.

— E tu... não me amaldiçoas... quando... eu morrer!

Minguin levantou a cabeça e olhou-a assustado. No canto dos olhos da moribunda tremia uma lágrima, como uma gota de chuva na órbita duma caveira.

— Amaldiçoar, Sabel? Ave Maria Puríssima! Por que haveria de amaldiçoar-te, triste de mim!

— Porque eu me casei!... Eu não era... para ti...

— Já sei, Sabel, que não eras para mim; eu tinha quinze anos mais do que tu. Eras como a Virgem do Rosário e eu, feio como um espírito mau e pobre como um rato. A ti te namoravam todos os rapazes e a mim não me teria querido ninguém. Porém tu não pres-

taste atenção a estas coisas e é por isso que te quero tanto, Sabel... Só tu quiseste ver que teu primo Minguin era um homem de bem, trabalhador e que morria de amor por ti. A cabeça moribunda dizia "que não", "que não".

— Que queres dizer, Sabel?

— Que... te... enganei!

Ao pobre Minguin devorava-o a angústia. Não compreendia aquela misteriosa insistência de Sabel; teria querido fazê-la calar para que não acabasse com as forças; porém não se atrevia, vendo-a nas últimas, a contrariar-lhe a vontade. Não dava demasiada importância ao que ela dizia, porque acometem tantos escrúpulos aos moribundos! Qualquer tolice lhes parece um grande pecado, e de tudo se querem confessar.

— Não te entendo, Bel. Mas não te atormentes. Amanhã me dirás.

— Não... não... Amanhã... seria tarde... Já devia... ter falado... antes... porém... não me atrevia... Foste tão... bom... para mim!

— Do mesmo jeito que tu foste boa para mim, Bel!

— Não... não... eu... não... prestava!

— Ave Maria, Sabel! Não digas estas coisas!

A enferma fez um esforço para se endireitar, mas apenas conseguiu levantar um pouco os joelhos, que ficaram como uma colina na planície da cama, reproduzida na parede do fundo pela luz vacilante da lamparina. Em troca, aumentaram-lhe o cansaço e o estertor.

— Estás vendo como te prejudicas? Toma um gole de remédio.

E Minguin encheu a colher de madeira de remédio, porém as mãos lhe tremiam e derrama metade no chão e pela cama. Chorando de raiva e de agitação, deitou-a no copo, para a dar à doente.

— Isto te há de tirar êste cansaço e te sentirás melhor.

Sabel tomou-a sem resistência; já não sabia onde estava; no seu cérebro, a ponto de esfriar-se para sempre, só persistia a obsessão "daquilo" que "tinha" que "dizer".

— Prova, para dormir um pouquinho.

A moribunda se reanimou, assustada.

— Não... não; o senhor reitor me disse... que se não... te dissesse... me condenaria... e quero dizer-te... Minguin... Porém custa... tanto dizer... estas coisas!

Minguin juntou as mãos desesperado.

— Mas, valha-me Deus! Que é que tens que me dizer e que tanta angústia te causa?

— E' que... quando... me casei...

Minguin curvou-se sobre a cama, escutando avidamente.

— ...já estava grávida...

O que transcorreu naquela alcova depois da espantosa confissão foi um minuto trágico.

Minguin ficou como que ferido pelo raio imóvel, os olhos vidrados, aberta a bôca. Gelaram-se-lhe os pés, e todas as coisas se fundiram a seus olhos, na verdosidade duma névoa espessa. Ao mesmo tempo, a morte estendeu uma sombra arroxada pelo rosto da doente. A luzinha da lamparina moveu-se assustada, como se quisesse fugir, e as negruras inquietas, como grandes fantasmas vaporosos, turbilhonaram agitando-se em torno da agonia, enquanto fora a tramontana gemia desesperadamente em sua carreira desenfreada para o Infinito.

O débil gemido da enferma agitou de novo o mistério como apagado eco de outra vida:

— Tu me perdo... as... Minguin?

Minguin não disse nada; tinha a garganta seca, a voz perdida. Pestanejou, tremeu, porém não disse nada.

— Tu dissesse... que me... perdo...avas... Tu juraste... tornou a ouvir-se no leito, como queixa dolente, entre estertores e fedor de urina e coisa decomposta.





Virginia Mayo, da RKO, com uma linda blusa para o verão, em cambráia branca com bordados de cores vivas

**VAMPIRISMO** — Sim, pensava a minha amiga, deverá existir um meio que faça voltar para mim a atenção de todos... E, para esse fim, qualquer meio serviria, desde que ela sentisse sobre a sua pessoa olhares interessados e se apercebesse da curiosidade criada ao seu redor, como se estivessem todos pressentindo um mistério em sua vida. Resolveu, simplesmente, tornar-se **vamp**. Nada mais fascinante do que aquele jogo de olhares e de palavras que deixam sempre uma dúvida... Nada mais fascinante do que um **flirt**, bem ali, à vista de todos e até mesmo do marido; um **flirt** que mostrasse o seu poder de atração, ainda que tudo não passasse de um simples **flirt**; porque a tanto não chegava a audácia da minha amiga. Se em parte ela conseguia o seu intento (a carne é fraca, dizem os homens), se conseguiu chamar sobre a sua pessoa a atenção que julgava tão indispensável, não restava dúvida de que se estava envolvendo num jogo muito perigoso, bastante perigoso, capaz até de prejudicar a sua reputação e o seu nome. Se aos mais inteligentes não passavam despercebidas as suas manobras, se estes compreendiam desde logo que tudo não passava de caprichos de mulher frívola, aos outros, porém, iria prevalecer a primeira impressão, isto é, que se tratava para e simplesmente de uma criatura leviana que não sabia manter a decência que a sua situação exigia.

Assim existem muitas outras. Um grande número mesmo, de criaturas que per

de coisa mais importante e mais séria a fazer, têm a única preocupação de se tornarem o "pivot" de qualquer reunião ou de qualquer assunto. Para isso não vacilam em lançar mão de qualquer recurso, sem se darem ao trabalho de verificar se este poderá ou não prejudicá-las. Muitas são as que se utilizam da "arma" em questão: o "vampirismo", e dentro dessa "personalidade" traçam toda a sua vida. Seus traços são exagerados e impróprios; sua maneira de falar, seus gestos, os assuntos escolhidos para as suas palestras, tudo enfim, reflete a intenção de se tornarem misteriosas e fascinantes, criaturas irresistíveis, às quais homem algum deixará de fazer a corte... E' verdade que no primeiro momento fazem sucesso. Impressionam pela vivacidade, e conseguem mesmo ter sempre à sua volta um ou dois admiradores... Porém, depressa estes se cansam... Só mesmo uma pessoa ainda mais superficial e frívola poderá resistir-lhes por muito tempo. Depressa são percebidas as suas intenções; depressa se reconhece que não se dispõe de tempo para servir de "platéia" ou de "cobaia". E' possível que, dentro da sua futilidade não liquem importância a uma retirada, investindo então para outro "terreno", porém, é possível também que isto as faça refletir ou pouco e levá-las à conclusão de que afinal o seu fascínio e a sua atração não passam de frutos da sua imaginação. E, francamente, isto é um pouco triste.

KITTY.

## NOS BASTIDORES FEMININOS



AS INDISPENSÁVEIS

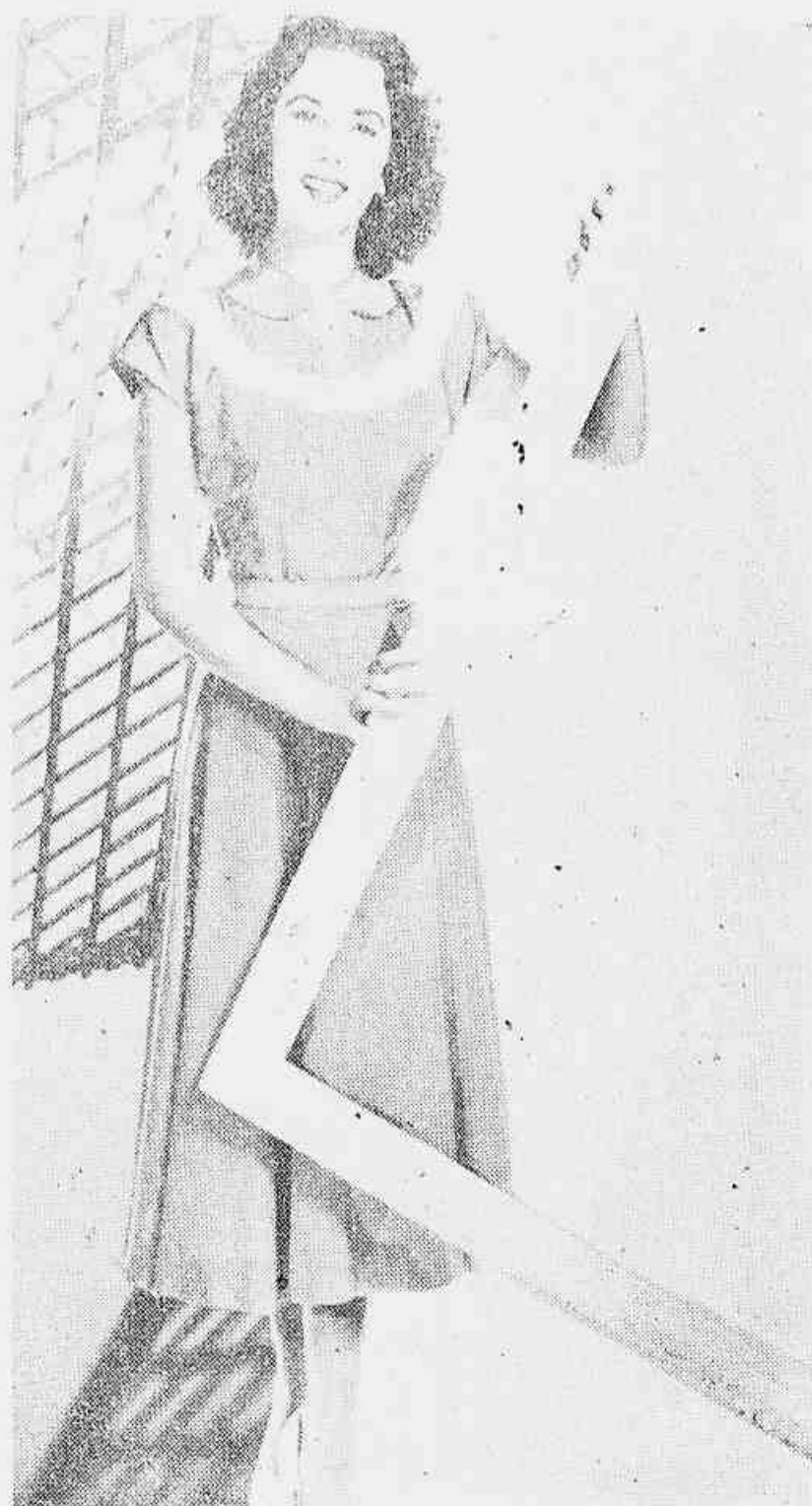
# Blusas



CATHY O'DONNELL, ESTRELINHA DA R.K.O.

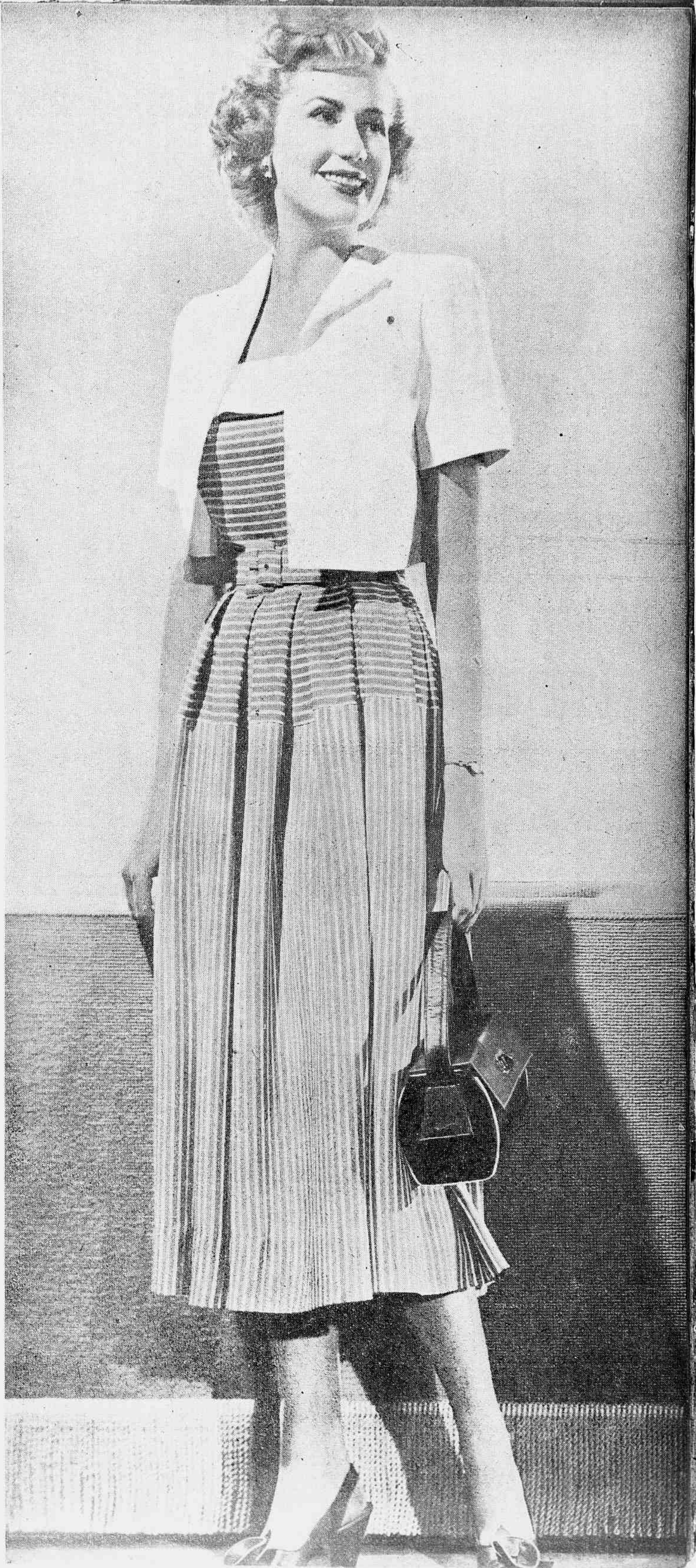
**E**LAS podem ser esportivas ou "habillés", dependendo tudo do tecido empregado e do feitiço escolhido. Estas, se prestam mais para uma "toilette" mais "habillé": a primeira em seda com plissados na frente; a segunda em "foulard" com grandes pastilhas, franzida sobre o busto. A terceira em seda com babados plissados, e a última em crepe mate com original trabalho de "pences".





## DE HOLLYWOOD

Três encantadores modelinhos de Hollywood. À direita: Jacqueline White, da RKO, usa um modelo em **surah** listrado com bolero de fustão branco. Em cima: Elizabeth Taylor, da MGM, sugere este modelinho em "shantung" azul com tira, ao redor dos ombros, em lã angorá. Em baixo: esta é Betsy Drake, da RKO, num modelo de algodão com listras muito largas







MODELOS

*Leisure*



**N** O guarda-roupa feminino não devem faltar esses modelinhos leves e graciosos que têm tanta utilidade. Confeccionados em linho, cambraia, algodão, etc., são vestidos elegantes e que remeçam consideravelmente a figura feminina:

AO ALTO — Tailleur de linho de Schiaparelli. EM BAIXO — Em algodão listrado com tiras em sentido contrário. Modelo de L. Mendel. — Modelo de Alex Maguy em linho branco. Corte largo, alisado na tampa. Gola muito ampla, sendo sobre os ombros.





A seguir: Carven apresenta este modelo em linho com a saia feita de babados franzidos e bordados a ponto de cruz. De paquim em sêda branca com bainhas em linha vermelha que se prolongam até a saia. Gola larga. Algodão em tons vivos com festonné e ilhozes bordados. Criação de Maggy Rouff. Em linho azul com bolero guarnecido de vriez e bordado. Modelo de Nina Ricci. Finalmente em baixo: Modelo em rayon com listras brancas e azuis. Saia bem franzida. Criação de Hermès. De Nina Ricci, modelo em sêda com pois. Vriez branco





A

# Para

## AI ESTÁ!



**F**INALMENE vai ter início a temporada lírica. As nossas elegantes, que receavam perder não só o espetáculo artístico como também a "chance" de brilharem em toda a sua beleza, devem, a estas horas, estar satisfeitas. Finalmente teremos o esperado espetáculo e com ele um sensacional desfile de elegâncias. Os modelos foram escolhidos especialmente para esse fim.



A ESQUERDA — Elegantíssimo este modelo em veludo negro com grande "apanhado" de margaridas na saia. AO ALTO — De Christian Dior, modelo em organza branca com "pois" bordados a ouro





AO ALTO: Em crepe verde iada com bordados em ouro, é este modelo de inspiração grega, criado por Marcelle Chaumont

★

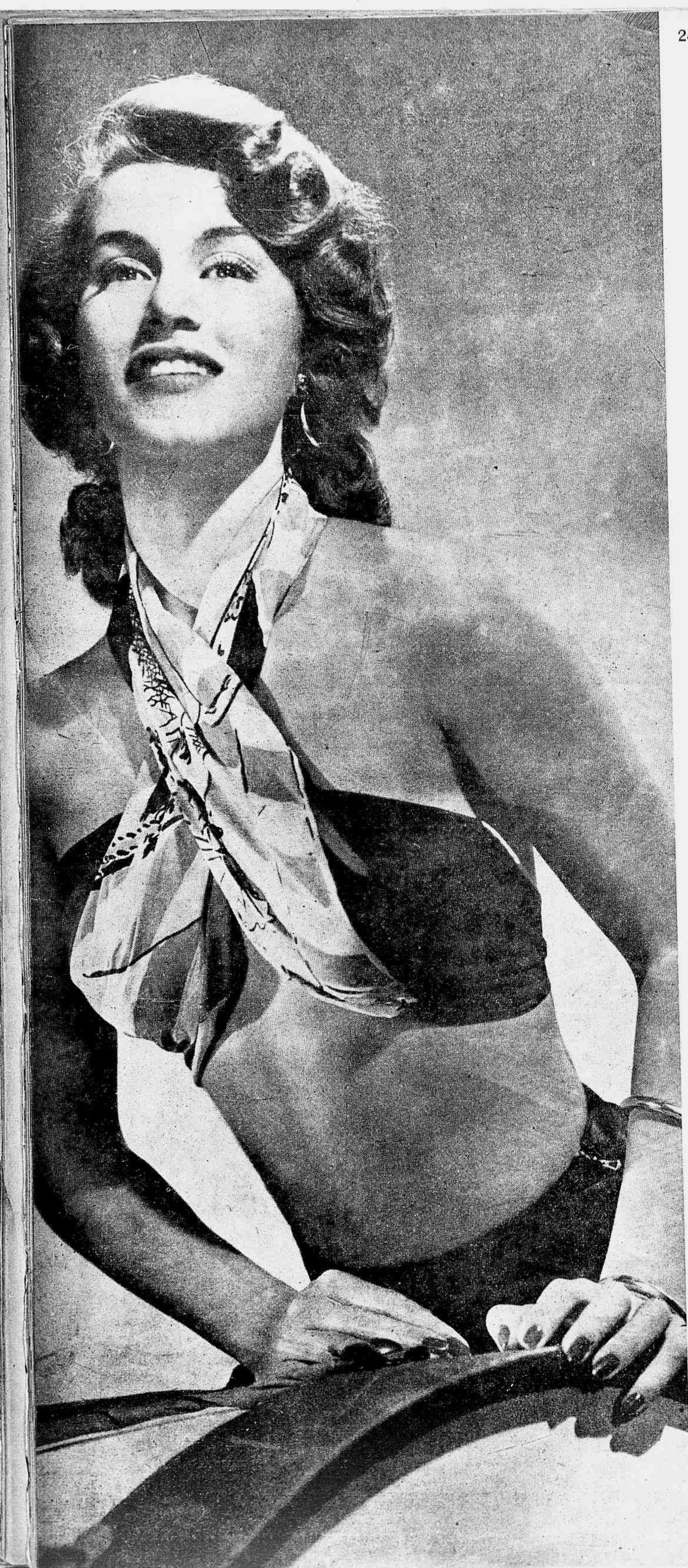
No canto direito da página: modelo de Germaine Lecomte. Seta: ampla de "faillie" preto e rosa. Corpete bordado com perolas

★

A DIREITA — Para "jeune-fille", modelo de Robert Piquet em organza branca, com "pois" pretos e prateados. Fita de veludo preta







J. FATH

## SUGESTÕES PARA A PRAIA



M. VRAMANT





P. BALMAIN



J. HEIM



MOLLYNEUX



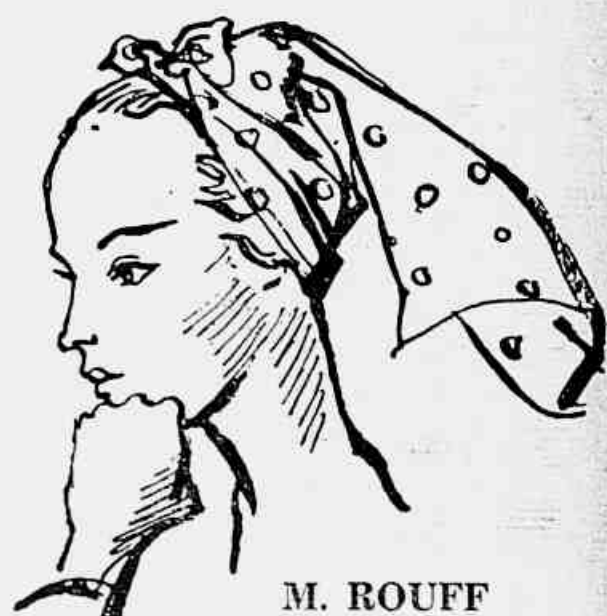
PARA os dias quentes que se aproximam, estampamos nestas páginas elegantes e modernas sugestões que Paris nos envia. Novamente estarão em voga os modelos de alegres coloridos, e as criações novas suceder-se-ão a um desfile maravilhoso de modelos, como podemos ver. Um "short" de Lucien Lelong, com amplo casaco e saia drapeada, compõem um elegante traje de banho; uma sugestão de Pierre Balmain, estilo marinheiro, ou um outro de Jacques Heim inspirado nos trajes dos mares do Sul, um amplo chapéu de palha com grande laço, de Mollyneux, ou um simples lenço colocado como sugere Maggy Rouff, darão à sua pessoa a elegância indispensável para realce de sua beleza.



L. LELONG



SCHIAPARELLI



M. ROUFF





Milhares de livros de consulta enchem as prateleiras. Jovens e velhos encostam-se contra as estantes e leem, mesmo de pé

**W**ESTMINSTER, principal comunidade comercial e profissional de Londres, conta com quatro bibliotecas públicas, das quais a de St. Martin's Street, onde foram tomadas estas fotografias, é a mais importante. Essas bibliotecas contam com perto de um milhão e meio de livros.

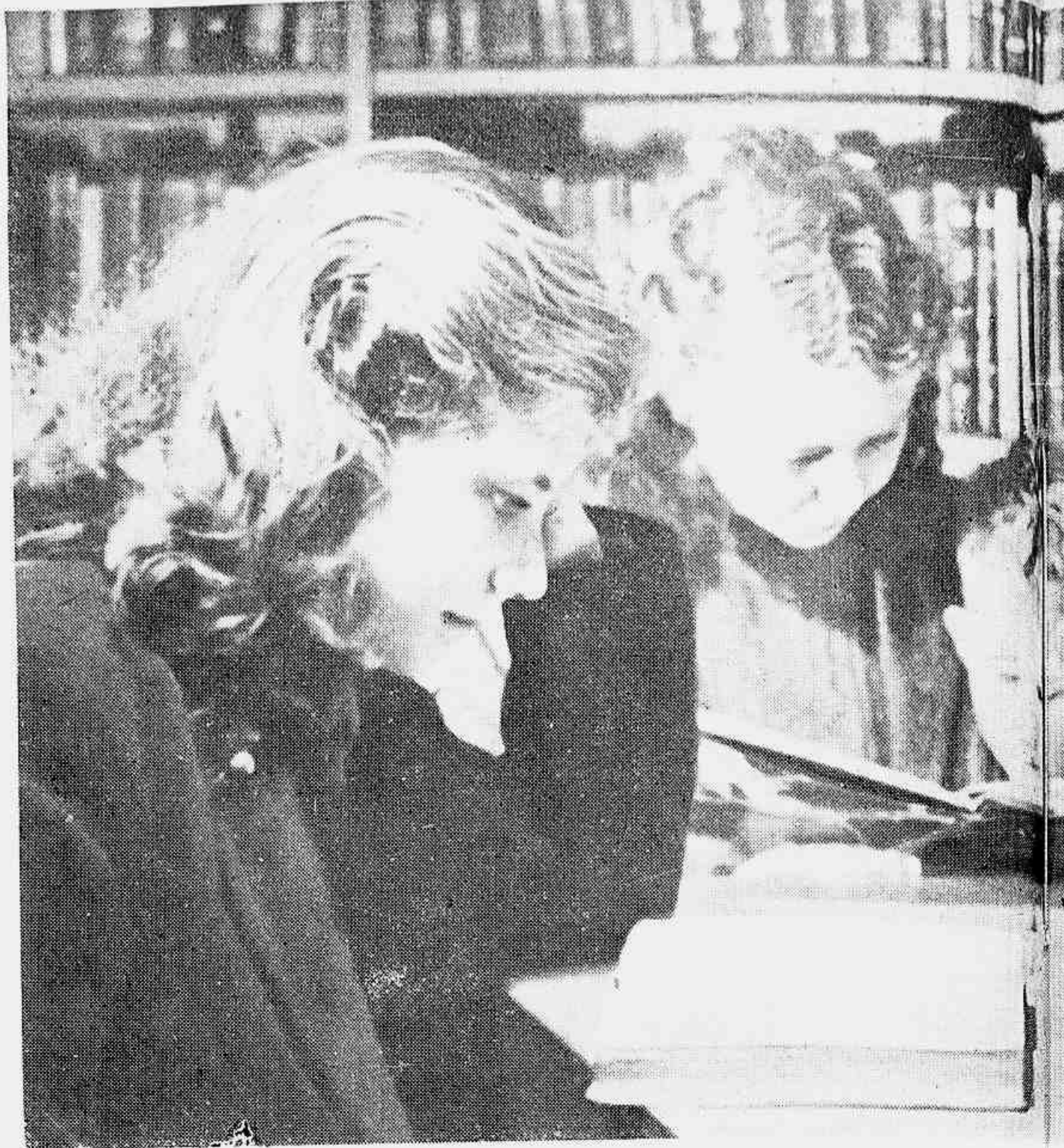
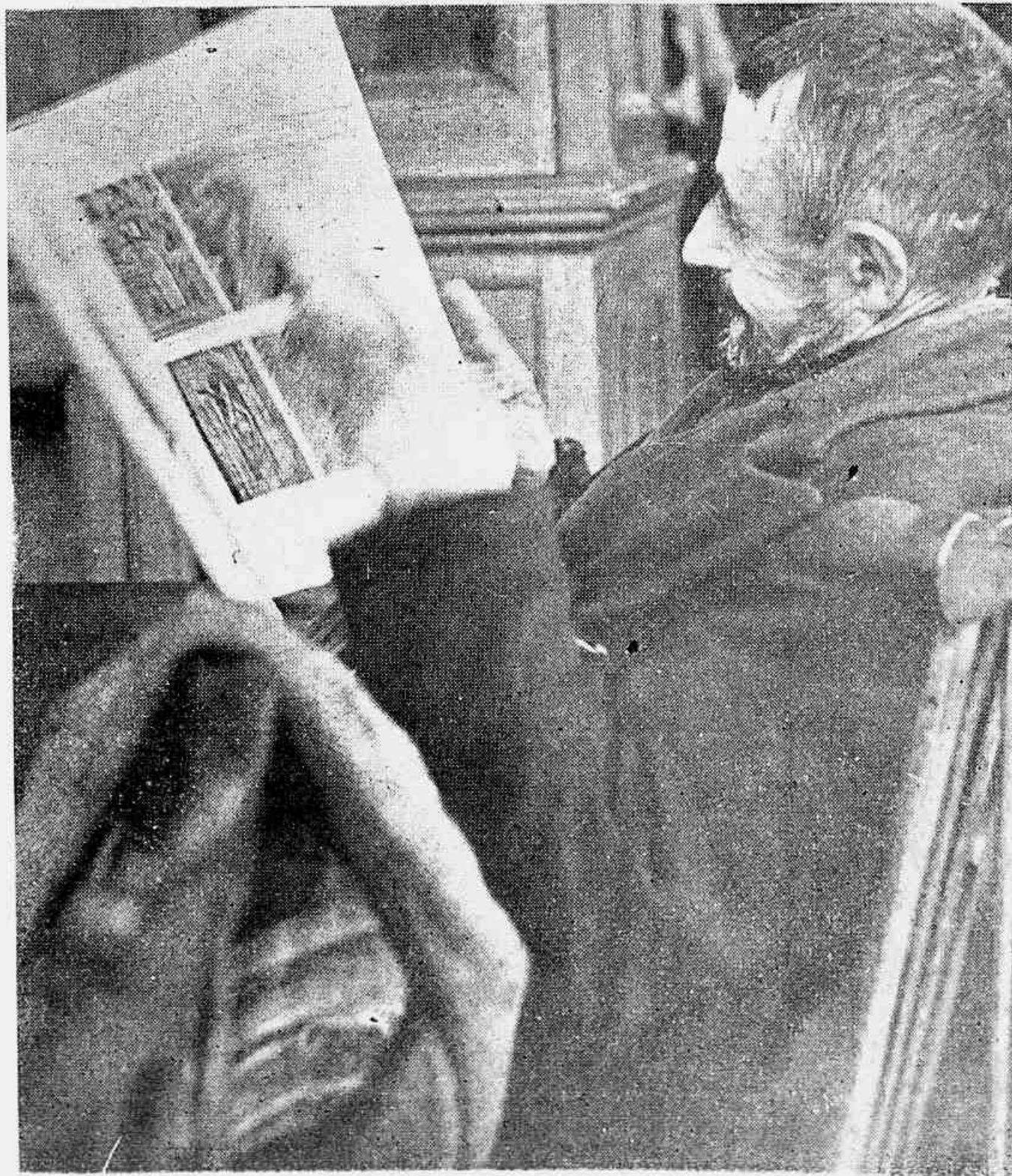
Em média, cerca de um milhão e duzentos mil dêsses livros são emprestados anualmente para a leitura a domicílio, isto é, mais de quatro mil por dia, dos quais mil e trezentos somente pela biblioteca de St. Martin's Street.

Em qualquer dia do ano, cerca de quarenta e quatro mil livros se acham nas mãos dos leitores.

Um número total de quarenta e três mil pessoas se acha registrado como leitores habituais.

Cada leitor pode adquirir três "tickets" gerais que podem ser usados para qualquer obra.

Talvez este tenha entrado para se aquecer. Ou talvez queira renovar seus conhecimentos antigos com a Capela Sixtina, reproduzida neste volume da seção de consultas. De qualquer modo, este cavaleiro barbado e contente é um leitor habitual



Os estudantes e os que precisam de facilidades especiais podem receber mais livros.

O departamento de crianças na biblioteca de St. Martin's Street foi inaugurado em 1946, num antigo edifício escolar, e está muito bem provido com leitura especializada para os pequeninos, sendo usada diariamente por meio cento de clientes liliputianos.

A biblioteca de consultas de St. Martin's Street é uma das melhores de Londres, sendo visitada por leitores de todas as castas e classes: comerciantes, cientistas, funcionários e por organizações nacionais e internacionais.

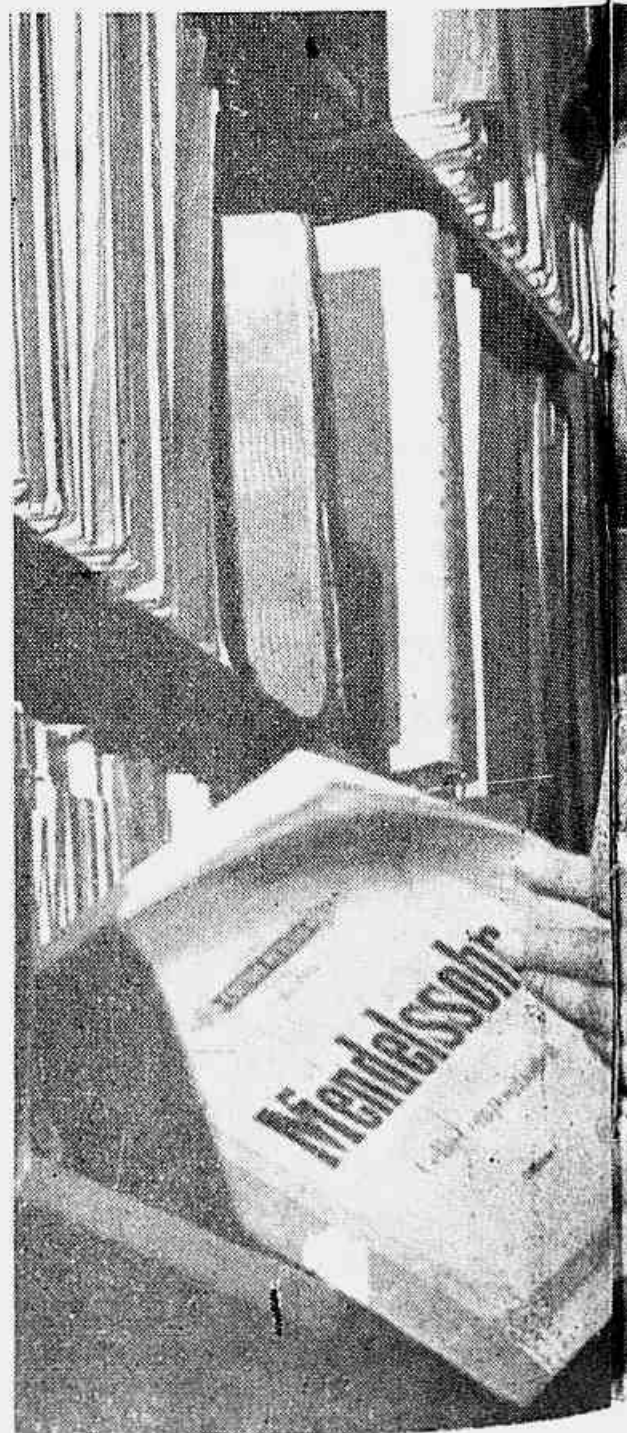
Segundo um cálculo moderado sobre consultas, afirma-se que

Uma seção da biblioteca, alegre e animada, atrai os alunos que se entretêm numa agradável ocupação. A biblioteca fica aberta antes das aulas, ou depois, de tarde

## AS BIBLIOTECAS DE LONDRES

UM MILHÃO E TANTO DE LIVROS EM CADA LIVRO DA ESTANTE E O REPOZICIONAMENTO ATÉ TRÊS LIVROS DUMA VEZ, PARA SUBSTITUIÇÃO DA RU

Por JACK HUSTON



Uma aquisição importante foi a coleção de livros sobre música são consultados pelos alunos das escolas





as crianças, fazendo-as deixarem as correrias na rua, enquanto o pai, certo da escola e os pequenos sempre entram na ida para a biblioteca, em busca do livro predileto

## BIBLIOTECAS PÚBLICAS SÃO ASSIM

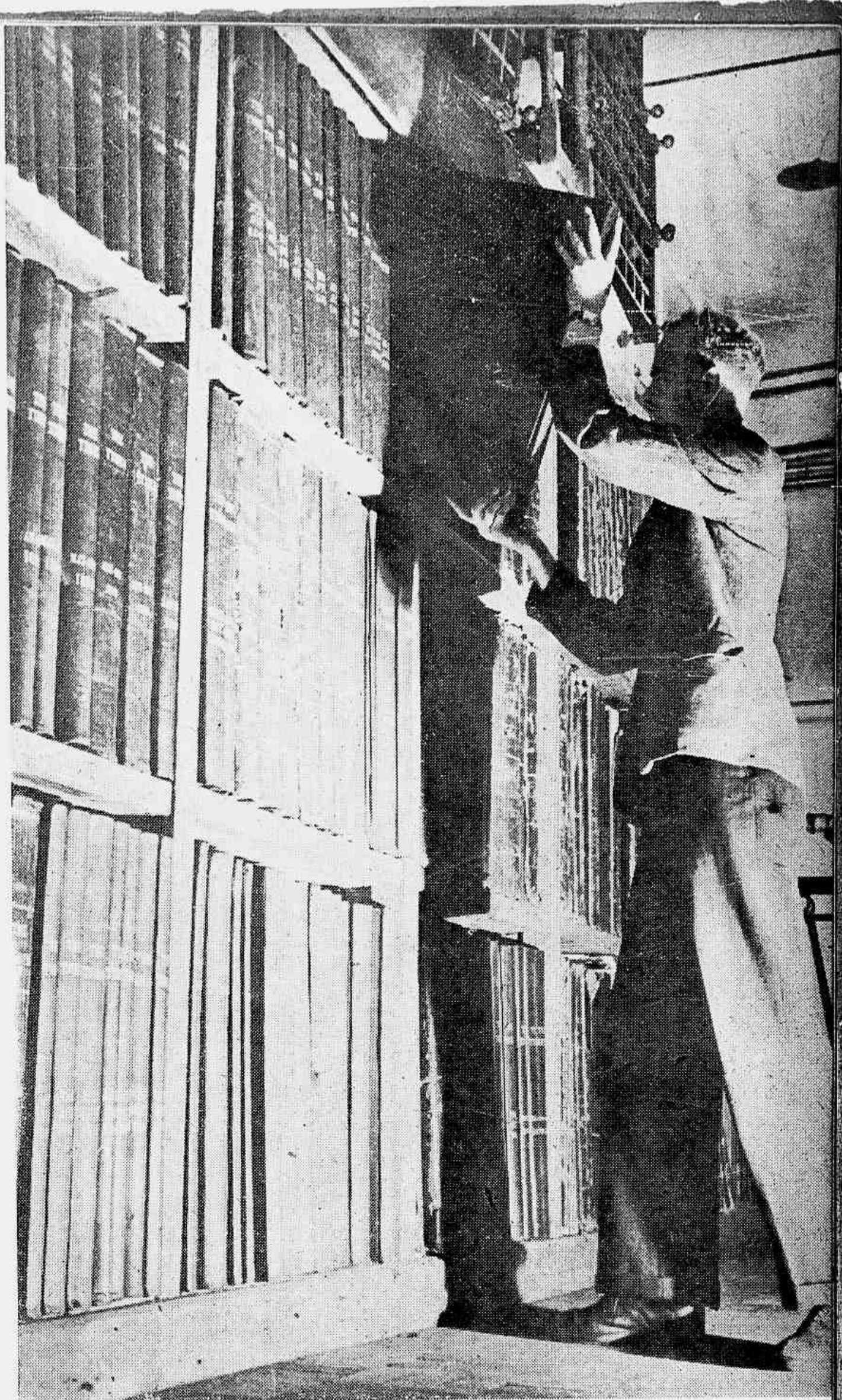
**— O LEITOR É QUEM TIRA O LIVRO — QUANDO DEVOLVIDO — LEVANDO O LIVRO DE CASA — BIBLIOTECA, PARA OS PEQUENINOS**

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

mais de cento e sessenta mil obras são entregues anualmente. Em número ainda maior são aquelas que os próprios leitores levam e devolvem às estantes.

No departamento de consultas existem exemplares de perto de quinhentos jornais e revistas diferentes, sobre o comércio, belas artes, política, literatura, ciências, etc. Uma corrente infindável de leitores entra diariamente na biblioteca, apenas em busca dessas publicações periódicas. A ficha do "Times", nessa biblioteca a mais acessível das de Londres, também se acha em uso constante, datando sua coleção de 1855.

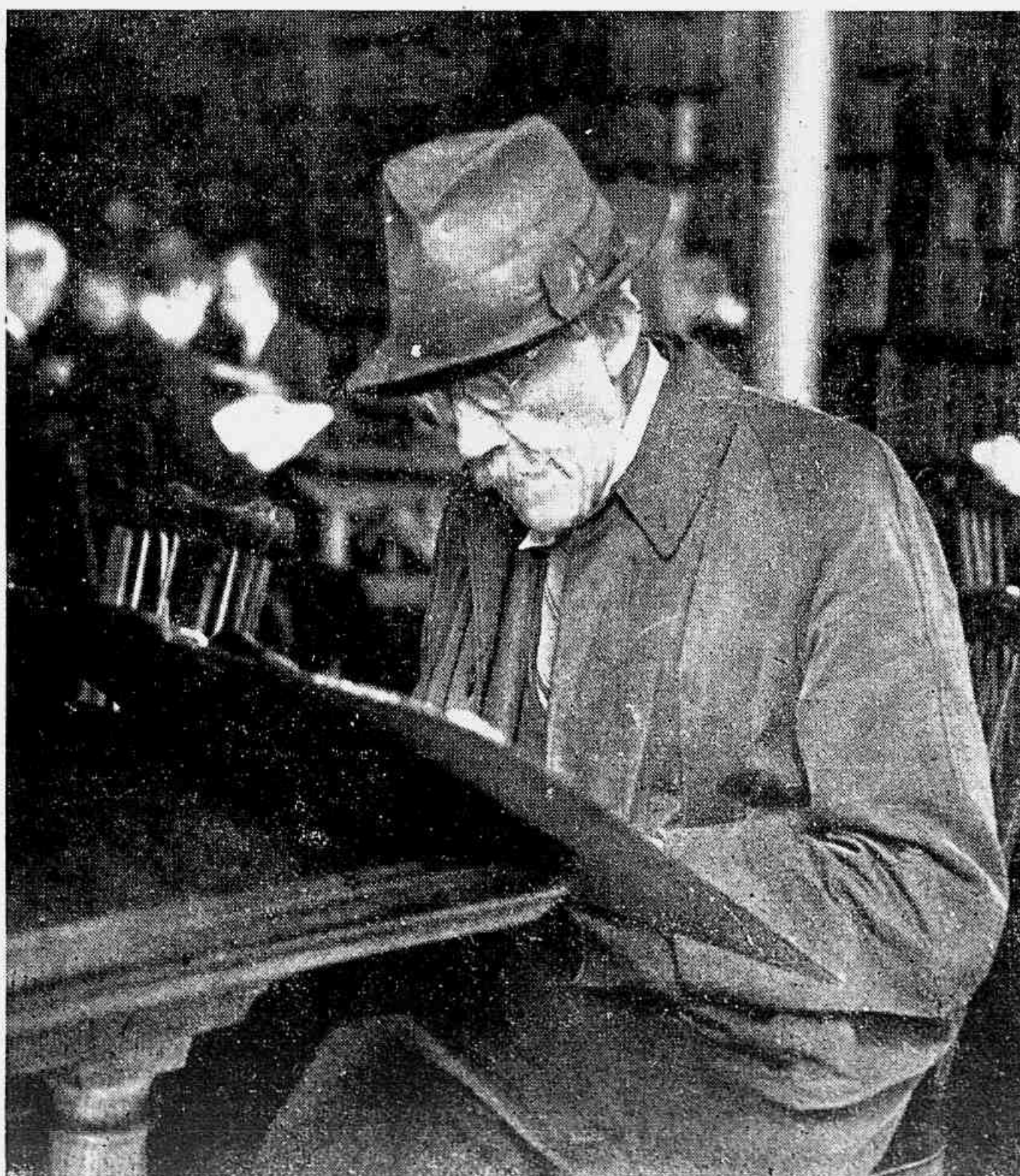
Como um dos centros artísticos universais, Westminster possui



No sub-solo fica a coleção do "Times", a partir de 1855. Está em constante uso e mais de uma dúzia de volumes sai das prateleiras cada dia



colecção de música, Felix White. Cada ano, perto de 20.000 volumes são procurados



uma coleção especial de livros sobre todos os aspectos das belas artes, especialmente a pintura, a arquitetura, as artes decorativas, a cerâmica, a música.

O trabalho é intenso, para manter em plena forma satisfatória e sem falhas o funcionamento dessas bibliotecas. Milhares de livros entram e outros tantos saem anualmente das suas listas, em virtude da falta de espaço nas estantes e cerca de trezentos livros são adquiridos por semana.

Os livros são classificados, fichados e caracterizados, e os que se acham em falta são procurados noutras bibliotecas, para se atender a qualquer pedido eventual.

Nunca o "freguês" fica esquecido nesses domínios da cultura e tanto o diretor como os demais funcionários estão sempre prontos a aconselhar e auxiliar aos frequentadores do estabelecimento.

Típico de muitos leitores idosos que regularmente frequentam a seção de consultas é este cavalheiro, profundamente interessado na leitura dum semanário ilustrado



# Chapéus

De Lemonier, palha preta com véu colocado de forma inédita



De Jane Blanchot, "toque" de penas com banda de veludo caindo atrás



De Caroline Rebiux, chapéu feito de fitas cyclamen e azuis



"Faille", plumas e véu.  
Criação de Gilbert Orcel





De Blanche et Simone, palha preta,  
babado e flores de organdi

Elegantíssimo êsse "turbant"  
para a noite, em jersey preto  
e lamé prateado. Criação de  
Maud et Nano



Le Monnier empregou ta-  
fetá azul-cinza na confec-  
ção dêste elegante modelo



# WEEK-END NA COZINHA

DETALHES BÁSICOS PARA SE OBTER  
UM ASSADO SABOROSO



1 Repasse com um pano úmido e pedaço da carne que se vai assar. Esfregue-o com sal fino. Tratando-se de carne magra, unte-a com a gordura correspondente ao seu tipo e ponha uma pequena quantidade no fundo da assadeira. Em seguida, convirá pesar o assado a fim de que se possa calcular o tempo que levará no forno.

2 Conhecendo o peso da carne, será fácil calcular o tempo necessário, facilitando assim, o desenvolvimento do trabalho. As carnes recheadas levam mais tempo e requerem um calor mais moderado, depois de terem sido douradas. Para manter firme a carne recheada, será sempre interessante, cozer as pontas com linha forte.

3 O calor deve ser uniforme; ponha a carne no centro da assadeira. Esta terá de ficar também no

centro do forno. A gordura terá que ser colocada até em cima, de forma que, à medida que ela vá derretendo, vá penetrando bem no assado. Este detalhe é de muita importância e poucas vezes levado em conta: o banho de gordura de vez em quando é mais do que necessário. Quando a carne é muito magra, este banho deve ser ainda mais frequente. O assado não deverá ser coberto nem mexido. O tom tostado se obtém cinco minutos depois de haver ele entrado para o forno. Estude bem as temperaturas, pois o êxito de uma assado depende da temperatura adequada.

4 Se a alta temperatura reduzir o molho, é preciso baixar levemente o vapor. Antes de retirar o assado do forno, convém fincá-lo com um garfo apropriado, a fim de verificar se a carne está assada internamente. Aproveite toda a substância que ficou aderida à assadeira. Acrescente um pouco de caldo quente e mexa-o sobre o fogo e obterá um molho deliciosíssimo.



## LAGARTO ASSADO

**Ingredientes:** 2 quilos de lagarto, 300 gramas de banha, 1 colher, das de sopa, de extrato de tomate, 1 cebola, 1 molho de alface, sal, salsa, pimenta. **Preparação:** Trata-se a carne e tempera-se com sal e pimenta. Põe-se numa assadeira e unta-se toda com banha e extrato de tomates. Em seguida, acrescentam-se-lhe a cebola cortada em rodela e a salsa picadinha. Leva-se ao forno quente e deixa-se assar dos dois lados, tendo-se o cuidado de juntar-se ora por outra concha de água quente e de regá-la de vez em quando com o molho que se encontra na assadeira. Deixa-se assar pelo espaço de duas ou três horas, devendo virá-la de um lado para outro para assar por igual. No momento de servir, corta-se em fatias que se dispõem numa travessa, guarnecida com folhas de alface, ou folhinhas de agrião. Rega-se com o próprio molho e serve-se com arroz, "purê" de batatas, "petit-pois" ou outro qualquer legume.

## BRÓCOLOS COM MÓLHO BRANCO

**Ingredientes:** 1 molho de brócolos, 1 colher das de chá, de açúcar, sal. **Preparação:** Tratam-se os brócolos, e cozinham-se em água a ferver com o açúcar e um pouco de sal. Em seguida escorrem-se e junta-se-lhes o molho branco, feito com leite e maizena. Leva-se ligeiramente ao forno para corar e serve-se.

## BATATAS PALHA

**Ingredientes:** 500 grs. de batatas, sal, azeite ou banha. **Preparação:** Lavam-se muito bem as batatas e enxugam-se. Em seguida cortam-se ao comprido no ralo próprio, o mais fino possível e fritam-se em azeite ou banha bem quente, aos poucos virando-se de vez em quando com um garfo para que fiquem coradas por igual. Depois põem-se sobre um papel pardo para ficarem bem secas e servem-se com bifês à francesa.

## CREME DE CHOCOLATE

**Ingredientes:** 500 grs. de açúcar, 100 grs. de farinha de trigo, 1 litro de leite, 12 gemas, 1 colher, das de chá, de essência de baunilha, 200 grs. de chocolate em pó. **Preparação:** Põe-se o açúcar numa cacerola, em seguida junta-se-lhe a farinha de trigo diluída no leite, as gemas e a baunilha. Mistura-se tudo, acrescenta-se o chocolate, mistura-se novamente e leva-se ao fogo mexendo-se continuamente. Deixa-se ferver um pouco, retira-se e deixa-se esfriar.

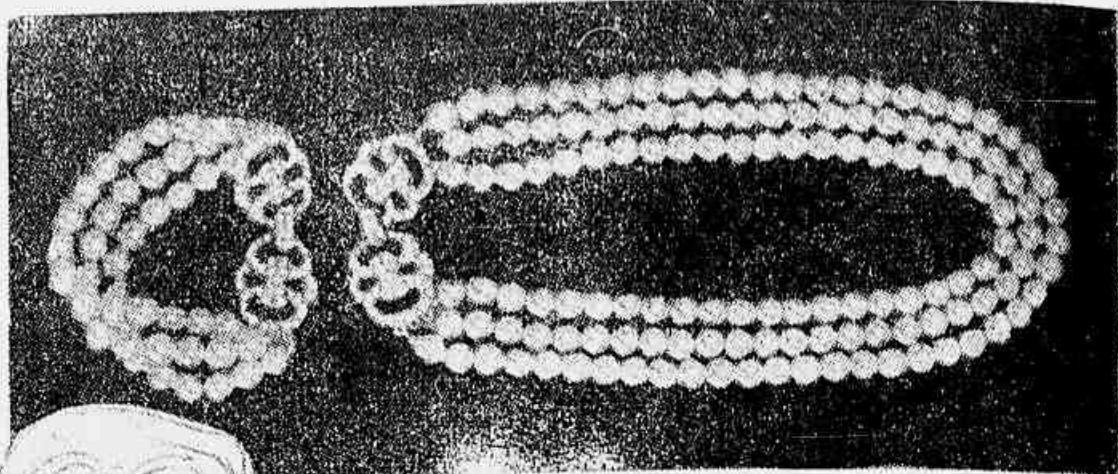
## BISCOITOS DE AREIA

**Ingredientes:** 400 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de manteiga, 130 grs. de açúcar. **Preparação:** Põe-se o açúcar numa cacerola, em seguida junta-se-lhes a manteiga. Mistura-se tudo, passa-se para uma tábua ou mármore, amassa-se bem e estende-se com o rolo.

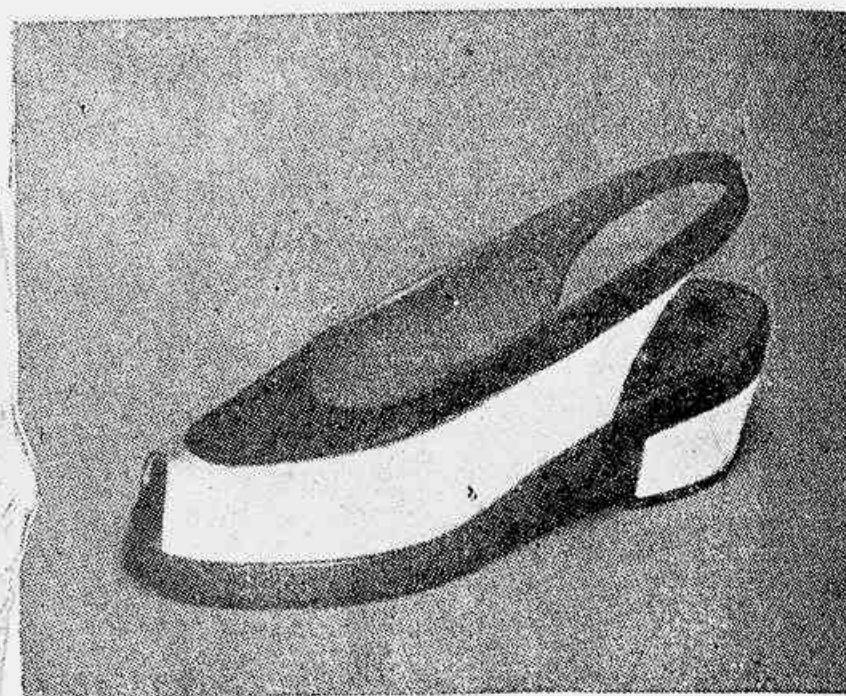
## "TODDY WINE"

**Ingredientes:** 2 colheres das de sopa, de açúcar, 1 cálice de xarope de goma, 2 doses de vinho do Porto, 1/3 de litro de água gelada "frappé", frutas diversas. **Preparação:** Num recipiente próprio juntam-se todos os ingredientes, mistura-se tudo, bate-se e serve-se com diversas.

JÓGO para noite, composto de pulseira e colar de perolas, com fecho de pedra



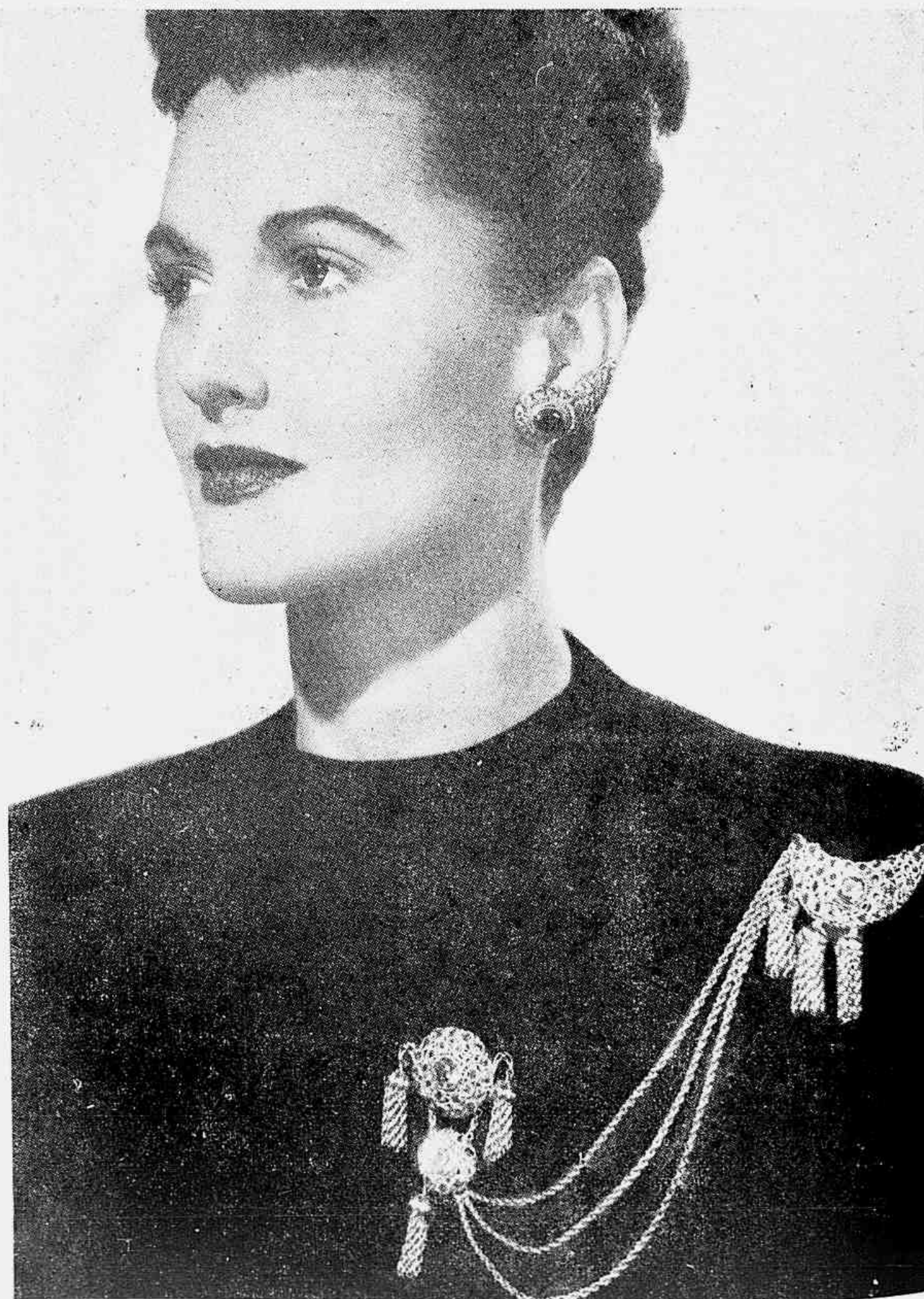
Elegante modelo em pesada seda rosa, notável criação de Gres



Sapato esportivo, para o verão em duas cores. Vermelho e branco



Para o vestido de lã preta, este interessante adorno dourado com pedras multicores

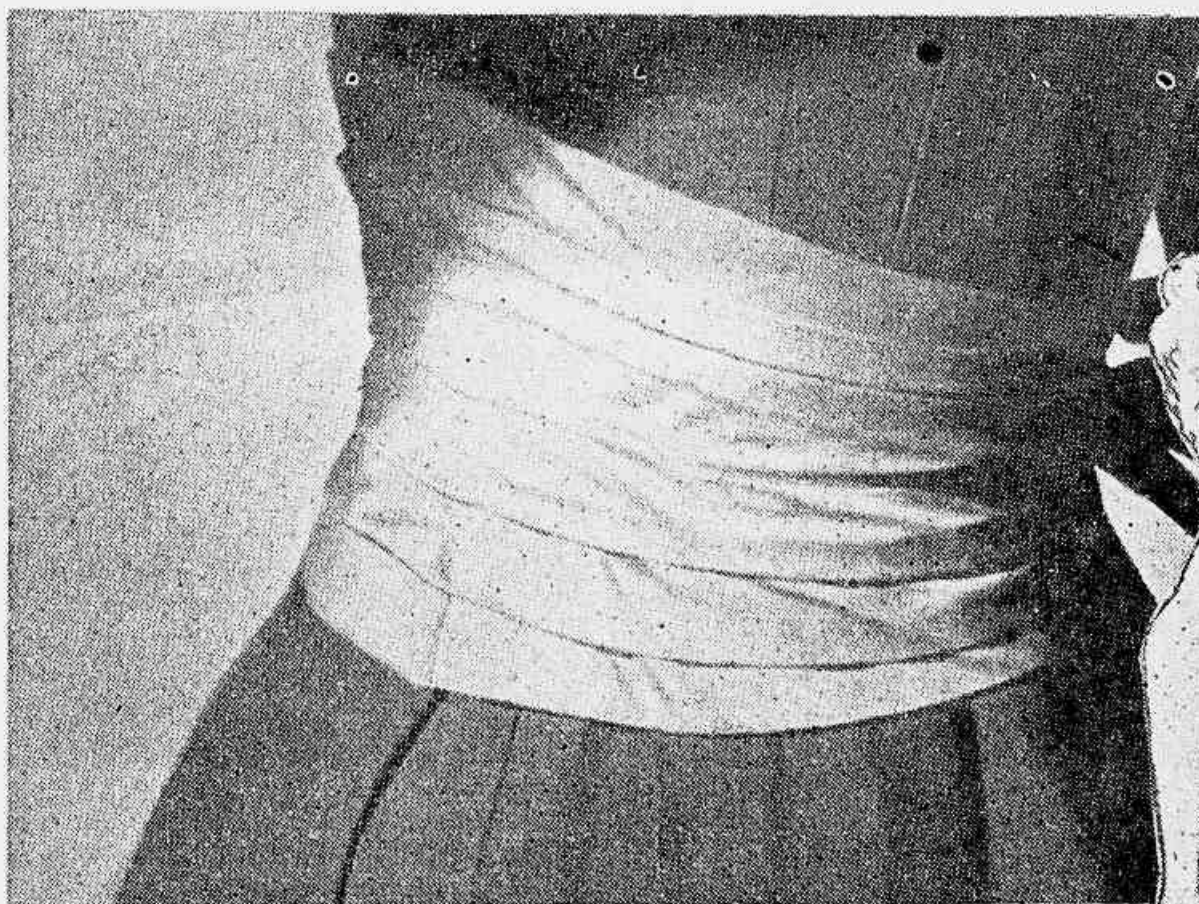




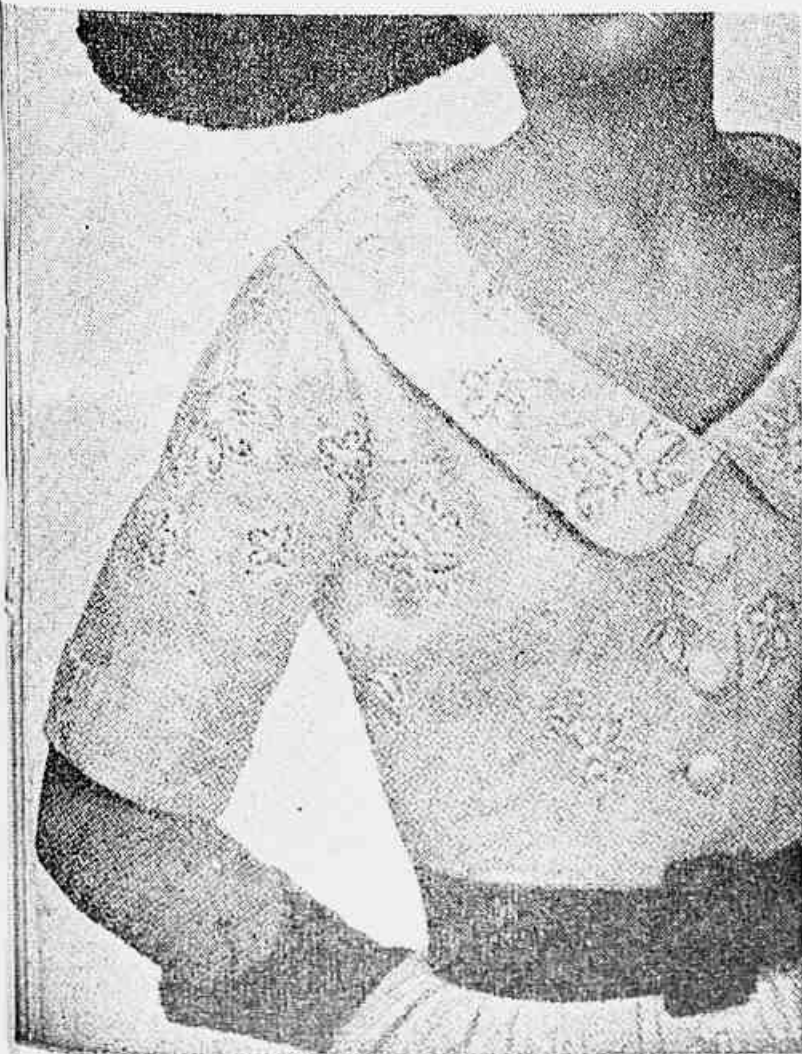
# DETALHES E NOVIDADES



Uma "sweater" preta, mais longa que as comuns ficará "chic" com uma saia "plissé soleil"



Toque de "aigrettes" completarão maravilhosamente sua "toilette" de noite



Larga faixa pregueada de tafetã ciclamen para o seu vestido de lã

LUCIEN LELONG criou para baile este modelo mais curto na frente

O bordado que estará muito em voga no próximo verão, apresenta-se aqui nesta blusa de linho branco

Notável gola para seu vestidinho de tarde, fitas de gorgurão de seda





## MEU SEGRÊDO DE BELEZA

De ARLENE DAHL, da M.G.M.

Um rosto pode ser muito bonito, mas só será realçado quando o "makeup" for perfeito", é o que diz Arlene Dahl, "estrelinha" da M.G.M. e talvez das mais bonitas daquele estúdio. Arlene Dahl está disposta a ensinar às nossas leitoras os seus segredos de beleza. Vejamos:



Finalmente, é preciso não esquecer os cabelos. Uma boa locação mante-los-á brilhantes e sedosos, o que, todavia, não dispensa o uso diário da escova; cabelos bem cuidados darão ao seu rosto um aspecto sadio.



A linha das sobrancelhas deverão também ser naturais. Nada de traços finos demais, nada de desenhos complicados. Estude bem o seu tipo e faça-as o mais discreto possível, sem exagerar as curvaturas forçando o natural.



ÉIS O RESULTADO de uma bem cuidada maquiagem. Arlene Dahl aparece então fulgurante de beleza e elegância. A mulher elegante não pode prescindir de uma maquiagem perfeita, naturalmente adequada com o seu tipo. Arlene Dahl, uma técnica no assunto, mostra aqui o resultado de uma boa maquiagem.



A aplicação da "base" é indispensável, principalmente quando se trata de pele oleosa. A "base" deverá ser da cor exata da pele. O pó de arroz deverá ser um tom mais claro e aplicado de baixo para cima de baixo para cima.

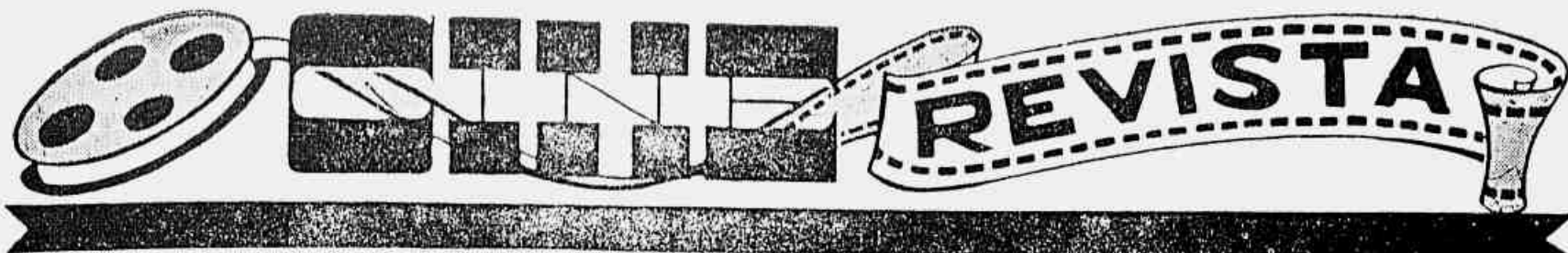


O "rouge" deverá ser de uma tonalidade que combine com a da pele e com a cor do "baton". A sua aplicação é importante, pois, com ele podem ser disfarçadas linhas imperfeitas e realçadas as linhas perfeitas.



Antes de aplicar o "baton", experimente traçar o seu contorno com um pincel e depois então encher as linhas interiores. Bocas muito grandes, lábios muito grossos, estão fora de moda. O essencial é seguirem as linhas.



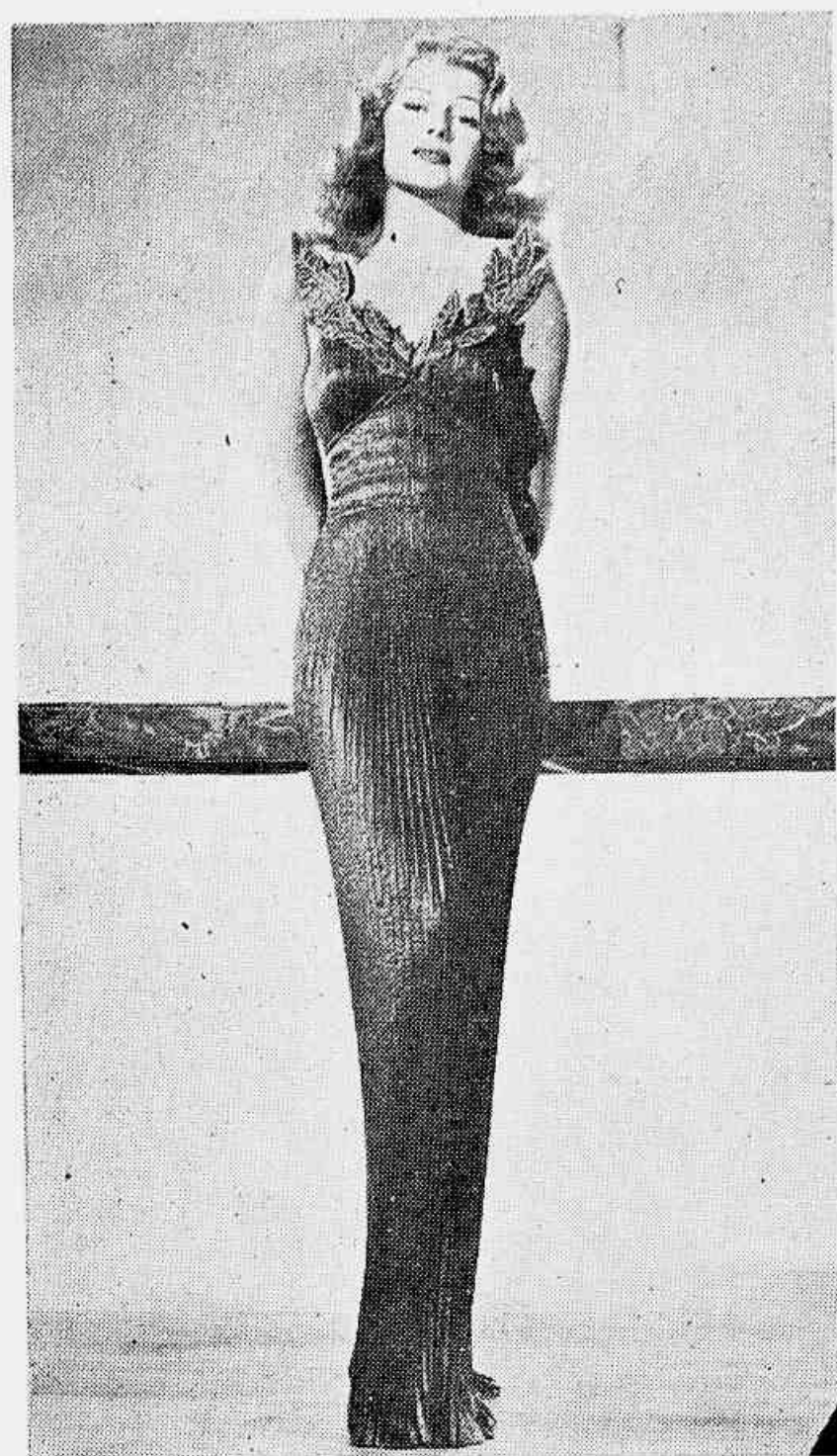


## JEAN LOUIS, UM FIGURINISTA FAMOSO DE HOLLYWOOD

**J**EAN LOUIS, o famoso figurinista dos estúdios da Columbia, é conhecido pelo mundo inteiro devido à beleza e originalidade de suas criações. Chegando aos Estados Unidos há dez anos, tornou-se logo chefe dos figurinistas de Hattie Carnegie de Nova York. A sua clientela contou com as mais bem vestidas mulheres do mundo, incluindo a Duquesa de Windsor, Mrs. Byron Foy e Gertrude Lawrence. Desde que ingressou na Columbia, em setembro de 1943, dedicou o seu gênio exclusivamente a criar "toilettes" pessoais para as "estrêlas" mais famosas dessa produtora. Recentemente completou os trajes suntuosos que são usados pela sedutora Rita Hayworth no "big scale musical" em technicolor "Quando os deuses amam" e as "toilettes" elegantes apresentadas por Ginger Rogers e Evelyn Keyes, respectivamente "estrêlas" de "Tem que ser você" e "Sonhos dourados".

Nascido em Paris, Jean Louis teve sua educação artística nos Arts Decoratifs, sendo que

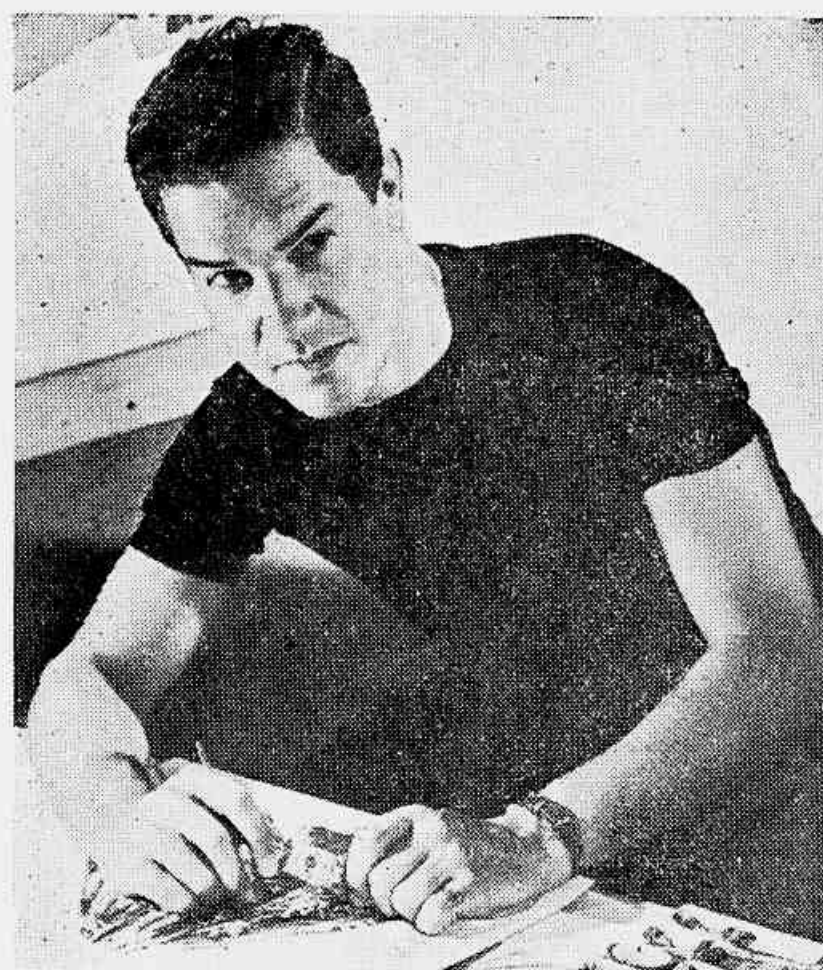
depois disso serviu no exército francês durante dezoito meses, completando assim o seu serviço militar. Durante esse período recebeu Jean Louis permissão para tomar parte num concurso nacional para lançar "a linha da moda de amanhã" e ganhou o primeiro prêmio, no valor de 10.000 francos. Após o término do serviço militar, trabalhou para a conhecida *couturière* parisiense Agness Drecol e ganhou vasta fama como figurinista para um sem-número de atores dos palcos franceses. A sua recente viagem transatlântica foi a primeira efetuada por um dos maiores figurinistas de Hollywood após-guerra. Durante o mês que passou em Paris, Mr. Louis inspecionou os principais salões de modas da cidade e gozou umas férias em companhia de sua família. Atualmente, Jean Louis é o mais perfeito e cobiçado figurinista de Hollywood. A Columbia bem sabe disso e há pouco renovou o seu contrato para um longo termo.



Rita Hayworth, com um deslumbrante modelo de Jean Louis, com o qual aparece em "Quando os Deuses Amam", filme da Columbia



EM CIMA — Jean Louis mostra a Jeanette Warren uma de suas últimas criações. EM BAIXO — Examinando o tecido por ele idealizado e que será usado na confecção de um de seus novos e originais modelos



Em cima — Jean Louis no seu "atelier" e em baixo, experimentando em Rita Hayworth, o chapéu adquirido especialmente para ela em Paris





# LIVROS NOVOS

## JOÃO LUSO

Para usar de perfeita sinceridade, devemos declarar que não achamos este título dos mais felizes. Aceitamos, no entanto, a explicação que o autor nos dá nas primeiras páginas do livro: Para o sr. Flávio Jarbas o coração é comparável a um telhado em que chovesse sempre; e, assim como a água escorre dos beirais, assim do sentimento do poeta deriva "uma torrente de versos".

Toda a gente conhece os versos de Verlaine:

Il pleure dan mon cœur  
Comme il pleut sur la ville.

Não queremos insinuar, bem entendido, que o sr. Flávio Jarbas se inspirasse no rimador glorioso de **Sagesse** e **Parallelement**; quando, porém, tal se desse, não haveria desdouro naquilo de se tomar a imagem contida em dois hexâmetros e sobre ela ou a tal propósito se comporem umas tantas quadras em redondilhas — a forma e o metro exclusivamente adotados no presente volume.

A primeira parte deste se compõe de madrigais inspirados separadamente em cada encanto da criatura eleita: o cabelo, as orelhas, as sobrancelhas etc. Na segunda parte perpassa, às vezes, uma leve filosofia, outras vezes surge o tom irônico sem maldade; e, porém, o sentimentalismo galante que no conjunto domina. E sempre o sr. Flávio Jarbas verseja fluentemente e com felicidade. Por exemplo:

Relógio a que tanto quero  
Mas que tanto me renega,  
Por que para quando a espero  
E corre quando ela chega?

Em teu peito o amor não medra  
Não tens alma para amar;  
E's uma estátua de pedra  
Que resolveu caminhar.

E's tu quem dita o meu fado,  
Ao tempo não obedego.  
Remogo — quando a teu lado,  
De ti distante — envelheço.

O primeiro destes contos, que dá o título ao volume tem como protagonista um fura-vidas capaz de exercer os mais variados mistérios e correr as aventuras mais estranhas. Como é ele próprio — naturalmente, pois se trata de memórias — que nos dá a conhecer as peripécias da sua existência e não nos repete frase ou palavra doutra pessoa, a narrativa assume inteiramente a feição de monólogo. E, à mercê de uma linguagem espontânea e clara, chegamos a esquecer-nos de estar lendo e passamos como que a ouvir diretamente o herói.

Salatiel da Boa Morte, primeiramente chamado da Boa Vida, andou nos estudos, chegando a matricular-se na Escola Politécnica; apesar, porém, da ilustração adquirida, teve que trabalhar de porteiro, palhaço, cobrador de contas atrasadas etc. Todos esses cargos lhe foram impostos mais ou menos por circunstâncias, exigências de amor. Salatiel não sabia — nem, se soubesse, quiereria — resistir aos encantos femininos. E não se dava de todo mal com isso. Gozou épocas em que era amado e, à sua maneira, amava também. Com as economias amealhadas no ofício de perseguir devedores relapsos, adquiriu uma

### Goteira do coração

★

Versos de FLÁVIO JARBAS

★

Bahia

1947

empresa funerária, "cujo dono acabava de utilizar-se dos serviços da própria casa, que eram excelentes". Reformou o estabelecimento e adotou, a título de publicidade, inovações que irritaram a classe médica e provocaram ásperas censuras dos órgãos da opinião. Entretanto, os negócios iam marchando satisfatoriamente. Incumbido de ir ao Norte buscar um defunto já há tempo enterrado, Salatiel enganou-se na localidade e trouxe uns despojos quaisquer. Em outros casos, mais ou menos macabros, andou envolvido. De tanto lidar com cadáveres e caixões, sonhou que estava morto e prestes a seguir para o cemitério. E esse pesadelo constitui um capítulo realmente pitoresco e divertido no seu gênero.

Outro conto desenvolve o caso de um marido enganado e que, passando por morto, se vinga "espiritualmente" dos traidores; outro ainda trata de um sujeito "que morreu duas vezes e da última definitivamente"... Por todo o livro o trágico alterna com o burlesco ou com ele se mistura engenhosamente. Em suma: um livro de feito nada vulgar, o qual, apesar dos assuntos de fundo sinistro, não lembra Hoffmann nem Poe nem André de Lorde e nos causa... digamos: verdadeiro prazer.

Havia um velho ditado: "Nem tudo o que luz é ouro". Alguém se lembrou de o modificar para: "Nem tudo que reluz é ouro". Não foi o sr. Nelson Palma Travassos, entre escritores e não escritores, muita gente adotou, antes dele, a nova forma. Houve, como se vê, duas alterações: a supressão do artigo defini-

do e a substituição do indicativo "luz" pelo correspondente no verbo reluzir. Teria ficado assim mais expressivo o axioma ou mais correto o período? O purista dr. Fr. Domingos Vieira consagrou no seu dicionário as palavras primitivas. Em verdade, ficou ali fazendo falta o artigo; e não havia direito, parece-nos, de se fazer tal supressão. Quanto aos verbos, a diferença de significado entre luzir e reluzir, como entre brilhar e rebrilhar, bem indica que, no caso "ouro", mais apropriadamente se empregará o primeiro que o segundo. Aos reparos desta natureza se dá geralmente uma resposta: "E' assim que se escreve no Brasil". Mas há também uma réplica: Não escreviam de tal modo, por exemplo, Machado de Assis, Bilac, Raymundo, Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Vicente de Carvalho, Artur Azevedo — para só citarmos nomes de mortos e que de momento nos acodem. Por que não havemos de ir com os mestres e sim com os "outros"? Enfim, nem de certo o sr. Palma Travassos fez questão, na capa como no resto do volume, de tomar partido por estes contra aqueles nem nos anima a pretensão de ensinar quem quer que seja. Foi como se, antes de falar do livro, conversássemos um momento, com o autor que é, no sentido popular como no literário, e provérbios à parte, uma boa prosa.

O autor de **Nem tudo que reluz é ouro** apresenta-se como um dos cronistas mais vivazes e cintilantes que o jornalismo brasileiro tem conhecido. Aos assuntos mais sizudos e, na aparência, menos apropriados à imaginação e ao espírito, empresta o sr. Palma Travassos, quando quer, uma forma ligeira que sorri com simpatia, ironia, certo desdém ou desprêzo absoluto, mas sorri sempre e nos faz sorrir, a nós. Os seus paradoxos valem, não apenas pela audácia ou o ímpeto, mas também, e sobretudo, pelo chiste; e certas teorias que, contrariando o juízo comum, ele lança e sustenta, se de todo nos não convencem, em geral nos deliciam. O primeiro destes trabalhos glosa o velho mote da vida campestre, suas graças e doçuras, sua influência em tudo salutar; mas o estribilho de todos os tempos agora se inverte numa série de considerações em que a nota humorística chega a ser violentada. O cronista é contra os cenários rústicos e a existência que dentro deles se passa levar. Só os admite ou, por outra, acha que o habitante da verdadeira

### Nem tudo que reluz é ouro

★

Crônicas de NELSON PALMA TRAVASSOS

★

Livraria José Olímpio Editora — Rio de Janeiro 1948

Terra de Promissão, que é a cidade, só os compreende como remédio contra a neurastenia — que eles "aplicam como a camisa de força" — e as debilidades causadas pelo excesso de trabalho. Fora disso, para nada servem de realmente aproveitável nem sequer para distrair a gente: "O campo foi o ambiente primário da humanidade e não diverte mais ninguém". Em outra página: "...todo escrito cujo cabeçalho indique uma exaltação ou coisa que o valha às virtudes do campo, ao esplendor da natureza, é obra postiça que termina por magar a gente." Mais adiante assegura que: "A natureza é favorável à vida humana não só pelo seu desconforto mas também pela sua falta de imaginação e pela lentidão milenar com que procede à transformação das coisas e dos seres". Termina a demonstração descrevendo o que seja o domingo de uma família na chácara de que o chefe, falando com os amigos, se mostra extremamente vaidoso e onde a esposa, os filhos e ele próprio, para se não aborrecerem de morte, sofrem verdadeiros horrores. São páginas que um Georges Courteline ou um Mark Twain gostaria de ter produzido.

Em outras páginas encantadoras: **A mecanização da lavoura**, se conta o caso de um fazendeiro "progressista", vindo a São Paulo a fim de comprar a máquina moderna que mais necessária se lhe afigurava para o amanho das suas terras. A última hora, porém, uma dúvida o assalta: que deve ele adquirir em primeiro lugar, um trator ou um caminhão? Decide-se pelo caminhão. "E aí começou a luta". O lavrador vai de repartição em repartição, instância em instância apenas para se habilitar a fazer a aquisição. É uma odisséia tremenda, a cada momento agravada por novas exigências de requerimentos, atestados, despachos e cada vez mais dispendosas estampilhas. Conclusão: o homem resolve vender a fazenda e arranja o emprego de chefe do Protocolo da recente criação burocrática: o Departamento da Venda de Ferramentas e Máquinas Agrícolas.

Não poderíamos, claro está, fazer sobre cada crônica uma crônica especial. A segunda parte do volume, **Questões editoriais**, desperta tanto interesse e proporciona tanto aprazimento como a primeira: **Crônicas diversas**; e na terceira parte, **A Argentina que eu vi**, se dizem sobre o país vizinho e amigo, especialmente sobre a sua capital e a gente que nela vive, coisas de observação segura, fino comentário e algumas das quais ninguém até agora se lembrou de dizer.

★

Recebemos:

**O cardápio nacional**, livro de receitas culinárias, de C. M. de Mello Dias, acompanhadas de "noções de alimentação dietética", organizadas pelo dr. Celestino Bourrol (5.<sup>a</sup> edição). Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948.

**Posição e problemas do Brasil na Conferência Internacional de Comércio e Emprego**, conferência de Humberto Bastos, pronunciada no "forum" da "Gazeta", de São Paulo. Rio, 1948.

**La cultura en Buenos Aires hasta 1910**, obra bibliográfica ilustrada, da autoria de J. Luís Trenti Rocamora e saber: La instrucción, La literatura, El periodismo, El libro, La imprenta, La arquitectura, La pintura, La escultura y la talla, La platería, El grabado, El teatro, La música, La medicina e Notas.

**Anuário artístico e literário de Portugal para 1948**, volume de cerca de quatrocentas páginas, do tipo de **Qui êtes vous?** ou de **Chi é?** menos copioso na informação mas abrangendo muito maior número de individualidades. Edição e propriedade da Agência Tupi, Lisboa.

**Problemas da Biblioteca Nacional**, discurso de Josué Montello, pronunciado no ato da sua posse como diretor da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1948.

**Kriterion**, revista da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, número correspondente aos três primeiros meses do corrente ano. É seu diretor o sr. Braz Pellegrino e a sua comissão de administração compõe-se dos professores Arthur Versiani Velloso, Orlando M. Carvalho, J. Lourenço de Oliveira, Nivaldo Reis e Eduardo Schmidt Monteiro de Castro. Belo Horizonte, 1948.



# Um pobre diabo, no mais...

Conto de TEREZA DE ALMEIDA ★ Ilust. de A. PACHECO

— Parente seu? — perguntou o carreteiro para o dono do rancho, apontando uma cruz lá adiante, sob um cinamomo perdido no meio do campo.

— Parente? Deus me livre! Era... era um pobre diabo, no mais! Apareceu por aqui, um dia, sem comida, sem cavalo, e sem trabalho. Ficou. Eu precisava um ajudô. Já nem lembro o nome dele. Parece que era Pedro...Manoel... João... Não! Não sei mesmo! A Felícia deve saber. Buena, vamos p'ras casas?

— Vou dar um jeito nos meus bois e já vou. Não precisa me esperar, seu Arnaldo.

O dono do rancho disse qualquer coisa e deu as costas. Já não lembrava mais o carreteiro. Estava pensando no homem que havia enterrado junto às raízes do cinamomo.

— Se o carreteiro soubesse... Se toda a gente do rincão soubesse... Mas era bobagem pensar nisso, porque ninguém ia saber. Já tinha passado um ano e ninguém desconfiara nada. O pior tinha sido no princípio.

Chegando aos fundos do rancho, gritou pela mulher.

— Felícia? Onde é que tu anda?

— Tô aqui na sanga.

Arnaldo pendurou o chapéu no galho de uma laranjeira e seguiu para o matinho onde a mulher lavava roupa.

Ao vê-la, magrinha, morena tostada de sol, sentiu pena. Fazendo sempre tanta lida sozinha! E o pior é que não havia formas de encontrar empregada, porque todo mundo dizia que seus campos estavam assombrados, que a alma do homem que enterrara sob o cinamomo aparecia todas as noites, pedindo uma oração, a que lhe faltara na hora da morte e que ninguém, agora, tinha coragem de dizer.

Suavizando a voz, ele chamou baixinho:

— Felícia...

Ela deu um grito e virou-se de repente, com os braços estendidos e uma expressão ansiosa no rosto. Ao ver o marido, toda ela se tornou outra. Os braços caíram, o corpo se tornou rijo, o rosto vazio, os olhos mortos, a cabeça pendida para um lado.

Ao vê-la assim, tão mudada, Arnaldo gritou com raiva:

— Quem é que tu pensava que fosse, éin, cachorra?

— Por favor, Naldo, me deixa. Não pensei que fosse ninguém. Me assustei, só.

— Mentira! Tu pensaste que era *ele*? Eu sei! tu sempre estás esperando que *ele* venha, que apareça por aqui! tu não te convence que *ele* está morto! Eu sei! Não precisa negar! Todas as noites tu vai lá para o cinamomo, esperar por *ele*; por isso o pessoal anda dizendo que tem assombração no meu campo. E' tu! Eu já te vi muitas vezes! Mas não adianta, Felícia! Te juro que *ele* tá bem morto e que nunca mais vai falar contigo! Agora tu é só minha! E' só

bobagem esperar pelo outro homem. E' bobagem, Felícia. Tou te dizendo! Felícia! Tu não está me ouvindo!

— Naldo, vai embora. Se *ele* está morto, porque é que tu me diz isso todos os dias? Não vê que assim nunca me esqueço dele? Todos os dias tu está me lembrando tudo. Tudo, Arnaldo! Vai embora...

Ele se afastou com raiva. Por mais absurdo que parecesse, Felícia continuava esperando aquele homem que há meses estava enterrado. Quando *ele* falava baixinho, quando punha carícia na voz, ela se virava depressa, com os olhos brilhando, pensando que era o outro que voltara, e isso o enchia de ódio. Decerto era assim, com voz suave, que o outro lhe falava de amor, e era assim, (quem sabe?) toda outra, com os olhos em fogo e os braços estendidos, que ela se virava para o outro, para receber seus beijos. E atuar aquilo, *ele*, Arnaldo, meses e meses!

De volta, ao passar pela laranjeira, deu um puxão no chapéu e mais adiante abriu a porta do rancho com um ponta-pé. O carreteiro levantou com um pulo.

— Ah...

Os dois se olharam. Um surpreso, o outro engulindo pragas.

— Qualquer dia mato Felícia... Qualquer dia mato... pensava *ele*.

— Até me assustei, seu Arnaldo! Caramba!

— Ora, não se preocupe. E' o diabo da porta; sempre anda emperrada! Qualquer dia boto abaixo e faço outra!

O carreteiro, aliviado, deu uma risada. Arnaldo estava pensando:

— Faço com a porta o mesmo que vou fazer com a Felícia. Acabo com a porta velha e arrumo uma nova. E' fácil. Acabo com a Felícia e depois...

— Seu Arnaldo, aceita um chimarrão? Cerveja boa que trouxe da fronteira.

— Ah! Sim, quero.

Lá na beira da sanga Felícia chorava.

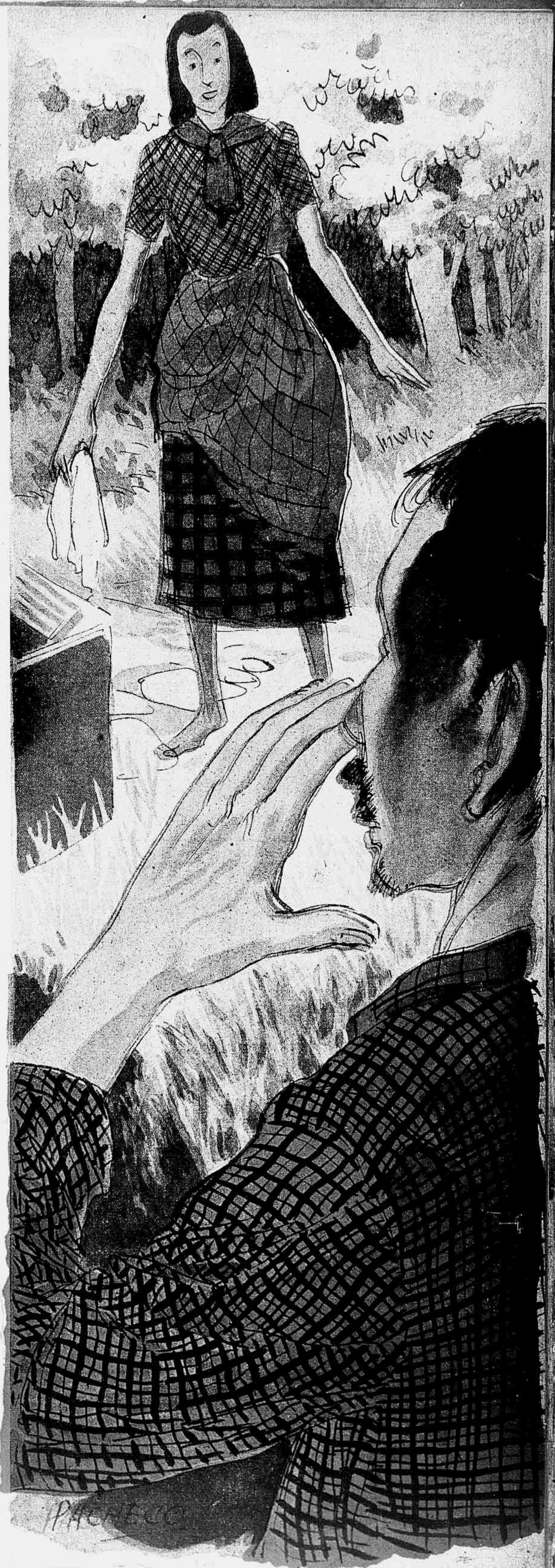
★

Santiago havia chegado ao rancho justamente no dia em que se fôra o único peão do Arnaldo. Pensava ficar só por um tempo, o que desse para ganhar qualquer dinheiro e depois seguir caminhando pelo corredor, até... até onde? Santiago mesmo não sabia qual era o fim de sua viagem. Andava por aí, procurando uma coisa qualquer. Se encontrasse um bom emprego, ficaria. Já estava farto do povo.

Chegou com fome, exausto, pés no chão, roupas em frangalhos. Assim, no seu desespero, qualquer changuçada lhe serviria, nem que fosse só pela comida e por um teto debaixo do qual pudesse dormir sem sentir frio, sem acordar molhado de sereno ou com uma cobra enroscada ao seu lado, como acontecera uma vez.

Chegou e ficou. Nunca imaginara que aquela mulherzinha parada, quieta, fosse

(Continua na pág. 45)







**C**ONTINUA a dança da moda. Os costureiros se dividem, como se divide também a opinião das elegantes do mundo inteiro. No momento, Paris resolveu agradar a todas as mulheres e é por essa razão que nos mais recentes figurinos encontramos saias largas ao lado de saias justas, algumas a trinta centímetros do chão, outras ainda a vinte e cinco. O que fazer? O melhor será cada uma ir vestindo aquilo que melhor se adapte ao seu tipo. Aqui, por exemplo, temos um modelo simples e elegante de Jacques Fath, que pode ser feito em seda ou linho, com peito e gola de **piqué** ou cambracia. De Balenciaga, temos este casaco amplo, de linho verde abacate, preso à cintura. Mangas "raglan". Schiaparelli, por sua vez, criou esta linha de muito **chic** mas um tanto perigosa, com esta saia em **pied-de-poule**, blusa amarela e jaqueta também em **pied-de-poule** com guarnições em tom unido. Marcel Rochas apresenta um **tailleur** em tafetá quadriculado, com colete vermelho e blusa branca. Finalmente, Jeanne Lafaurie sugere um casaco mais longo, com os babados enfiados e saia de regular amplitude.

## SUGESTÕES DE PARIS



**NOITE** De Lucien Lelong — Modêlo em organdi, com grandes babados plissados. ★ De Marcel Rochas — Corpo em tafetá preto; gola e babados da saia em organdi branco. ★ De Robert Piguet — Modêlo em jersey branco, com banda vermelha drapeada, prêsa ao lado por um "bouquet" de flores





**N**ASCEU de pais pobres, na pequena aldeia de Husnetz, no sul da Boêmia. Assim que pôde aprender a ler, foi matriculado como aluno gratuito no colégio de Praga. Adorava os livros antigos. Estirado ao pé da lareira, lia as histórias dos santos e mártires da Igreja Católica. Uma vez se levantou e meteu a mão no fogo. Como sua mãe o puxasse alarmada, fitou-a com os olhos sérios muito abertos. "Eu só queria experimentar até que ponto era capaz de suportar as torturas do martírio".

Cantava no coro da igreja por ocasião das festas religiosas, e marchava pelas ruas entoando hinos. Não tardou a distinguir-se como o menino mais "vivo" do grupo. Entre os boêmios do século XV, havia igualdade de cultura. Um menino de procedência humilde podia conquistar posição de relêvo intelectual na Igreja. De modo que João Huss pôde preparar-se para a "democracia católica" do sacerdócio. Entrou na Universidade de Praga, recebeu o grau de Mestre em Artes, e foi inscrito na faculdade com o título de **Magister**. Ensinou com brilho, aceitou a ordenação de sacerdote, e foi nomeado reitor da universidade. Escreveu tratados sobre questões religiosas e teve os aplausos da gente culta. Tendo-se feito por si mesmo, alcançou aos trinta e cinco anos o pináculo da sua ambição. Que mais lhe restava, senão ostentar as suas roupagens esplêndidas, assistir a banquetes, fazer discursos e desfrutar a estima dos ilustres colegas?

Mas João Huss era um homem simples. Nunca esqueceu que viera do povo. A alma humana, quando em toda a sua grandeza, é homogênea. A mesma nobreza anima o ser humano em gerações e lugares os mais apartados. Tanto João Huss como Abe Lincoln aprenderam a ler junto à lareira de uma choupana de camponês. E ambos absorveram o fulgor celeste da chama do martírio.

## II

Graças à influência dos ricos mercadores de Praga, João Huss foi encarregado de dirigir o culto na Capela de Belém, onde se processava um movimento de reforma religiosa. Nessa Capela, as orações não eram lidas em latim, mas na língua vernácula da Boêmia. Os tchecos eram zelosos de sua integridade nacional. "Devemos dirigir-nos a Deus na linguagem do nosso país". Os patriotas da Boêmia acudiam à Capela de Belém, imbuídos do mesmo espírito de uma sociedade de leigos que assistem a uma reunião pública. Era uma declaração de independência religiosa o que pronunciavam ao curvar-se e murmurar o Padre-Nosso. Tratava-se de uma oração singela, endereçada diretamente ao Pai Celeste. E não podiam compreender por que razão haviam de contribuir com dinheiro para os cofres papais de Roma, a centenas de milhas de distância. Isso, sentiam eles, era taxa material sem representação espiritual. João Huss, pregando na Capela de Belém, declarava que a superestrutura econômica da Igreja se afastava dos fundamentos simples da religião de Cristo. "Muitos membros do clero levam vida dissipada, possuem vastas propriedades e provêm às despesas arrancando a camisa do povo por meio de tributos". Na sua voracidade — afirmava Huss — tais clérigos ensinavam às suas vítimas que as almas dos mortos passariam do Purgatório para o Céu ao tinar da moeda entregue pelos vivos, à guisa de preço de entrada. Três cardeais cínicos — declarava ele — tinham comprado o acesso ao trono pontifício, e proclamado com arrogância que eram os vigários de Cristo. "Uma turba de seres rastejantes que se fazem chamar pastores do rebanho".

Mas, no meio dessa turba, João Huss descobriu "um espírito que marchava ereto". E a descoberta modificou-lhe o curso da vida. Os escritos de John Wycliffe, o Doutor em Teologia de Oxford, tinham chegado havia pouco a Praga. Wycliffe andava malvisto. Fora denunciado como herege pela Igreja. João Huss abriu-lhe os livros seriamente prevenido contra o autor. Quanto mais lia, porém, mais se maravilhava com a "heresia" de Wycliffe. Essa "heresia" tinha muitos pontos de contacto com a sua própria maneira de ver. Como ele, Wycliffe não combatia a Igreja. Combatia apenas os homens corruptos que diziam representá-la. Convidava o clero a despojar-se de suas riquezas e poder temporal, e retornar ao mundo do espírito. Propunha-se adotassem as palavras da Escritura, de preferência as palavras do sacerdote, como guia infalível em questões morais. Pedia, portanto, que se traduzisse a Bíblia nos idiomas nacionais de todos os povos católicos, de modo que pudessem ler a mensagem e receber diretamente o espírito de Cristo.

Quando Huss terminou de ler, tinham-se-lhe aclarado as idéias. Com o fervor de um discípulo que reconhece o verdadeiro profeta, tomou dos livros do inglês e leu-os publicamente aos membros da sua congregação e aos alunos da universidade. O que John Wycliffe pedia era a expulsão dos vendilhões do templo. "Também eu", decidiu Huss consigo mesmo, "dedicarei minha vida a essa tarefa".

## III

E então, uma crise. O arcebispo de Praga ordenou que todos os livros de Wycliffe existentes na universidade fossem lançados ao fogo. Essa ordem era um insulto à liberdade de cátedra de uma instituição que graças à fama de ser o maior centro de estudos da terra. Homens de todos os países afluíam para lá, a fim de conhecer a verdade imparcial acerca do mundo — privilégio raro nessa alvorecida do século XV. E eis que a alvorada ia ser novamente obscurecida pela ordem do arcebispo.

Mas tal não havia de acontecer, se Huss pudesse obstá-lo. Instituiu uma cruzada contra o arcebispo. Pronunciou do púlpito uma arrasadora condenação do costume de "quitar o pensamento humano". E quando os representantes do papa se reuniram para cantar *Te Deum* em torno à pira funerária dos livros, ele exclamou: "As chamas, meus amigos, não destroem a verdade; sempre foi prova de mesquinhez desafogar a cólera em objetos inanimados e inofensivos; os livros que hoje estão sendo queimados são uma perda para a nação inteira".

Uma perda que, não obstante, constituía um ganho. Pois na chama que consumia os livros soldaram-se os elos de um novo partido — um partido empenhado em reformar a Igreja. E Huss era a voz e o coração da nova reforma. Multidões de tchecos afluíam para ouvir a palavra de seu compatriota. Entre os ouvintes contavam-se alguns dos senhores mais poderosos do país. Inspirados por sua fogosa eloquência, os barões do reino, e até o rei e a rainha, vinham assentar-se a seus pés. Mas em breve a pressão de Roma sobre a família real obrigou o rei e a rainha a retirar o apoio prestado ao atrevido professor.

Entretanto o professor persistia na sua audácia. Um domingo, três de seus jovens alunos provocaram um distúrbio em uma das igrejas papais da cidade de Praga. Interromperam o sermão do sacerdote gritando: "Isto é mentira!". Foram imediatamente agarrados pela autoridade e conduzidos à prisão. Os pais dos moços encarcerados imploraram a Huss que intercedesse pela vida deles junto às autoridades. Huss não aprovava

# A VIDA DE JOÃO HUSS

(1369 — 1415)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

trazer novas perturbações, deixou Praga e retirou-se para os campos em que passara a infância. Repugnava-lhe a espada como argumento para dirimir as controvérsias religiosas. Ele era um simples mestre inspirado pela palavra de Deus e assustado pela brutalidade do homem. Saiu a pregar de aldeia em aldeia, num esforço por matar o ódio com a doçura de linguagem. Mas gostava principalmente de escrever no recolhimento de seu gabinete. Escancarava as janelas e aspirava o ar do campo, enquanto elaborava a sua tese de que "os livros dos hereges não devem ser queimados, mas lidos e examinados. Pois de que outro modo poderemos chegar à verdade?".

Por fim, o seu "estranho método" de chegar à verdade começou a molestar o Papa. "Que espécie de homem é esse agitado boêmio?" Os agentes pontifícios em Praga responderam a contragosto: "Seu porte é reservado e austero... Sua vida e procedimento, um exemplo de abnegação, e tão apartada do vício, que a este respeito ninguém pode encontrar o que dizer contra ele. Sua fisionomia pálida e ansiosa, a figura alta e descarnada, a solicitude em compadecer, e socorrer, até o mais humilde — tudo isso lhe ganha ainda mais adeptos que a sua eloquência".

Os ignorantes vêem nele um santo; e estão persuadidos que, como tal, não pode enganar nem iludir-se".

Era o suficiente. O "santo fraudulento" devia ser desmascarado. Veio de Roma uma bula de excomunhão. "Onde quer que João Huss estiver presente, é proibido celebrar missa, batizar as crianças ou enterrar os mortos".

Agora, Huss era oficialmente um desclassificado. Seus amigos lhe pediram que cessasse de pregar e escrever. Mas ele não lhes prestou ouvidos. Absurdo! Já uma vez havia pôsto a mão no fogo para pôr à prova a sua coragem. Continuará a pregar, ainda que o queimassem vivo. Novo tom começou a fazer-se notar em seus sermões — um tom de ironia e desafio. Verberava os "cegos dirigentes da Igreja", que apedrejavam os profetas e depois erguiam monumentos à memória deles. "Vós adorais os mortos e perseguis os vivos".

Novamente os amigos o aconselharam a desistir. Mas em vão. "Se eu deixasse de pregar, seria um traidor no dia do juízo final".

Veio por fim o golpe. Huss recebeu a ordem de comparecer diante de um Concílio geral da Igreja na cidade suíça de Constança. A acusação apresentada contra ele — não podia haver outra mais grave dentro da jurisdição da Igreja — era a de heresia.

Seus amigos empalideceram. "Ele decerto não vai a Constança, para entregar-se nas mãos do inimigo!". Na Boêmia, estava protegido pelos mais valentes cavaleiros do reino, prontos a defendê-lo com as próprias vidas. "Fica, e eles que venham buscar-te — se puderem!".

"Irei a Constança defender as minhas doutrinas", declarou Huss.

## IV

"Nós, Sigismundo, eleito Imperador dos Romanos pela graça de Deus... tomamos sob a guarda e proteção especial de nós e do Santo Império o mui digno e honrado professor João Huss... Ordenamos, a todos e cada um, protegê-lo, dar-lhe hospitalidade condigna, ajudá-lo em tudo o que possa apressar ou assegurar a sua viagem, quer por terra quer por água... e, se necessário, fornecer-lhe escolta especial a bem da nossa honra...".

Armado com as garantias desse salvo-conduto do Imperador, e escoltado por uma guarda pessoal de dois cavaleiros — "faço-o apenas para comprazer os meus amigos da Boêmia" — João Huss partiu para Constança. Em todos os lugares por onde passou foi recebido cordialmente, pois sua reputação o precedera havia muito. "Não achei necessário andar incógnito nem uma vez", escreveu aos ansiosos amigos de Praga. "Tenho viajado livremente e sem disfarce". Atravessou Bernau, Neustadt, Weiden. Bebia vinho com os magistrados e comia ao lado da gente do povo. "Sou aquele João Huss, de quem sem dúvida ouvistes dizer tanto mal. Podeis agora julgar se era verdade ou mentira".

Chegou à cidade de Constança com as palavras do mais humilde camponês a ecoar-lhe nos ouvidos. "Por certo voltareis coberto de honras deste concílio".

Instalou-se e aguardou a convocação do Concílio. O Imperador ainda não chegara. Huss desejava sair à rua e pregar ao povo. Mas recebeu ordens estritas de calar-se. Tendo sido excomungado, devia abster-se de falar em público, de ler a missa, e até de aparecer na igreja, salvo na qualidade de "um leigo obscuro". Entretanto, quando chegasse o Imperador, ele teria "oportunidade de se defender livremente".

Uma noite Huss estava jantando com um de seus nobres acompanhantes, o Barão de Chlum, quando entraram o bispo de Augsburg e o prefeito da cidade. Comunicaram-lhe que o Papa e um grupo íntimo de cardeais se haviam reunido para uma troca de idéias. Gostariam de ouvir o Magister Huss expor seus pontos de vista em caráter privado, entre amigos. Queria ter a bondade de levantar-se e segui-los?

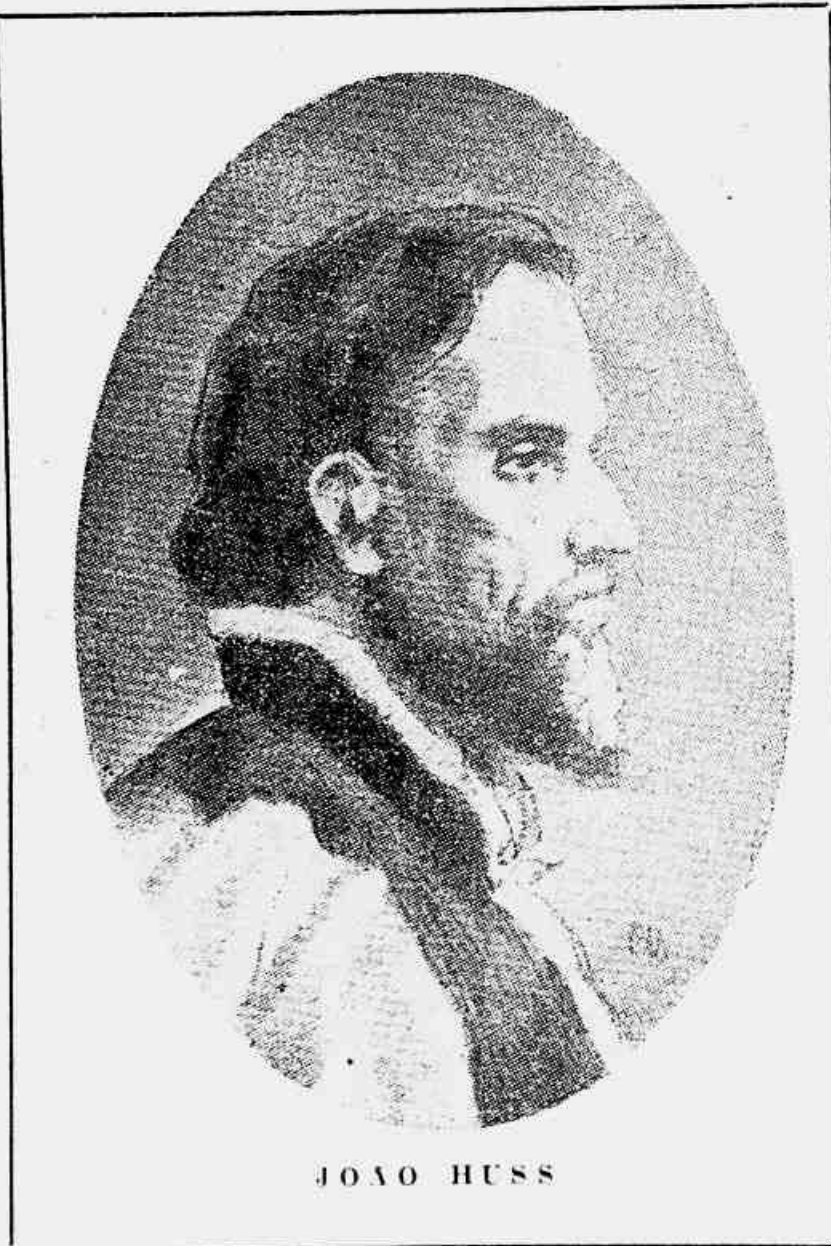
O Imperador ainda não chegara à cidade. O Concílio não havia sido convocado. "Nunca tive o desejo de justificar-me numa audiência privada; vim aqui para falar num julgamento público, de acordo com as luzes que, espero, Deus não me recusará... Não obstante, seguiu-vos-ei".

Compareceu à audiência. Foi detido e encarcerado.

Quando o Barão de Chlum descobriu que o seu amigo caíra numa armadilha, irrompeu na sala do Concílio, onde os cardeais permaneciam em sessão. Com a mão na espada, exigiu a restituição imediata do salvo-conduto que João Huss recebera do Imperador. "Com que direito", bradou, "ousastes violar a promessa do Imperador?".

Os cardeais limitaram-se a olhá-lo e sorrir. Desesperado, o Barão de Chlum correu para as ruas, a fim de reunir o povo e divulgar a traição. Mas as ruas estavam desertas. Ninguém saiu a escutá-lo. Naquela tarde os cardeais tinham espalhado o rumor de que João Huss, com medo de enfrentar o processo por heresia, se escondera num carro de bois e escapara à noite. Como resultado desse boato o povo perdeu o interesse

(Continua na página 46)



JOÃO HUSS



# Um dia de funcionamento de "Meu Cantinho"

RESTAURANTE, BAR, CAFÉ, CASA DE CHÁ E CONFEITARIA

Por longo tempo perdurará a recordação da festa inaugural das novas instalações do Café-Bar "Meu Cantinho", agora ampliado em salão de chá, confeitaria e restaurante. Na ocasião, a imprensa pôs em destaque essa verdadeira reunião social em que redundou o ato inaugural, e focalizou a figura ilustre do sr. Francisco Cerqueira Bastos, que, com talento de artista e maestria de comerciante experimentado, idealizou e realizou "Meu Cantinho", o estabelecimento que vinha sendo reclamado pelo Rio moderno, pelo Rio elegante, pelo Rio super-civilizado para o qual converge no momento uma grande corrente turística.

O ambiente criado em torno de "Meu Cantinho" levou nossa reportagem a visitá-lo. Fica situado à rua Senador Dantas n.ºs 20-A e 20-C, ou 20, loja 5. Logo que se entra, começa o encantamento causado pelas instalações. Originalidade na concepção e esmero na execução ressaltam logo aos olhos. Arte da mais requintada, nota-se tanto nas linhas arquitetônicas como nos motivos decorativos. Nos menores detalhes houve a preocupação — magistralmente conseguida — de arrancar da pedra, do ferro e da madeira os mais belos motivos ornamentais. A alvura imaculada das paredes resplandece sob os jorros da iluminação fluorescente em suavíssimas tonalidades. E em todos os salões de "Meu Cantinho" a beleza impera, dando alegria e bem estar aos seus frequentadores.

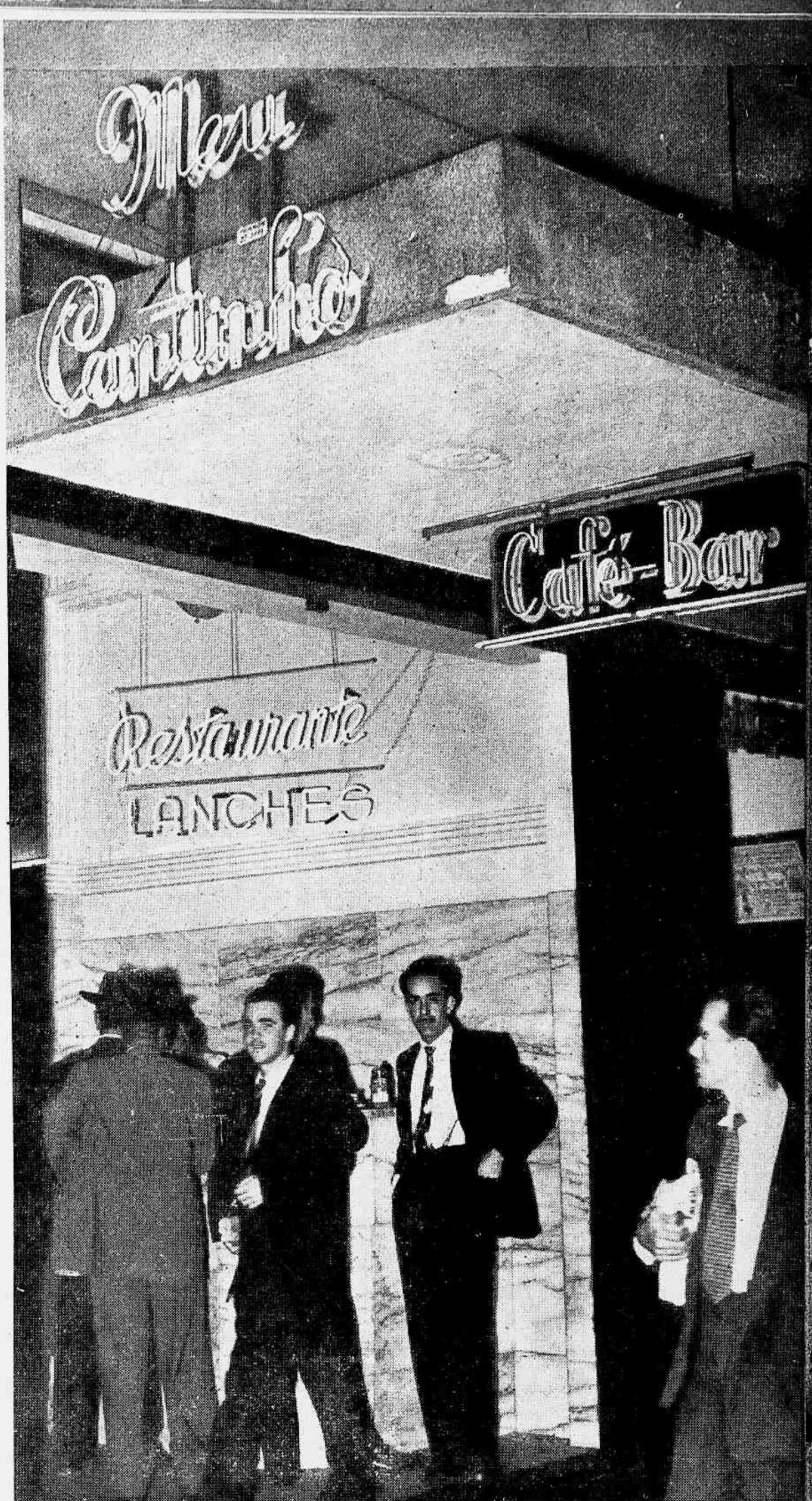
Um dia de funcionamento de "Meu Cantinho" — eis o que desejávamos averiguar. Logo às primeiras horas da manhã, a sala de café regorgita de gente de todas as classes sociais que, antes de se dirigir para as suas variadas ocupações, ali vai tonificar o espírito e o organismo com um saboroso café. E pelo dia adiante, o mesmo ritmo de frequência se observa no salão de café, tão graciosamente emoldurado de preciosos mármore sulinos de Portugal.

Meio-dia. Inicia-se o serviço de almoço. Em lindas salas, com pequenas mesas cobertas de linho finíssimo e cadeiras estofadas a couro policrômico, servem-se menus compostos das mais variadas e deliciosas iguarias da cozinha internacional a uma frequência de gosto apurado e exigente, onde se notam pessoas da nossa sociedade e outras das mais várias nacionalidades. O serviço é impecável. Em outra sala, vê-se um balcão-refrigerador todo enquadado em vidro. Aqui é a seção de refeições a preços populares. O mostruário do balcão apresenta os famosos "pratos do dia" de "Meu Cantinho", todos eles feitos com os melhores gêneros e eminentemente alimentícios, denotando excelente culinária. Em poucos momentos, os bancos altos, estofados, tipo americano, que se alinham em frente ao balcão, são totalmente ocupados por uma frequência escolhida. E até as 14 horas esse movimento continua, renova-se, oferecendo um quadro igual com personagens sempre diferentes.

A partir das 16 horas começam a chegar os freguezes para o chá, sorvetes, confeitaria, deliciosos refrigerantes. Uma frequência distinta, composta de homens e senhoras, moças e rapazes, onde se apontam figuras de evidência nas letras e nas artes — o escol do mundanismo carioca. Muitas pessoas vão diretamente à confeitaria do "Meu Cantinho" em busca dos seus deliciosos doces.

A noite, o jantar, que é servido principalmente no pavimento superior, no luxuoso e artístico salão "Castro Alves". Ao primoroso cardápio, junta-se a lista dos vinhos de procedências famosas. E "Meu Cantinho" satisfaz e encanta os mais exigentes paladares, sem distinção de nacionalidades, pois é um restaurante cosmopolita.

Seu fundador e proprietário, um luso-brasileiro, o sr. Francisco Cerqueira Bastos, do seu posto acompanha todo o movimento da casa. Com o seu trato cavalheiresco, tem sempre uma amabilidade para cada freguês e uma palavra de estímulo para cada auxiliar. Vendo-o em ação e relembrando a obra que tem realizado no Rio, ocorrem-nos ao pensamento o quanto têm de utilidade, para um país, homens dessa ténpera e de tão admirável poder construtivo.



As fachadas cintilantes de luzes sollicitam a atenção para o interior maravilhoso de "Meu Cantinho"



Logo às primeiras horas da manhã a sala de café regorgita...



Meio-dia. Inicia-se o serviço de almoço



Aqui é a seção de refeições a preços populares



# VIDA LITERÁRIA

UMA EDIÇÃO RARA — A Livraria José Olympio vai lan-

çar uma edição de grande luxo do livro inédito de Gilberto Freyre, "Ingleses no Brasil". Trata-se de edição subscrita antecipadamente por cem bibliófilos, ao preço de mil cruzeiros, nos moldes do que se faz comumente na França, mas era ainda um sistema quase desconhecido no Brasil onde apenas os Cem Bibliófilos se dão ao alto bom gosto de dispor das suas preciosas edições, também naquela cifra redonda. O êxito da edição de "Ingleses no Brasil" já está assegurado, achando-se quase completa a relação dos subscritores da grande obra do eminente sociólogo brasileiro.



★

## DE UM MESTRE A OUTRO

Antero de Figueiredo, o grande romancista português, autor de "D. Pedro e D. Inês", "Doida de amor" e "Leonor Teles", a mais bela trilogia literária do amor lusitano, além de tantos outros livros tão admirados em Portugal como no Brasil, dirigiu a Celso Vieira, o ilustre acadêmico brasileiro, a propósito do livro deste último, "Manuel Bernardes, clássico e místico", uma longa carta que é uma página do mais alto louvor ao admirável trabalho de seu confrade:

"Acabo de ler, em voz alta — preito ao autor, delícia do leitor — o seu notável estudo — "Manuel Bernardes, clássico e místico". Tenho os ouvidos deleitados pelo ritmo, e os olhos afagados pelo colorido da sua prosa — forma como que enfiada pela daquele castiço autor da arte escrita, expressiva e sóbria: Mestria. Lucrou o clássico oratoriano por haver tido quem fundamente, belamente lhe interpretasse alma e engenho; lucrámos nós com a lição primorosa de seguro critério, e de devoção pela língua de Portugal na pureza fixada pelos bons autores quinhentistas e seiscentistas.

A propósito, veio à baila Vieira, talvez lembrado pelo mote de Castilho naquela conhecida estampa de contrastes, Celso Vieira glosou esse mote. Temperamentos muito diferentes; almas inteiramente diversas. Um, rasgado voo às alturas do gênio, por vezes, algo de cenografia de dilatadas perspectivas, quando o auditório de mil cabeças precisava da palavra-côr, da palavra-movimento para o abalo persuasivo; outro, medido e cuidadoso, dentro de uma cela a escrever — a compor — para os que em celas vivem. Panorama do primeiro: a vastidão da vida que o pensamento e o sentimento abrangem e aumentam; do segundo: a vida que em si se dobra e se ensimesma. Castilho não poderia glosar o seu mote senão estreitamente; Celso Vieira glosou-o dilatadamente com alma tão justa como fidalga. Castilho ficou a meio caminho com elogiar bastante Bernardes; e foi até o fim no gostinho de morder em Vieira. Esta era a fisionomia do seu paladar literário. Já deve ter dado contas a Deus de haver escrito do grande Vieira "puerilidade, indecências, quase heresias". Ah, o gênio precisa de ser visionado por outro gênio. A análise não basta: em alguns, pouco maior é que a anatomia mesquinha.

Mas deixemos em paz este morto ilustre. Embora todo o seu grande mérito linguístico, tem estes pecados no seu passivo crítico — apoucou imortais; Camões; amesquinhou eminências; Antero; glorificou secundários. Tomás Ribeiro.

Celso Vieira possui esta qualidade rara: sua erudição tem brilho e garbo; sua cultura é elegantíssima; seu dizer transcendido; sua sabedoria veste-se a primor. Neste estudo, Pe. Manuel Bernardes fica retratado não apenas de corpo inteiro, o que seria já interessante e bela superfície, mas de alma inteira: em vulto de espírito e arte, pôsto no fundo da sua época de contradições — devassidão e devoção. Excelente.

★

RACHEL DE QUEIROZ escrevia outro dia contra a ingenuidade de certos escritores brasileiros, em geral fora do cartaz, que se comprazem, embandeirados em arco, em aparecerem nas revistas e suplementos, a título de entrevistados por espertos rapazes que de seu apenas dão o nome ao cartapácio, uma vez que o entrevistado se encarrega de tudo ou quase tudo, elogios e especificação de títulos inclusive. "Vanitas vanitatis", contra a qual a grande escritora cearense se insurgia, pelo que representa de desperdício de tempo do autor, a troca de cinco minutos de lusinga notoriedade, mas, ao lado desses indagadores de meia dúzia de perguntas adrede preparadas, há também por aqui, e é claro, os que fazem desse setor das letras uma verdadeira arte, pelo imprevisto com que nos apresentam suas vítimas — que vítimas se tornam, de fato, na maioria dos casos, nas mãos desses maliciosos manipuladores de vidas alheias. Um deles, de grande talento literário, dum admirável força plástica para a construção dum perfil intelectual e humano, visto por dentro e por fora, pôs tanto veneno em algumas de suas produções que acabou espantando a freguesia, tantos e tais os casos de intimidades e de susceptibilidades feridas pelas suas indiscrições. Porque é claro que o bom reporter tem que ser mesmo, mas "cum grano sat", seu tanto ou quanto de indiscrição, desde que o que o leitor justamente quer saber a respeito do autor da sua predileção ou da sua antipatia é aquilo que o grande homem oculta ao comum das mortais, o retrato de pantufas ou de cuecas lançado em nota pelos secretários de poucos respeito dum Anatole France ou dum Gabriele d'Annunzio. Francisco de Assis Barbosa, que é um dos nossos autores dessas páginas de permanente sabor e colorido, refere-se mesmo, numa delas, ao "relatório semi-impermeável" do reporter, que como um vegetal que só querem ver o pútrido e o subcultural. O gesto por essas entrevistas firmou-se, ent, através da arte de João de Rio, especialmente

Por HERMAN LIMA

Que proporções tomaria esta carta se eu me demorasse, agora, a mostrar e a aplaudir todos os altos valores deste estudo! Mas nada é necessário. Tudo está à vista no seu preclaro trabalho, sr. Celso Vieira. E' mais um assinalado documento literário na obra do nobre pensador do "Semeador" do "Endymão", do admirável historiador de "Anchieta".

Felicitações sem peso nem medida. Palmas tão fortes e sonoras, que se ouçam além do "Mare Nostrum". Muito grato e grande admirador

(a) — Antero de Figueiredo".

★

## JOYCE CAREY

Dentre os romancistas mais expressivos da moderna literatura inglesa, assinala-se Arthur Joyce Lunel Cary, ou mais simplesmente Joyce Cary. Sua posição no quadro das letras inglesas é especial, pois toda sua obra difere das normas comuns: sua "curiously wide variety" nos mostra um escritor fora do padrão atual. Nasceu Joyce Cary em 7 de dezembro de 1888, tendo estudado no Trinity College, de Oxford e em Edinburgh. Tomou parte na guerra balcânica de 1912-3, como componente do Batalhão Montenegrino e da Cruz Vermelha Inglesa e, mais tarde, em 1915-16, na Campanha do Camerun. Regressando à Inglaterra, por motivos de saúde, recolheu-se à vida do interior. Da



experiência africana, porém, profundas marcas ficaram nesse homem que só se dispôs a escrever depois dos quarenta anos. Dizia que até então apenas se exercitara no manejo da língua e do estilo. Em 1932, publicou seu primeiro livro, "Aissa saved", re-escreto várias vezes e que é o ponto de sua experiência na África, seguindo-se "Castle Corner" e "The African Witch". A sua capacidade para se absorver nas suas personagens não tem paralelo na literatura inglesa de hoje, e de certo modo Joyce Cary relembra Defoe, com sua capacidade de auto-



## WILLIAM FAULKNER

Quando apareceu a tradução de "Santuário", dele disse André Levinson em "Nouvelles littéraires": — "Este livro é atroz. E' o livro dum poeta. Seu horror não depende dos diversos fatos que nele se acumulam e se encadeiam: assassinato, violação, rapto, linchamento, mas da "qualidade da angústia" que se desprende de cada página — e a que só atingem certas visões de pesadelo do irlandês Liam O'Flaherty — do cinismo desesperado de tais cenas burlescas, da tensão dramática que lhe convulsiona os curtos capítulos. William Faulkner é um fascinado pelo espetáculo da perversidade humana, pelas contorções capulosas e pelos monstruosos desvios da luxúria, pelo concurso e pela complicitade de circunstâncias que, fatalmente, fazem triunfar o mal". Nesse período se acham, de fato, as principais características desse grande escritor americano, que André Gide considera mesmo o maior dos Estados Unidos. Ainda agora todos esses traços de sombria grandeza e de absorvente interesse novelístico que o fazem considerar também, por outros críticos, como um insuperável escritor policial, policial no sentido da trama e da concepção das obras primas desse gênero de ilustre filiação na arte dum Poe, se renovam, com uma acrescida força de narrativa e de emoção, no romance "A Luz de Agosto", que a Livraria do Globo acaba de publicar, em excelente tradução brasileira. A ação do drama de Joe Christmas, de fascinante intriga, se passa em dois planos simultâneos e entrosados com uma prodigiosa maestria, movimentando-se e sucedendo-se, sempre com a mesma poderosa sensação de "suspense", a vida passada e a atualidade dos seus personagens. Tudo se acha marcado pelo "cachet" desse escritor de grande classe, que só agora o leitor brasileiro está começando a conhecer devidamente, para contrabalanço da furiosa avalanche de "best sellers" e de condensações tão ao gosto do público ianque.

biografar-se em fatos e incidentes de pura invenção. Cary é um poderoso narrador: forte, cheio de vigor e realismo, atingindo por vezes, ao patético. Além desses romances, temos "Mister Johnson" e "A House of Children" e "Charley is my Darling", todos tendo por tema a infância, em contraste com seus primeiros trabalhos. Finalmente, "Herself Surprised", "To be a Pilgrim" e "The Horse's Mouth" formam uma trilogia, embora sejam obras independentes. Relatam "a história inglesa, vista por olhos ingleses, nos últimos sessenta anos". "The Horse's Mouth" que acaba de ser re-editado pela Penguin Books, é um estudo da vida do pintor Gullery Jimson e nos mostra admiravelmente a técnica de Joyce Cary como romancista. Esse escritor, que publicou ainda "Marching Soldier" em 1945 e "The Drunken Sailor", este ano, ambos livros de poesias, é casado e tem quatro filhos, três dos quais serviram na última guerra.

★

## ENTREVISTAS

com as suas famosas reportagens d'O Momento Literário". E' certo que João de Rio não raro aristocratizava muito os nossos homens de letras, mas não por isso suas entrevistas perdem o sinete dum documentário pessoal de primeira ordem. O mestre dos entrevistados dos nossos dias e, porém, um vizinho do Prata, o uruguaio Soiza Reilly, que durante vinte anos ou mais andou vasculhando, por conta da famosa revista "Caras y carteras", de Buenos Aires, todas as celebridades do momento, no mundo acessível. Por conta daquela revista, esse fabuloso Sésamo da alma alheia foi por duas ou três vezes à Europa, com fotografias especiais a acompanhá-lo, para fazer aos seus leitores o que até hoje continua inapercebível em matéria de "interview" na imprensa universal. Da primeira vez, trouxe dele um livro preciosíssimo, "Cien hombres célebres", ao qual se seguiu outro de confidências femininas, "Mujeres de America", além de dezenas e dezenas de outras páginas a coletar ainda nos números do esplendido magazine argentino. Não raro, Soiza Reilly reportaria mesmo impavidamente à mentira, para conseguir aproximação com o grande homem, como ocorreu com Clemencéu, a quem disse que ia tratar da criação da sua estatua em Buenos Aires, ou ao desfaço, como no caso de d'Annunzio, que da primeira vez e pôs quase porta a fora e da segunda recebeu no Vittorale, com vinte e um tiros de salva de canhão. Era justamente dum de suas entrevistas europeias, com Maurice Rostand dando "satiras" que eu me lembrava, ao ler no último número da "Revista do Globo" o que nos conta Justino Martins, de seu encontro com Somerset Maugham, na suntuosa vila de Cap Ferrat.

Página modelar, essa, em todos os seus aspectos, para a revelação dum personagem, muito embora tão nossa conhecida através dos bocais de autobiografia de quase todos os seus livros. No particular, a entrevista de Justino Martins é sem exagero uma obra prima, merecendo sem dúvida uma divulgação muito maior do que tem tido. De princípio, o próprio reporter acentua a repugnância de Somerset pelos entrevistadores de qualquer nacionalidade, em especial pelos americanos, famosíssimos por suas indiscrições. O brasileiro se desculpa, dizendo que é latino, porém o escritor não sempre perdendo, por ter ouvido as suas labias. Não se trata de nenhuma grosseira, nem falta de tato do reporter, mas apenas daquele inamável poder de fixação dum detalhe, que tem os grandes reporters, como os grandes escritores de ficção (especialmente os contistas), como tem mesmo o próprio Maugham. Lemos a vivíssima narrativa do jovem redator da "Revista do Globo", um dos mais agéis espíritos de jornalismo moderno desta geração, e à vista de certas revelações que o leitor deve ir procurar por si mesmo, na revista, não há como fugir a certa reminiscência dum dos maiores contos do autor de "Chuva". Refiro-me a "The human element", curiosa história dum rica herdeira inglesa que se mete a mimar, numa hereditária propriedade da ilha de Andia. O enredo de um casamento, na mesma de cabecinha da meca tem, no conto de Maugham, o mesmo toque de incerta revelação que tem na entrevista de Justino Martins alguma referência às sobrinhas do secretário do escritor, feitas à piça, ou certo reparo a seu irmão ilegítimo, ao qual o escritor dá uma suntuosa moção de despedida. Esse o grande toque de malícia do verdadeiro escritor desse gênero, que vale páginas e páginas de divagações. Com essa entrevista ou não hesitaria em dar ao jornalista paulista a palma da melhor reportagem deste ano.





## *A Infância*

O berço em que, adormecido  
Repousa um recém-nascido,  
Sob o cortinado e o véu,  
Parece que representa,  
Para a mamãe que o acalenta,  
Um pedacinho do céu.

Que júbilo, quando um dia,  
A criança principia,  
Nos tombos a engalinhavar...  
Quando, agarrada às cadeiras,  
Agita-se horas inteiras  
Não sabendo caminhar!

Depois, a andar já começa,  
E pelos móveis tropeça,  
Quer correr, vacila, cai...  
Depois, a boca entreabrindo,  
Vai, pouco a pouco sorrindo,  
Dizendo: mamãe... papai...

Vai crescendo. Forte e bela,  
Gorre a casa, tagarela,  
Tudo escuta, tudo vê...  
Fica esperta e inteligente  
E dão-lhe, então, de presente  
Uma carta de A. B. G.



HOMENAGEM À  
SEMANA DA CRIANÇA  
DO AMIDO DE MILHO

**MAIZENA DURYEA**

MARCAS REGISTRADAS

OLAVO BILAC

TRIANGULO





## KIRSTEN FLAGSTAD — "WAGNERIANOS", SZENKAR E UM TANNHAUSER DESARTICULADO ★ A MORTE DE ISOLDA ★ A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONCERTOS

De ROBERTO LIRA — Especial para "REVISTA DA SEMANA"

○ recitativo wagneriano amplo, imponente, encontrou na voz de Kirsten Flagstad as qualidades mais adequadas à sua interpretação. Se, por um lado, a Balada de Senta reclamaria mais agilidade, parecendo um tanto pesada, na versão de Flagstad, sobretudo para quem a ouviu na delicada interpretação de Elizabeth Rethberg, por outro lado, a morte de Isolda, de tão poderosa força dramática, o magnífico "Du bist der Lenz", de um lirismo ampliado pela eloquência da linguagem musical, foram traduzidos com insuperável segurança. Emitida sem esforço, a voz de Flagstad, de graves cheios, sobe aos agudos sem prejuízo do timbre aveludado e do volume que doma até a orquestra wagneriana, tão impetuosa, sobressaindo, sem dificuldade. Em dois concertos magníficos, sendo que um com a orquestra sinfônica, tivemos oportunidade de ouvir essa extraordinária intérprete da música wagneriana. Seu temperamento sente-se à vontade nas peças mais fortes, as marcadas por acento dramático. Assim, um Beethoven, por exemplo, ganha, com Flagstad, vigor e firmeza. De Schuman se destaca, sobretudo, a forte e comunicativa emoção, enquanto que Hugo Wolf, sob certos aspectos tão próximo de Wagner, soa solene e imponente.

Verifica-se, assim, que Flagstad prefere e transmite com mais facilidade, como dissemos, o tipo wagneriano de recitativo. O lied de Schuman, por exemplo, observa Adolfo Salazar, "conquanto mais livre de forma (do que as canções de Schubert), é solidamente construído". "Wolff", prossegue o musicólogo, "e este é o caso do drama wagneriano, segue, ao musicar o texto poético, as mais leves inflexões da palavra, como que traduzindo-a plasticamente", processo "mais dramático do que lírico". O poema forma o núcleo da composição musical, e a música, captando o ritmo sutil do verso, amplia, sublinha a palavra, acrescentando-lhe novos elementos de beleza. Bem romântica, essa concepção prende a música à literatura e funde os valores musicais e literários numa composição com a qual teoricamente se pode estar em desacordo, mas cujos efeitos, nas realizações de um Wagner, é impossível desprezar. No mesmo estilo, que tem parentesco tão íntimo com a obra de Hugo Wolff, foram compostas as cinco canções — Der Engel, Stehe Still, Im Treibhaus, Schmerzen e Träume — de Wagner, dedicadas a Mathilde Wesendonck.

### SZENKAR E UM TANNHÄUSER DESARTICULADO

Assim, admiramos em Flagstad a expressão firme, dentro do estilo que tem afinidades especiais com sua sensibilidade. Tão forte é a sua personalidade que, fora do gênero em que é figura excepcional, ela, não obstante manter as suas qualidades, a bela voz, a boa escola, sente-se constrangida. O encanto delicado de Wie Sollten Wir Geheim Sie Halten, de Strauss, exigiria mais leveza, enquanto o soberbo Allerseelen, do mesmo compositor, canção de pungente dramaticidade, é maravilhosamente traduzida. "Wie einst im Mai, Wie einst im Mai", soluçam os versos, numa evocação dolorosa para a qual Kirsten Flagstad encontra comovente e franca expressão.

Apreciando, assim, em conjunto, os dois concertos de Kirsten Flagstad, é possível caracterizar a sua personalidade, assinalando a força da intérprete, que procura, sempre, as obras adequadas às suas qualidades e oferece, no campo de sua especialidade, algumas realizações inesquecíveis.

Infelizmente, no segundo concerto da cantora, com a Orquestra Sinfônica, convocada à pressa, não notamos aquela segurança e aquela precisão que a O.S.B. tem procurado manter. Talvez efeito da urgência, que não admitia ensaios. Porém, de qualquer forma, lamentável. Já ouvimos, pela própria O.S.B., um prelúdio do Tannhäuser mais cuidadosamente interpretado do que o que abriu aquele concerto. Notava-se uma certa displicência por parte dos músicos e do regente, que nos surpreende, uma vez que, ultimamente, a O.S.B. andava muito escrupulosa e, quando não acertava, pelo menos dava uma impressão de conjunto operoso e bem ensaiado. Ouvimos um Tannhäuser bastante confuso, sem que os planos orquestrais se destacassem, desarticulado, dando uma penosa impressão de desleixo.

### A MORTE DE ISOLDA

Não obstante o comportamento da Orquestra, que, apesar de conhecer bem a página de Wagner, não estava num de seus grandes dias, a Morte de Isolda foi chave de ouro com que se encerrou o segundo concerto de Kirsten Flagstad. A sua interpretação valorizou a emoção empolgante daquela página. Vibrante e de uma excepcional força expressiva foi Flagstad.

Na verdade, agradecendo à Associação Brasileira de Concertos por ter-nos proporcionado os recitais de Flagstad, poderíamos dizer que essa sociedade já merece o título de Associação dos Bons Concertos. Se a lista de pianistas que ela nos apresentou este ano culminou com Walter Giesecking, a de cantores chegou ao ponto máximo com Kirsten Flagstad.



### Para meninos e meninas VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO

Grande sortimento de roupas para crianças de ambos os sexos, de 2 a 16 anos, a preços realmente da fábrica

### Peçam catálogos

Atendemos pelo REEMBOLSO POSTAL  
Fábrica - RUA HADDOCK LOBO, 54

(Estácio de Sá) - Rio de Janeiro

### A grande safra . . .

(Continuação do número anterior)

Utilizavam na dura labuta, em plena época da máquina e da eletricidade, instrumentos rústicos de séculos atrás, lutando contra doenças e flagelos, sem a menor proteção, por falta de governos que se interessassem em instruí-los e ajudá-los. Sem legislação trabalhista que os amparasse, sem meios de comunicação suficientes, sem incremento à maior produção, com a justiça a serviço dos potentados, viviam sempre à mercê dos negociistas, humilhados — pisados bois de canga. As suas pequenas safras juntas enchiam armazéns, enriqueciam intermediários, movimentavam comércios, alimentavam a nação. Mas inconscientes de sua força coletiva, isolados e fracos em sua produção individual, numa privação e miséria atávicas, vegetando na ignorância, moravam como bichos, no barro, em casas levantadas do barro, entre frágeis paredes de barro, sob telhados inconsistentes de sapê.

Felipe sentia a imoralidade dessa diferença. Mas não podia revoltar-se contra o estado de coisas, ainda não tinha cérebro adulto, ainda não tinha a instrução necessária, não encontrava bases sólidas de causas e efeitos para daí tomar uma atitude política de luta. Apenas como milhares de inconformados pela metade, vítima da mentalidade burguesa, passava para o outro lado, numa fuga, numa busca de melhores compensações. E aspirava ao comércio, o pequeno comércio, o pai lhe

prometera, caso a safra fosse rendosa, estabeleceu-lo com uma venda no "comércio" ou numa encruzilhada propícia.

★

A terra sob os seus pés mudava à medida que subiam a encosta. Ao terreno pedregoso e esbranquiçado sucedera um pardo indeciso, depois achocolatado, que se tingia gradativamente e amolecia de consistência até pisarem enfim na terra fôfa e preta, na terra boa, a terra rica. Então, vencida a ladeira, pararam no tope do outeiro. Uma paisagem surpreendente descia pelo outro lado e se estendia por tarefas e tarefas lá abaixo. Era um ondular vigoroso de verde, rolando pelo morro, sucedendo-se pelo tabuleiro todo. Era um fremente mar organizado, de movimentos controlados, de cores distribuídas com harmonia, de verdes de vários tons, desde o cana até o garrafa, desdobrando-se nervosamente num esplendor de maturidade. Trilhas pardas cortavam-no, ora retas, ora curvas, poços cheios da última inverno abriam clareiras frescas entre a plantação. E numa esbeltez graciosa, descabelando as folhas flébeis e longas, o milharal diferenciava-se da mamona e da mandioca, protegendo em sua sombra o feijão que se lhe enroscava aos pés.

Donde estavam, os lavradores podiam ver todo o terreno plantado. Comentaram o furor do vento. Ali de cima sentiam-no bem em toda a sua impetuosidade.

### Está assim concluída uma das mais belas e mais preciosas iniciativas editoriais dos últimos tempos A MONUMENTAL EDIÇÃO DO CENTENÁRIO



COMEMORATIVA DO NASCIMENTO DO GENIAL ESCRITOR

### EÇA DE QUEIROZ

DOS SEUS SOBERBOS 15 VOLUMES, 13 ESTÃO JÁ EM DISTRIBUIÇÃO — UMA EDIÇÃO QUE NÃO VOLTARÁ A SER REIMPRESSA

Aproveitem, pois, os poucos exemplares ainda disponíveis, inscrevendo-se desde já; tendo assim a certeza de que possuirão uma das mais lindas joias da literatura portuguesa, na sua mais valiosa e, em breve, mais cobiçada e rara edição.

Enviamos catálogos — Atendemos pelo REEMBOLSO POSTAL  
LIVRARIA H. ANTUNES LIVROS de PORTUGAL, Lt.

39, Av. Marechal Floriano, 39 - Rio

Rua Gonçalves Dias, 62 - Rio



— Vai vê que desguelou muito pé de milho — preveniu um dos alugados.

— Esse vento tem me dado o que pensar — confessou por fim Nhô Balbino, com as rugas, entre as sobrancelhas, mais carregadas: tem bem uma semana que vem ventando assim desmanhadinha. E essa quentura de doer os bofes da gente.

— E não vem do levante, pai — reparou Totônio.

— Não, não vem não — tornou o velho.

— Não quero mal gorar — começou um dos caboclos, o mais velho dos alugados. Mas quando o finado meu pai (que Deus guarde ele) tava cá na terra e tinha um sitiozinho assim bonitinho como o de vós-micês...

Balbino o olhou penetrantemente, mas o outro não concluiu, como se tivesse falado apenas para si próprio e lhe bastasse a conclusão silenciosa. Totônio levantou a cabeça, tentando ler no céu resplandescente. Não suportou aquele violento fulgor, agora duma tonalidade esfumada de cobre novo, baixou a vista ferida. Sentiu de repente um tremor esquisito na carne, um aperto estranho no coração, sensação idêntica quando, por instinto, adivinhava a existência dum olho d'água, dum veio escondido no sub-solo, a presença rastejante duma cobra, a vinda da chuva, a continuação da seca.

— Também tou gostando não, pai — disse ele.

— Deus que guarde a gente — acrescentou o velho. E logo em seguida dividiu os trabalhos.

A colheita começou.

★

O sol subia os degraus das horas, o tempo passava. O calor aumentava com o crescimento do dia e o vento, como acontecia ultimamente, redobrava de força. Os estragos tinham sido pequenos. A plantação estava situada na baixada e os outeiros protegiam-na. Mesmo dos pés derrubados na véspera não se haviam perdido os milhos. Os trabalhadores empenhavam-se febrilmente na labuta, suando em bica, movimentando-se com experiência. Ondas e mais ondas de calor, um calor anormal, despenhavam-se pelas ladeiras dos morros e varriam a baixada como uma maré de fogo. No espaço, o vento crescente chegava a uivar. E ninguém podia suspender a vista para o alto sem se sentir cegado pelo resplendor implacável do céu.

O sol alcançou o meio da jornada, ficou em cima de todas as cabeças, encolheu as sombras dos trabalhadores aos seus pés. Embora a fome rufasse em seus estômagos, nenhum abandonou sua tarefa. Era como se todos, num acôrdo tácito, movidos por um só pensamento, quisessem colher o mais possível, na certeza dum iminente e hostil acontecimento.

O mais velho dos alugados, colhendo o milho, não se cansava de resmungar. Estava vendo o sitio do pai, assim plantado e próspero, a família satisfeita, colhendo entre cantorias e risos. E aquele mesmo vento uivando sobre suas cabeças, aquele mesmo céu feroz ameaçando do espaço:

— Não quero mal gorar, não quero...

Nhô Balbino não comentara mais. Sua carranca, porém, dava inquietação a Totônio. Num certo momento o rapaz não pôde suportar a tensão:

— Pai, alguma coisa tá pra vir. Que vai ser, pai?

Era um autêntico filho da terra e sua carne, como a terra, sentia as manifestações trágicas ou bemaventuradas da natureza. Mas estava desorientado, jamais experimentara uma sensação tão angustiosa como essa, como se o que estivesse para vir fosse algo completamente desconhecido, desconhecido e terrível. O velho parou de trabalhar, mas nada respondeu, nada podia esclarecer. Ele também sofria do mesmo modo sem poder explicar a causa. Tirou o suor abundante da testa, desconversou:

— Diacho, essa comida não vem?

Nesse instante dois gritos, dois chamados navegaram sobre o mar verdejante do milharal e chegou-lhe aos ouvidos como um alarme:

— Pai! Pai!

Os nervos do lavrador se entesaram como se o aguardado estivesse perto:

— Pai! Pai! — os gritos soaram mais alto, houve perguntas e respostas ininteligíveis entre os trabalhadores, e a filha, que ficara em casa, vinha correndo pelas veredas, assomou na clareira:

— O que é que tu quer, Faralides? Pra que tanto esparrame?

O rostinho empapuçado trazia o medo e o espanto:

— Pai...

Nhô Balbino sacudiu-a na brutalidade da impaciência:

— Diz logo, minina! Pra que essa correria toda? Cadê a comida?

— Pai — e a garota apontava para o céu, ofegante, atemorizada: — vem vindo, pai.

Totônio precipitou-se:

— Vem vindo o quê?

— Do tope do morro se vê, Totônio. Fiquei com medo, arrirei a comida lá, fiquei com medo, tá tudo preto.

Totônio não esperou mais, o coração lhe batia com força, correu na direção indicada. O trabalho cessou instantaneamente, todos se atiraram atrás do rapaz. Subiram rapidamente a ladeira e lá de cima Totônio apontava:

— Deus acuda Nhô Balbino! — disse o alugado mais velho, identificando a praga que vira a primeira vez quando menino, que arruinara meio sertão, vinda do sul, carregada no dorso daquele mesmo vento quente e furioso: tá tudo perdido, digo sem querer mal.

Por sobre os morros que fechavam o horizonte, sob a luz causticante do meio-dia, uma mancha negra subia ao céu, estendendo-se para os lados, crescendo para a frente. De onde estavam, os homens podiam ouvir o seu zunido como o ronco longínquo de avião, que aumentava gradativamente, cada vez mais perto, cada vez mais perto, à medida que a nuvem avançava e se ampliava, até se tornar um ruído forte e atroador. Então, rapidamente, a nuvem negra e compacta tapou o sol, mergulhou a roça e os lavradores numa sombra aflitiva, enquanto milhares e milhares de gafanhotos se abatiam sobre a plantação luxuriante e madura.

— Só queimando tudo — lembrou o velho alugado, saindo de sua estupefação.

Mas Nhô Balbino não lhe respondeu nem tomou qualquer iniciativa, sentindo-se velho, inútil, sem pensamento, sem ação. Os meninos se enroscavam, chorando, às suas pernas, ele via Totônio, desolado, braços inertes, uma expressão de ódio impotente no rosto de Felipe. E a chuva destruidora continuava a tombar sobre a roça, os gafanhotos batendo-lhe no rosto, aquele barulho ensurdecedor de milhares e milhares de asas querendo rebentar-lhe os tímpanos.

— Meu velho, que mal a gente fez?

Era Nhô Guili, que, vencendo a doença, subjugando o reumatismo, não quisera deixar o marido só na desgraça, viera capegando, arrastando, ladeira acima.

Uma fraqueza nunca sentida dobrou as pernas do roceiro. Seus joelhos bateram no solo, suas unhas afundaram-se no chão e com a terra fôfa escorrendo-lhe entre os dedos trêmulos, elevou as mãos calosas a Deus, numa prece muda e desesperada. Lágrimas apontaram em seus olhos, descenderam-lhe pelas faces, caíram sobre a terra boa. A mulher o imitou, os filhos também se ajoelharam, até os alugados sentiam a dor dos derrotados — eles, se agora eram párias, tinham tido o seu roçado, que alguma praga destruía, que algum coronel se apossara.

E todos se puseram a rezar, suplicando que a praga não acabasse com a safra grande, que o vento levasse para longe aqueles devoradores implacáveis.

Mas suas humildes preces eram afogadas pelo barulho infernal de milhares e milhares de asas estridentes, de outras tantas bocas vorazes que continuavam a cortar, a destruir, a grande, a esperançosa safra.

— FIM —



# Instantina

corta os resfriados  
e alivia as dores



# Instantina

É UM PRODUTO BAYER

## A CUBA, AMADA E ODIADA DOS DEUSES

Quando Colón descobriu esta ilha a 28 de outubro de 1492, chamou-a "Juana", mas alguns anos depois Velasquez mudou este nome em "Fernandina", até que afinal de contas a chamaram "Cuba". Parece que este nome provém da palavra "Cubagua", o que quer dizer: "lugar onde se acha ouro". Por ter encontrado ouro na ilha, creram que a Cuba era rica em ouro, mas depois resultou que este metal só se encontrava em pequenas quantidades. Mas antes de ser descoberta por Colón, a Cuba já tinha nome. Os índios chamaram-na então: "a ilha mais amada e mais odiada dos deuses".

Amada: disto dá testemunho claro a fertilidade que faz da ilha um dos países mais abundantes em açúcar do mundo, ainda que só tem uma superfície de uns 114.000 quilômetros quadrados. Ceifam-se duas vezes por ano. Com o açúcar devemos mencionar o tabaco. Os que entendem de charutos sempre preferirão os de Habana. Além disso a Cuba produz café, cacão, ananás, algodão, coco, arroz, banana, minerais e petróleo.

Odiada: isto resulta do fato de que este território, mais que a maioria dos demais países sofre de transtornos atmosféricos como terremotos, trovoadas e furacões; muitas vezes o ar está carregado de eletricidade. Há de juntar a isso, que o litoral era conhecido por ser um foco de infecção da malária. Graças à drenagem dalguns pântanos, mas sobretudo pela introdução dum consumo geral de quinina na Cuba, esta ilha tem perdido algo da sua má reputação. As autoridades fazem quanto puderem para se cumprirem as prescrições da Comissão muito competente de Malária da antiga Liga das Nações. Esta Comissão recomenda a título de profilaxia uma dose diária de 400 mgr. durante todo o tempo que dura a doença e alguns dias depois; para o tratamento prescreve: a aplicação duma dose diária de 1-1,3 gramas de quinina durante 5-7 dias.

Lá — o mesmo que em todas as partes — a malária não continua a ser nenhuma catástrofe inevitável. Contra os furacões e terremotos, porém, não se tem encontrado remédios ainda, de maneira que estes são ainda o inconveniente desta ilha tão formosa com os seus recifes coralinos, palmares românticos e... charutos excelentes!

## BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

## Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio





## Torne o seu lar mais atraente...

Uma iluminação adequada proporciona boa visão, conforto e beleza!

As lâmpadas G-E podem oferecer maior encanto e comodidade, proporcionando-lhe a quantidade de

luz exigida pelos olhos. Encante o seu lar com a luz de qualidade das Lâmpadas G-E. Eis alguns conselhos:



**ILUMINE A ENTRADA PRINCIPAL** — Uma luz exterior dará boas vindas aos seus amigos e parentes!

**ELIMINE OS CANTOS ESCUROS**... afim de evitar possíveis acidentes.

**TENHA BOA LUZ PARA A LEITURA**... sem conservar o resto da sala na penumbra; isto prejudica a visão porque resulta num grande esforço de adaptação dos olhos.

**PEQUENAS LUZES**... permitem-lhe movimentar-se sem tropeços durante a noite.

**OUÇA** às 4as. feiras  
Festivais G-E, às 20.30 hs., Radio Nacional;  
e Repto aos Enciclopédicos, 3as. feiras, às 20.30 hs., Radio Cultura, São Paulo.

SEJA QUAL FOR O SEU PROBLEMA DE ILUMINAÇÃO

consulte a

**GENERAL ELECTRIC**

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE —  
SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE



8.704

PÓ DE ARROZ

# SANTAL

O PERFUME MISTERIOSO DA FLORESTA



**ROGER & GALLET**  
PARIS · RIO

## Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

COPENHAGUE, 9/9/1948 — Localizado num parque imenso, está o Jardim Zoológico, medindo 16 quadras. É magnificamente arborizado, com parques floridos e bem tratados, denunciando a cada passo a preocupação primordial de higiene absoluta do povo dinamarquês. O Jardim Zoológico reúne toda heterogênea bicharada que vamos encontrar nos grandes jardins do mundo — elefantes, tigres, ursos, leões, girafas, búfalos, macacos, focas, papagaios, etc. Andamos à procura de animais nossos patrícos, mas a sua quantidade, ali, é mínima. A maioria da bicharada foi importada da África ou da Índia. Como acontece em toda parte, diante das três seções dos símios agrupava-se maior número de pessoas e a hilaridade era geral diante daquela centena de macacos de todos os tipos e tamanhos.

★

Klapemborg é uma praia pitoresca que fica nas proximidades de Copenhague, ao lado do mar Báltico. Possui jardins amplos e bem tratados, flores multicores, desabrochando por entre a relva verde e macia, ladeados por um bosque de árvores frondosas.

Klapemborg está dotada, ainda, de largas e sombreadas avenidas, vastos palacetes e ruas bem tratadas que são um prazer para os milhares de ciclistas que por ali passeiam. Grandes restaurantes alinham-se ao longo da praia, juntamente com o luxuoso Hotel Belvue, que tem as suas amplas salas revestidas de mármore e bronze, ricos candelabros, pendentes dos tetos.

Uma orquestra tocava, uma valsa de Strauss quando estivemos no Belvue, ao cair da tarde. A beleza do dia que agonizava e a pureza melódica da música suave da Viena galante de épocas passadas, casavam magnificamente, emprestando a tudo um ar de poesia viva. Adiante, alinhavam-se os modernos prédios de apartamentos — em número superior a duzentos — derramando suas luzes na praia de ondas sensuais.

★

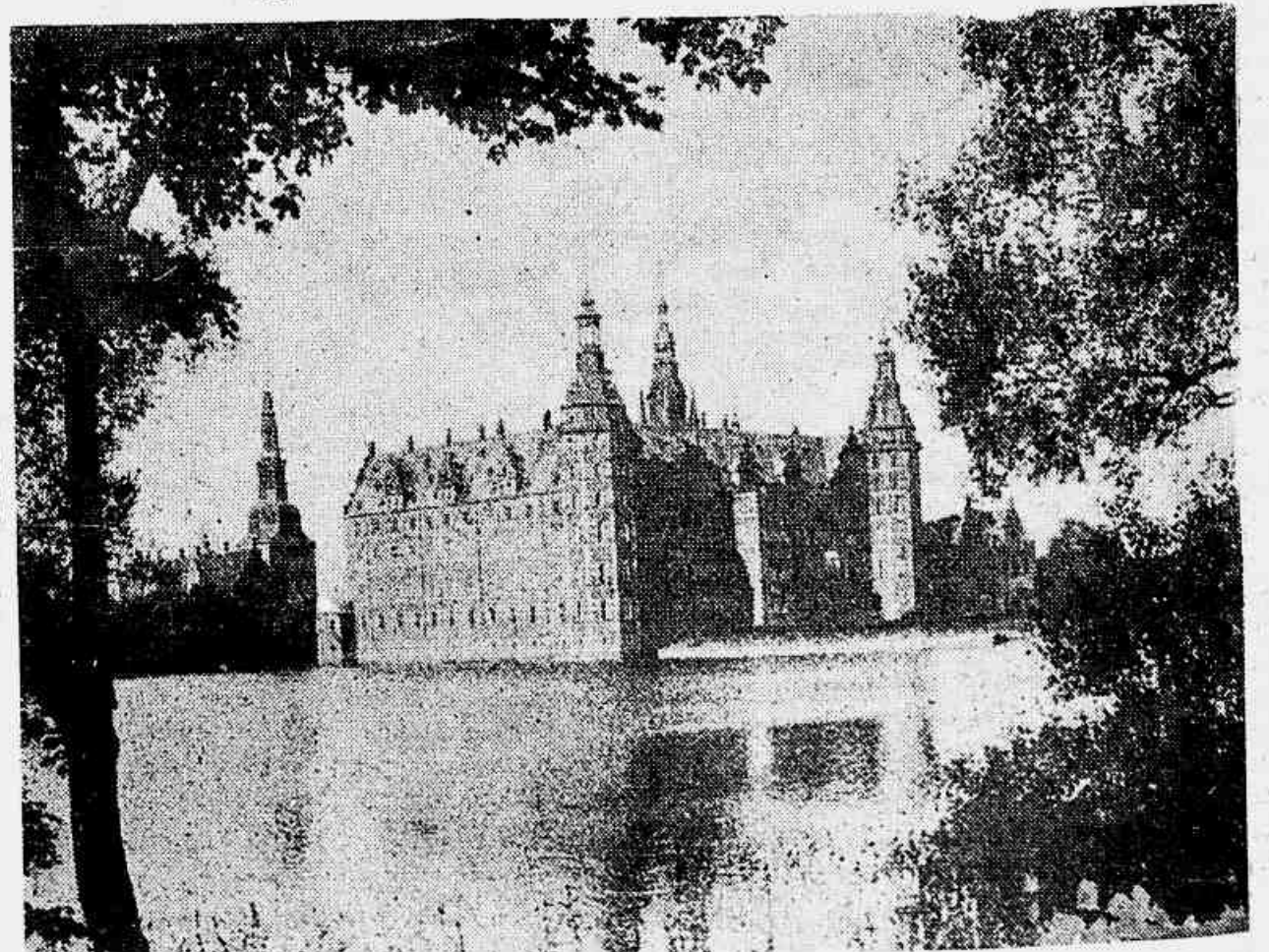
Pelos detalhes é que podemos saber, de fato, qual o viver de um povo. Assim é que o que relatamos em seguida, ainda que pareça insignificante e desnecessário a algum leitor apressado, cremos ser fator importante para a fixação da vida da gente dinamarquesa. Trata-se do seguinte: em nossas pesquisas, ainda por Klapemborg, entramos num mictório público que de tão higiênico e bem tratado poderia ser igualmente uma cozinha ou um banheiro. Tanto assim que a zeladora do mictório mora ao lado. Se pudéssemos observar isto no Rio ou em S. Paulo os "comandos sanitários" não teriam mesmo nada que fazer...

A verdade é que o dinamarquês encara com tanta seriedade os problemas da higiene que quase chega ao absurdo. Aqui tudo é limpo, bem tratado, espelhante. As caixas de correio são frequentemente esmaltadas, as vidraças e os assentos dos bondes e trens são cuidados com esmero.

★

Se bem que em toda parte sejam exigidos os cartões de racionamento, — até para a compra de cigarros, — duas pessoas pagando, apenas, 65 cruzeiros jantam suculentemente, saboreando um filet de peixe (3 postas grandes), acompanhado por batatas, couve-flor, petit-pois, molho de champignon, 2 garrafas de cerveja, afora frutas e café!

Todas estas minúcias podem parecer fatigantes ao leitor. Mas asseguramos que em nada exageramos, sendo nosso propósito tomar as maiores precauções para não beirar o exagero. A verdade é que uma viagem de avião à Dinamarca, hoje tão simples, — pois não se gasta mais que o tempo requerido por uma viagem de ida e volta a Belo Horizonte pela ferrovia, — dará ensejo a qualquer observador de entrar em contacto com este país admirável de quatro milhões de habitantes, dos quais vinte e cinco por cento moram em Copenhague.



Este grande castelo perto de Copenhague, na Dinamarca, oferece uma das mais belas vistas da terra. A placidez da água e a austeridade sóbria do edifício copõem um conjunto harmonioso





Fume! Mantenha porém seus dentes livres das anti estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causa das pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho esplendoroso e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pommes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

# NICOTAN

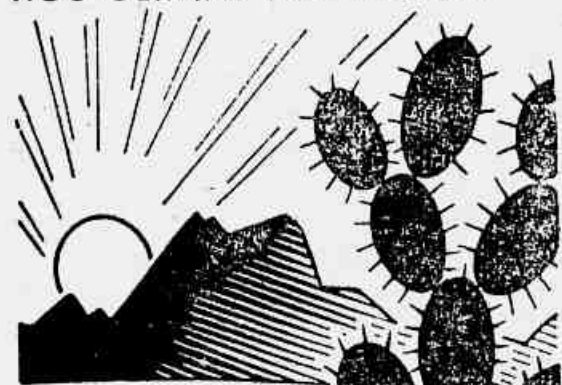
CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

## Cine-teste

Uma seção sensacional de "A CENA MUDA", onde serão oferecidos aos leitores ricos e lindíssimos albuns de Rita Hayworth. Aguardem.



NOS CLIMAS TROPICAIS...



BROTUEJAS ASSADURAS FRIEIRAS SUORES FÉTIDOS

C. T. AQUINO

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

## Um pobre diabo...

(Continua na página 35)

ser para ele tudo o que andava buscando pelas estradas, sem mesmo saber o que era. Tudo começou no dia em que foi à sanga, levar-lhe um recado do Arnaldo.

— Dona Felícia...

Ele notou como ela se voltara depressa e o olhara bem fundo nos olhos e depois, como se neles não encontrasse o que buscava, voltara a ser a outra, parada e muda.

— Felícia...

Amou-a primeiro por pena, porque viu o quanto ela precisava de carinho; depois... porque não podia deixar de amá-la!

Encontravam-se sob o cinamomo, nas noites escuras. Uma das noites foi a última.

Uma sombra misturada às outras sombras, um rugido, dois, três golpes de faca os gritos agudos de Felícia e nada mais.

— Pelas costas, covarde! Só mesmo pelas costas, para matares um homem como ele! — gritara Felícia para Arnaldo.

— Traição se paga com traição! Te mata a ti também, cachorra, se falares disso para alguém.

Depois caíra o silêncio, pesado como a laje num túmulo.

Madrugada alta o carreteiro se despediu de Arnaldo.

— Seu Arnaldo, querendo alguma coisa lá para a Mangueira de pedra, é só falar. O senhor manda.

— Não. Não quero nada. Muito obrigada, seu Armando. E da outra vez, já sabe. A casa é sua. Chegue sempre.

— Obrigado. Até outro dia!

— Até, seu Armando!

A carreta guinchou e, passo a passo, o carreteiro foi descendo a lomba, gritando com os bois. Lá adiante, enxergando outra vez a cruz, se benzeu e rezou um Pai Nosso.

— Coitado! E' prá se ver! O homem morreu e logo em seguida ninguém mais se lembra nem do nome dele. Prá que viver, então? Eu, às vez, chego a pensar que não vale a pena, mesmo! Acho que também eu, depois de morto, vou ficar esquecido como esse pobre diabo. Era, Malhado! Reímo, boi velho! Héera!...

Mal saiu o carreteiro, Arnaldo entrou no rancho para acordar Felícia. — Estivera pensando a noite inteira no que faria com ela. Tivera até vontade de mandá-la embora, que fosse para onde bem entendesse, que ele já estava farto daquilo tudo! Ele, para ela, estava mais morto que o homem enterrado sob o cinamomo. Quem estava vivo nos pensamentos dela era Santiago, bem ele sabia! Fôra um burro! Em vez de ter matado o outro devia ter-se matado e assim não aconteceria isso, porque afinal, quem mais sofria era ele mesmo e não a Felícia. Enfim, paciência... Agora... agora se resolveriam todos os assuntos!

Empurrando a porta do quarto, gritou pela mulher.

## A VIDA DE JOÃO HUSS

(Continuação da pág. 33)

por João Huss. Concluíra que o seu idoloinha, não só pés de barro, mas coração de arcaia.

O cavaleiro voltou descoroadoamente os passos para a sua casa, desafivelou a estrada e atirou-se na cama.

Mas não renunciou à luta. Na manhã seguinte escreveu uma carta ao imperador, que acabava de chegar a Constança. Enviou outra carta ao rei e à rainha da Boêmia. Passou dois dias percorrendo as ruas da cidade abaixo e acima, exibindo o documento assinado que deveria ter servido como "salvo-conduto" do imperador. E pregou cartazes nas portas da cidade, convidando Sigismundo a "cumprir sua real palavra".

Mas o imperador caíra inteiramente sob a influência dos cardeais. Dava de ombros a todos os apelos para que "cumprisse a sua promessa". João Huss, declarava, era um herege. Ele, imperador, não poderia mais proteger um homem que tinha o atrevimento de escrever: "As ordens de papas, imperadores, reis, príncipes e outras altas personagens não devem ser obedecidas a não ser que estejam funda-

mentadas na evidência e na razão". Isso — afirmava Sigismundo — era uma doutrina que levava simplesmente à subversão total da autoridade e da ordem estabelecida! Não, ele nada faria para salvar Huss. Que importava que tivesse concedido um salvo-conduto? "A promessa feita a um herege não obriga".

"Realmente, no meio de tais santos", escreveu sarcasticamente o Barão Chlum a seus amigos da Boêmia, "o nosso Huss deve parecer o demônio em pessoa."

Entretanto, os cardeais julgaram pouco prudente conservar João Huss na prisão local. Ele ficava muito perto do povo; poderia reconquistar a simpatia popular. De modo que o transferiram secretamente para um mosteiro dominicano das margens do lago Constança.

Ali o acorrentaram e encerraram na adega. Essa úmida cava estava saturada das emanações e miasmas do pântano. Intensa febre acometeu o pregador. Quando se soube que estava à morte, os bispos enviaram dois dentre eles à sua cela. Participaram-lhe que era chegada a hora do julgamento. "Deves preparar-te para te defenderes".

O prisioneiro ergueu languidamente os olhos do seu leito de palha. Seu corpo estava esmiornado, os olhos ardiam de febre. "Bem vedes o meu estado, reverendos padres. Julgai vós mesmos se estou atualmente em condições de me defender... No entanto, com a ajuda de Deus estou pronto a submeter-me a julgamento, se ao menos me concederdes um advogado".

Comunicaram esse pedido ao Concílio. Ficou resolvido que não se poderia conceder um advogado ao prisioneiro, pois que era proibida toda conversação com um homem suspeito de heresia. Transferiram-no, entretanto, para uma prisão mais limpa, e mandaram buscar um médico para o conservar vivo até o fim do julgamento. "A justiça deve ser satisfeita, antes que a morte possa apoderar-se de sua presa".

Essa ferocidade, é preciso advertir-se, não provinha do espírito da Igreja, senão de seus falsos representantes. O próprio Huss, do calabouço, absolveu a fé católica de toda responsabilidade pelos seus sofrimentos. "O mal dos meus algozes está em se terem mostrado indignos da sua fé".

V

João Huss não perdeu a esperança. "Deus permita", disse aos amigos que vinham confortá-lo, "possa eu voltar à pátria sem mácula nem dano para a minha consciência". Mas o tempo corria, e não lhe aliviavam os grilhões. Escreveu aos discípulos — pois os carcereiros lhe forneciam apetrechos de escrita: "Orai por mim, caros compatriotas. Estou padecendo por amor de Sua Palavra".

Por fim o conduziram das trevas à primavera do ano. Atravessando a delicada coloração da natureza reverdecida, chegou ao esplendor artificial do Concílio dos Cardeais. Era chegada o momento de falar.

A embriaguez das cores lhe magoava os olhos afeitos à sombra. Três homens se levantavam diante dele como acusadores — antigos vizinhos da Boêmia, que dantes haviam sido seus mais leais amigos e companheiros de pregação. Mas tinham sido comprados com dinheiro e a promessa de altos cargos, e estavam prontos a voltar contra ele, como "prova pública" de sua heresia, as palavras que lhe tinham ouvido em particular. De todas as crueldades que lhe infligiram, nenhuma o feriu mais fundo que a traição desses três amigos.

Os doutores leram o libelo. Huss ensinara ao povo boêmio "vários erros extraídos dos livros queimados e condenados de John Wicliffe". Demais, como professor em Praga, havia "organizado um movimento para subtrair a Universidade à influência alemã e convertê-la numa instituição nacional tcheca". Finalmente, ele "incitara o povo boêmio contra os seus senhores". Tinha "atigado a rebelião civil" na Boêmia.

Huss olhou os acusadores com um sorriso de piedade. "Reverendos padres, não foi a rebelião civil que eu preguei, mas a regeneração espiritual. A substituição do ritualismo da turba pela probidade individual". E acrescentou solenemente: "Mostrei-me algo melhor ou mais santo que o que eu ensino, e estou pronto a retratar-me".

— Tu repudiaste a nossa autoridade. Com que autoridade, pois, ensinas a lei de Deus?

— Com a autoridade da minha consciência.

## PARA TODO O BRASIL Pelo Reembolso Postal MODELOS DE VERÃO

1.011

De 31 a 39



Modelo 1.011 — última palavra em elegância.

"Sandálias" 5 1/2. Em Búfalo branco - Verniz preto - Vaqueta - mostarda e havana.

Preço ..... Cr\$ 70,00

1.012

De 31 a 39



Modelo 1.012. Nas cores: Búfalo branco - Verniz preto - Vaqueta laranja e mostarda. Saltos 3 1/2 e 5 1/2.

Preço ..... Cr\$ 65,00

Nossos calçados representam o máximo de conforto e economia. Vendemos barato porque temos fábrica própria. Pedidos para Mozart Campos — Av. Atlântica, 480 Copacabana - Rio

## A BELEZA E OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer a pele e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim e Freitas S. A

## DEOCLECIO SILVA

Rádios, acessórios para montagens. Caixas, antenas aspirais. Válvulas. Chassis, diais, bobinas, knobs, pontes, terminais, transformadores, alto-falantes e variado sortimento de todas as peças. Ferros de engomar "Elétrico", preços especiais: para revendedores Cr\$ 85,00; para particulares Cr\$ 100,00. Fogões a querosene e a óleo, em diversos tamanhos: duas bocas Cr\$ 600,00, com desconto de 20% para revendedores

ACEITO PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Av. Rio Branco, 111-1º andar Sala 109 — Telefone 23-6067 RIO DE JANEIRO — BRASIL



# POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,  
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,  
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

**NUNCA EXISTIU IGUAL**

## LUIZ BORRACHA NÃO ACREDITA EM REZAS NEM EM MASCOTES

### HOJE NO ESPORTE Ilustrado

A história do goleiro do Flamengo, por Charles Guimarães ★ A POLÍTICA QUE MATA O AMÉRICA, palpitante comentário de Levy Kleiman ★ "REPORTAGENS RELÂMPAGO" focalizando: TÉCNICOS DIABÓLICOS, e OS "FANTASMAS" DA CRÔNICA ★ O BOX BRASILEIRO NÃO MORREU, reportagem de R. A. A. Coutinho ★ O PALMEIRAS VENCEU O FLAMENGO COM AUTORIDADE, reportagem de Olympicus ★ EPI, é o jogador focalizado na série "Os grandes jogadores que eu vi no estádio nacional", por Alvaro Silva, de Lisboa ★ O CICLISTA MAIS VELOZ DO BRASIL, reportagem de Ivan Antunes ★ ZOULO RABELO NA DIREÇÃO TÉCNICA DO AMÉRICA, reportagem de volei, por Sylvio Cintra Filho ★ GOTA DE VENEZO, com um diálogo entre Ademir Pimenta e o dr. Max Gomes de Paiva, por Lucrecio Borgia ★ O VASCO CONQUISTA MAIS UM CAMPEONATO DE BOX, reportagem de R. A. A. Coutinho ★ NA CAPA COLORIDA: Joel, do América e Mundinho, do São Cristóvão.

Redação — RUA VISCO, MARANGUAPÉ, 15 — RIO

## PELAS estradas do CÉU



Por ANDRÉ MAX

A ciência sempre temeu que, quando o homem provido de seus engenhos mecânicos conseguisse atingir velocidades como a do som, as vibrações do ar deslocado fariam o aparelho que a tanto se atrevesse, em mil pedaços e com eles, o audaz piloto de tamanha insensatez.

Qual é a velocidade do som acima do nível do mar até a pré-estratosfera? Em números redondos, trezentos metros por segundo, ou sejam dezoito quilômetros por minuto, cento e oitenta leguas por hora, ou sejam mil e oitenta quilômetros. Para termos uma idéia dessa vertiginosa velocidade, basta que comparemos com a mesma, a de um desses autos de corrida, ou a de qualquer avião desenvolvendo seus 300 a 400 quilômetros a hora. Na verdade, se o homem chegasse a voar com a rapidez do som no espaço, teria vencido grande dúvida entre os cientistas. Mas, quem teria a coragem para tamanha prova?

Um aviador norte-americano, o já hoje famoso Capitão Charles E. Yeager. Com 25 anos de idade, casado com a estoica jovem Glennis e pai de duas encantadoras crianças, Yeager não teve medo da morte, nem de fracassos. Com pronúncia arrastada de um autêntico filho da Virgínia e demonstrando grande fé na luz de seus olhos verdes, esse herói decidiu dar ao mundo e à ciência uma resposta decisiva e construtiva nas pesquisas pelas estradas do céu.

O Cap. Yeager não era um amador da aviação. Tinha rude experiência da guerra. Como aviador cumpriu 63 missões ariscadas; derrubou treze aviões teutos de combate e avariou seriamente mais três; aprisionou cinco "Messerschmitt" numa só ação, repetindo a mesma façanha contra cinco "Focke-Wulf", o que lhe valeu numerosas condecorações do governo do seu país.

Para quem já experimentara os horrores da guerra nos ares, atacado, perseguido, bombardeado por centenas de bocas de fogo em vertiginosas alturas e sob ceus hostis, um voo com velocidade acima do som seria quase um passeio pelo infinito, na contemplação dos astros a trinta mil pés da superfície terrestre.

E tudo isso a serviço da paz, da ciência, do progresso do mundo, sem nenhum laivo de vaidade inútil.

Seu foguete voador tomou o nome de "Bell X-1" e levava desenhado à frente o nome de sua esposa — "Glamorous Glennis". O avião pelo seu desenho mais parecia um peixe-espada pronto para romper vertiginosamente o imenso oceano do infinito azul. Sua carlinga assemelha-se à de uma Fortaleza Voadora B-29, mas possui desenhos aerodinâmicos que a adaptam muito melhor a tal aventura pelos ceus. Os engenheiros do exército e técnicos estavam presentes à hora marcada. Faziam cálculos e exames. Yeager estava sereno e perfeitamente confiado no êxito de sua grande prova. Ao sinal dado, entrou na cabine de comando devidamente metido em seu indumento à prova de frio polar e protegido com a câmara de oxigênio e o salva-vida. Já uma vez tivera que mergulhar no vácuo a 24 mil pés de altura, em plena guerra sobre a Alemanha. Agora seu mergulho seria com uma velocidade duas vezes maior. Seu organismo suportaria? Sua máquina não se desintegraria? Não pôde deixar de pensar, por instantes na esposa e nos dois filhinhos. Mas isso foi rápido. Prestou atenção ao painel do comando. Qualquer descuido poderia comprometer a tentativa. No bojo do seu Espadarte Voador, a ciência havia disposto tudo para tornar vitoriosa aquela aventura, com gravações de discos, telemetros, máquinas de filmar, de forma que, se ocorresse qualquer acidente, os que estavam em Fortalezas Voadoras nos ares e no campo de aviação, saberiam como socorrê-lo e determinar exatamente o momento de qualquer acontecimento. Tudo foi calculado meticulosamente. No instante supremo partiu como um foguetão em direção da estratosfera. Como não podia deter sua vista em pontos de referência, qualquer cálculo seria puramente arbitrário. Mas os aparelhos ali estavam indicando a altitude que aumentava vertiginosamente. Comunicava-se com os pontos preestabelecidos. E quando lhe perguntaram quando ia mergulhar, respondeu: — "Dentro de quinze segundos". E foi contando: 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1... Era o instante sensacional. Sentiu então irresistível excitação nervosa. O sol estava tão faiscante que lhe pareceu estar a dois metros de seus olhos. Teve a impressão que cegava, sentiu que perdia por momentos a sensação

de viver, mas, imediatamente recuperou todo o controle de seus sentidos e se orientou com exatidão.

Firmei-me na poltrona, — declarou depois ele — recostei-me um pouco e deixei que aquele bolido cumprisse o programa que traçamos. Corrigi a queda e mantive o avião a cerca de 45 graus, descrevendo uma oblíqua em direção à Terra. Senti intraduzível sensação de alegria. Vamos com a velocidade de uma flecha. O oxigênio e o álcool do "X-1" estão sendo consumidos rapidamente, e deverei estar-me aproximando do final, dentro de uns 45 segundos. Se demorar mais, estaremos perdidos. Durante toda a experiência o céu se conservava sereno e belo. Mas naquelas incríveis altitudes, era toda a abobada celeste um fundo escuro, meio purpúreo, com a profundidade das coisas insondáveis. Olhava o mostrador em cujo painel os aparelhos indicavam a velocidade. Ainda não havia chegado à do som. O avião avançava sempre, aumentando sempre, até que me inunde de exaltação interior e vi que o nosso objetivo estava incontestavelmente atingido: eu voara com uma velocidade superior à do som!

Era chegado o momento de retornar à pista. Estávamos todos vitoriosos. Eu, o meu espantoso "Espadarte Voador", os engenheiros, a técnica do meu país, as preces de minha esposa, minha imensa confiança no futuro. O limite das velocidades até então conseguido pelos aviões militares e comerciais havia sido ultrapassado num "record" visivelmente sensacional e controlado por aparelhos de absoluta precisão. E esclareceu ainda emocionado.

Rememorando aqueles instantes supremos, no precioso segundo em que meu "X-1" atingia aquela velocidade que fez explodir o aparelho de meu infortunado colega inglês Havilland, disse então com os meus próprios botões: — "Se algo de trágico tiver agora de suceder, que seja imediatamente", agora que via a agulha marcar uma velocidade acima da rapidez do som nos espaços, senti-me como que fazendo parte integrante do organismo do avião e tive vontade de beijá-lo, de abraçá-lo como se fosse um pedaço do meu ser, uma parte de minha vida, a alma de minha alma. Quase chorei de emoção, quando, descendo entre companheiros e amigos inundados de alegria, caí nos braços de minha adorada Glennis, tendo a impressão de que ressuscitava.

Mas, perguntará o leitor, qual foi a altura exata atingida e a velocidade máxima que conseguiu o Cap. Charles E. Yeager com esse espantoso "X-1"? Ah, meus caros amigos, isso é um segredo militar.



O cap. Yeager, sua esposa, seus filhos e o modelo do espantoso avião "Bell X-1"





## Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas... se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acatele-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e afrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piorréia com o método *experimentado* Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês deste tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piorréia apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar *hoje mesmo* o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com **Forhan's**



Publicidade para a **Revista da Semana** em São Paulo

Tratar com **JARBAS DE FREITAS GALVÃO**

Rua Brigadeiro Tobias, 613  
2.º andar — Sala 217

## "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para  
**VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 -- TIJUCA -- RIO DE JANEIRO**  
PREÇO: Cr\$ 20,00

— Mas uma centena de sábios doutores declaram falsa a tua doutrina. Queres negar-lhes o direito de te retificar? Atreves-te a afirmar que, sozinho, sabes mais que todo o Concílio da Igreja?

Um círculo de lanças o rodeou. A assembleia ergueu-se, com olhares de escárnio e cólera. E ele respondeu simplesmente: — Apelo para Deus e a minha consciência. Fôssemos, embora, infinitamente mais numerosos do que sós, e eu teria em muito mais conta a aprovação da minha consciência.

As exclamações dos presentes abafaram-lhe a voz. A audiência pública se transformara numa assuada pública. Os guardas o reconduziram ao calabouço.

Aquela noite, Huss teve uma visão e murmurou aos fiéis discípulos: "Sonhei que tinham destruído todas as representações de Cristo em Belém. Mas à manhã seguinte, ao levantar-me, vi muitos pintores que pintavam imagens ainda mais belas e gloriosas. E os pintores diziam à multidão: — Que venham agora os bispos e padres, e experimentem destruir estes quadros". À luz da manhã, viam-se-lhe cintilar as lágrimas nos olhos. "Mas quando terminou o sonho, eu estava rindo... rindo"...

No dia seguinte o levaram novamente à sala do Concílio. O imperador Sigismundo recebeu-o com um aceno de cabeça. Nas suas palavras misturava-se a malícia com a benignidade:

— João Huss, quero dar-te este conselho de amigo. Submete-te ao Concílio. Reconhece o erro da tua doutrina, e eu prometo que te porão em liberdade, impondo-te só uma leve penitência. Mas se recusares submeter-te, os padres saberão o que fazer contigo.

O acusado escutou em silêncio. Um homem rompeu precipitadamente do meio da assistência e aproximou-se dele. Era o Barão de Chlum, o cavaleiro que o trouxera a Constança e fizera desesperados esforços para salvá-lo. "Mestre", disse, "antes sacrificar a tua vida que renegar a verdade". O pregador alçou os olhos e sorriu-lhe tranquilizadamente. Encarou por um instante no rosto pálido do imperador. Depois voltou as costas e expressou o desejo de ser conduzido para a prisão.

Foram falar-lhe no cárcere, tentando persuadí-lo a desdizer-se. Instavam, suplicavam, ameaçavam. Prometiam-lhe absolvição, vastas riquezas, um bispado magnífico, vestes esplêndidas, se ao menos con-

sentisse em assinar uma declaração aos seus muitos adeptos, reconhecendo os erros das suas doutrinas e manifestando a disposição de aceitar as retificações. Redigiram várias formas de confissão, experimentaram diversos arranjos de palavras, no esforço de procurar a fórmula menos penosa para o orgulho e reputação de Huss. E este sorria qual um pai diante dos filhos ocupados em baralhar e reordenar as letras do alfabeto, como se pudessem induzir a verdade a renunciar a si mesma! "Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem!"

Ele enxergava mais além das sílabas a que lhe pediam que apusesse o seu nome. Estava lutando, não contra uma Igreja, não por algumas explicações técnicas de um texto, mas por um grande princípio que bem valia a vida de um mártir. A liberdade de culto, a tolerância religiosa. Os homens viviam dignamente, apenas para que pudessem morrer com dignidade. A morte era um preço moderado a pagar por este novo mandamento que Huss trazia em seu coração: "Não impedirás ninguém de interpretar à sua maneira a palavra de Deus".

Quando se levantou para ouvir a sentença do Concílio, viu à sua frente um grupo de homens separados dele, não pela distância de alguns passos, mas por muitos séculos. Com efeito, pareciam estar vivendo, discutindo e agindo num mundo completamente outro. Somente o ouvido exterior da sua carne os ouviu pronunciar a sentença — estranhas, antigas, fantásticamente selvagens palavras, oriundas de alguma região que ele e seus antecessores imediatos haviam deixado muito para trás. Os julgadores entoavam com solenidade: "O corpo do pecador será destruído".

Arrancaram-lhe as vestes e raparam-lhe os cabelos em cruz. Enfiaram-lhe na cabeça um barrete de papel pintado com as figuras de três demônios. E Huss ouviu a própria voz murmurar em algum lugar muito distante do plano da sua consciência: "A coroa de espinhos era mais pesada e mais difícil de levar".

Então, por um momento, voltou à realidade do presente. Tinham-no conduzido a um poste de madeira, em que o amarraram firmemente com uma corrente de ferro; empilhavam palha inflamável em torno dele. Era o fim. Estirou as correntes o mais que pôde: ajoelhou-se e rezou, enquanto as chamas lhe subiam ao coração.

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé".)

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL é formidável porque com um só creme LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE!

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquiagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos



CREME **Rugol**

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

## CINE-TESTE

Uma seção sensacional de A CENA MUDA, onde serão oferecidos aos leitores ricos e lindíssimos albuns de Rita Hayworth. Aguardem.



**MENAGOL** REGULA



Minguin sentiu então que se erguia na sua alma algo terrível e gigantesco: uma onda tremenda e tempestuosa que fazia em estilhaços sua vida como se fosse um barco velho e mal orientado. Então crube pela primeira vez o que era a salvação o desejo de matar de destruir tudo o que achasse, as coisas e se sentiu homicida.

Olhou. Dentre a névoa cinzenta em que flutuavam seu espanto e os retalhos de seu pensamento viu surgir como uma mancha fria aquela fronte branca e lisa, uivada já pela magra Lenhadora, e ao contato da Morte sentiu apagar-se repentinamente toda sua raiva e despenhar-se, quem sabe até onde, e, como cascata que se precipita no abismo, aquela onda espantosa arrastou consigo todo o todo de sua alma revolvida e a sua própria existência. E lhe pareceu que flutuava vazio e frio como um larol apagado. Acabavam de matar-lhe a fé, o misterioso encanto de sua vida.

E outra vez a voz da moribunda murmurou como um suspiro:

— Tu disseste... que... me perdoavas. Juraste... que me perdoavas.

O pobre Minguin, em meio as nuvens aglomeradas na sua inteligência paralisada, viu brilhar a verdade como uma luz muito triste com uma melancolia de claridade lunar.

Compreendeu o mesquinho egoísmo daquela mulher, que havia esgotado até o último momento uma confiança cega, não confessando nada, até ficar certa do perdão que haveria de abrir-lhe as portas do céu, que ela mesma havia fechado por sua culpa.

Ele, porém, lhe tinha querido tanto bem que não achou forças no coração para odiá-la. Com a cabeça caída sobre o peito, perguntou lentamente, com uma dor surda:

— Quer dizer... que o maior...

— É dele...

— E o outro?

— Teu.

Minguin viu tudo mais claro. Ela não havia sossegado enquanto não tinham livrado do sorteio militar ao mais velho, a menina dos seus olhos, embora com risco de se arruinarem, como de fato havia acontecido — ainda pagavam vinte e dois duros de juros anuais por aqueles duzentos que lhes tinha emprestado o amanuense e que não poderiam devolver nunca mais. E, em troca, não havia feito nenhum esforço para redimir ao mais novo, ao filho dele, de Minguin, abandonando-o, resignada, à desgraça desde o primeiro momento. E o filho tinha ido morrer em terras estranhas, como um desprezado, e o outro o filho de um estranho, o filho da vergonha o forasteiro, era o herdeiro, o amo do amo e do cabedal, vivia na casa do esbulhado, roubava o amor que correspondia ao esbulhado... Santo Deus, que baque no coração, Minguin!... E aquela mulher olara tudo e não havia declarado a injustiça sendo quando se vira com um pé na sepultura! Ah, se ela não estivesse nas últimas!

E Minguin permanecia imóvel, com a cabeça baixa, as mãos cruzadas, sertaria na

cabeceira daquela cama onde a doente, agitando-se num estalar agônico, segurava as roupas, arranhando-as com os dedos como garras e descolando-as por vias e nervos, como pés de múmia.

E permanecia quieto e silencioso, como se não pensasse em nada, enquanto lhe deslavrava pela alma a promissão das restrições e dos despenhas, a mancha azul parda de muitas espumas.

A voz rouca levantando-se da cama entre baías azedas que faziam chorar os olhos, tentou a gemeo lastimosamente como uma chamada lembrança de toda vida.

— Perdo-me, Minguin. Eu não queria me casar. Ele me obrigou. Agora... que seria um escândalo.

Os dentes de Minguin rangeram.

— Quem... te obrigou?

A doente revolveu-se na cama, entre as vestes empapadas do último suor, como uma enguia se debate no lodo, antes de se imobilizar para sempre. Fedia muito ao redor daquela cama, como na perversidade da esterqueira, e por cima as sombras se aguçavam em todas as direções, como em pântanos.

— Quem te obrigou? — tornou a perguntar Minguin, com voz estranha.

— Ele.

E os olhos da doente ficaram em alvo e o estertor subiu até a garganta.

Minguin viu-se então as bordas da ligueira podia retroceder ou atirar-se nela e se abraçar.

Assaltou-o uma grande covardia que lhe gelava o coração, e ao mesmo tempo um desejo ardente de saber tudo.

— Quem foi ele? — perguntou por fim. E as gengivas se lhe gelaram.

O olhar já apagado e cego da moribunda voltou-se de um lado para outro com assustado horror, com infinito medo, como se visse abrirem-se de par em par as portas do futuro e quisesse fugir ao seu destino. Com uma contração furiosa e violenta arrepanhou os lençóis sobre o peito, desabrigando as pernas até os joelhos. Faltava-lhe a respiração. Quase inconscientemente, e em voz baixa, Minguin repetiu a pergunta:

— Quem foi ele, Sabel?

A doente virou a cabeça e pareceu entender.

— Ele? Don. Ramon!

Minguin ergueu-se sem pulso e tornou a cair na cadeira desabado. Então sim, que viu resplandescer a verdade absoluta, manifesta, com claridades flamígeras! Então sim, que viu claro toda sua miséria até a última dobra! Porém sua Bel estava morrendo, e, ante a morte, o pobre mártir dobrou a cabeça, submetido, abaidos todos os seus instintos de besta carniceira e todos os seus ódios de homem enganado.

Porém lhe faltava ainda o último golpe de lança.

De repente bateram na porta da casa. A agonizante se incorporou a meio com força inexplicável, e vacilando como serpente ferida, seu braço de cadáver procurou alguma coisa no espaço, apalpando, com agitação.

— Minguin! Minguin! — articulou com toda clareza.

— Que queres? — perguntou Minguin, com os cabelos enfiados no pescoço, o braço descomposto que unia o corpo.

A moribunda se virou, para ele e com uma fronte ancha ao olhar teço e apertando-lhe a mão num supremo esforço, murmurou:

— Meu... querido... Perdo-me.

Minguin mordeu o punho, enfiando-o.

E o doente uniu-se como dissipado, com as palavras os últimos acentos de sua vida.

— Tu perdoas... a ele?

— Sim — ruído apagadamente a voz rouca do pobre homem.

— Jura — E as unhas do cadáver se lhe cravaram na carne.

— Jura-te — E com gesto espasmódico, os dentes se cravaram no punho e o sangue se pôs a correr.

Passos pesados soaram na escada e se ouviu na alcova a tosse aspera do médico.

Sabel balbuciou como um murmúrio.

— Deixa-o em paz. É a fé.

Não terminou as tenazes se afrouxaram, como se alguém acabasse de desatarraxá-las. Na porta da alcova, uma voz rouca e alegre gritou dominando o sibilar do vento e os estalidos da madeira abalada.

— Boas noites. Que nos contam de bom?

E Minguin apertou o punho na boca para responder às duas sombras da porta.

— Entre o senhor Don Ramon. Tu, aonde a luz... e traze o crucifixo!



**Metrolina**

antisséptico  
adstringente  
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE ÍNTIMA.



# DRAGO







# DRAGO

POV  
HOGARTH.

VENHA, TABASCO,  
NÃO TENHA MEDO!

O AVIÃO INCEN-  
DIOU-SE RAPI-  
DAMENTE, DRAGO!



MEDO? TABASCO NÃO CO-  
NHECE O SIGNIFICADO  
DA PALAVRA  
MEDO,  
DRAGO!



FELIZMENTE AINDA RES-  
PIRA! TEMOS QUE TI-  
RA-LO JA' DAQUI!

PARCE  
QUE ESTA'  
GRAVEMEN-  
TE FERI-  
DO!



O IDOLO!  
O IDOLO!

BOOM!



MOMENTOS APÓS,  
VIOLENTA EXPLO-  
SÃO DESTROÍ O  
AVIÃO!

TIRE O CAPACETE COM  
CUIDADO, PARA NÃO  
MACHUCA-LO!



QUANDO TIRAM  
O CAPACETE...



DRAGO, O  
FALCÃO!

NÃO É FALCÃO, MELH  
AMIGO, É UM  
ANJO!



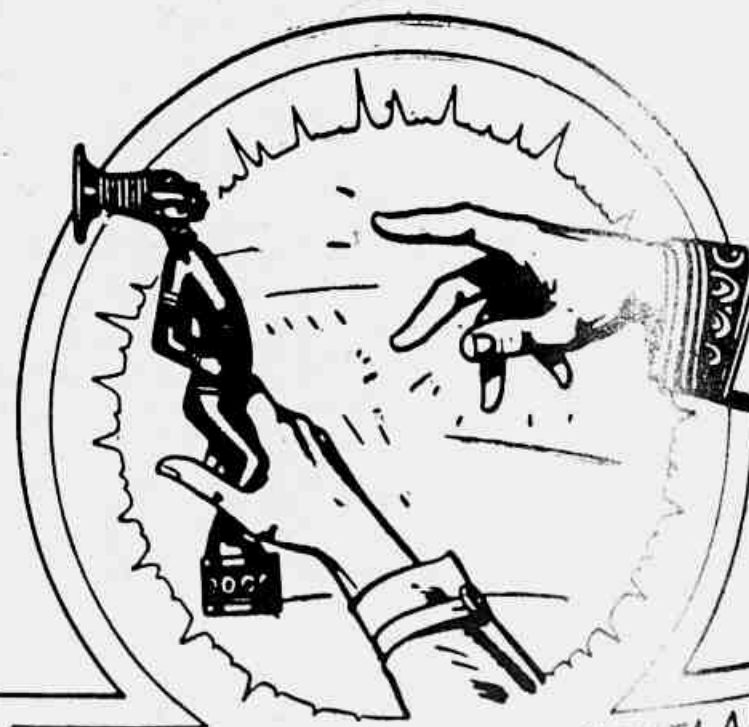
DRAGO,  
OLHE!

TABASCO  
APANHA  
NO CHÃO  
UM CU-  
RIOS-  
O, OBJE-  
TO!



QUE É  
ISSO?

UM IDOLO! PROVAVEL-  
MENTE, AFRICANO. QUE  
FAZ AQUI?



DE REPENTE A MOÇA LEVANTA A  
MÃO E AÇARRA O IDOLO!

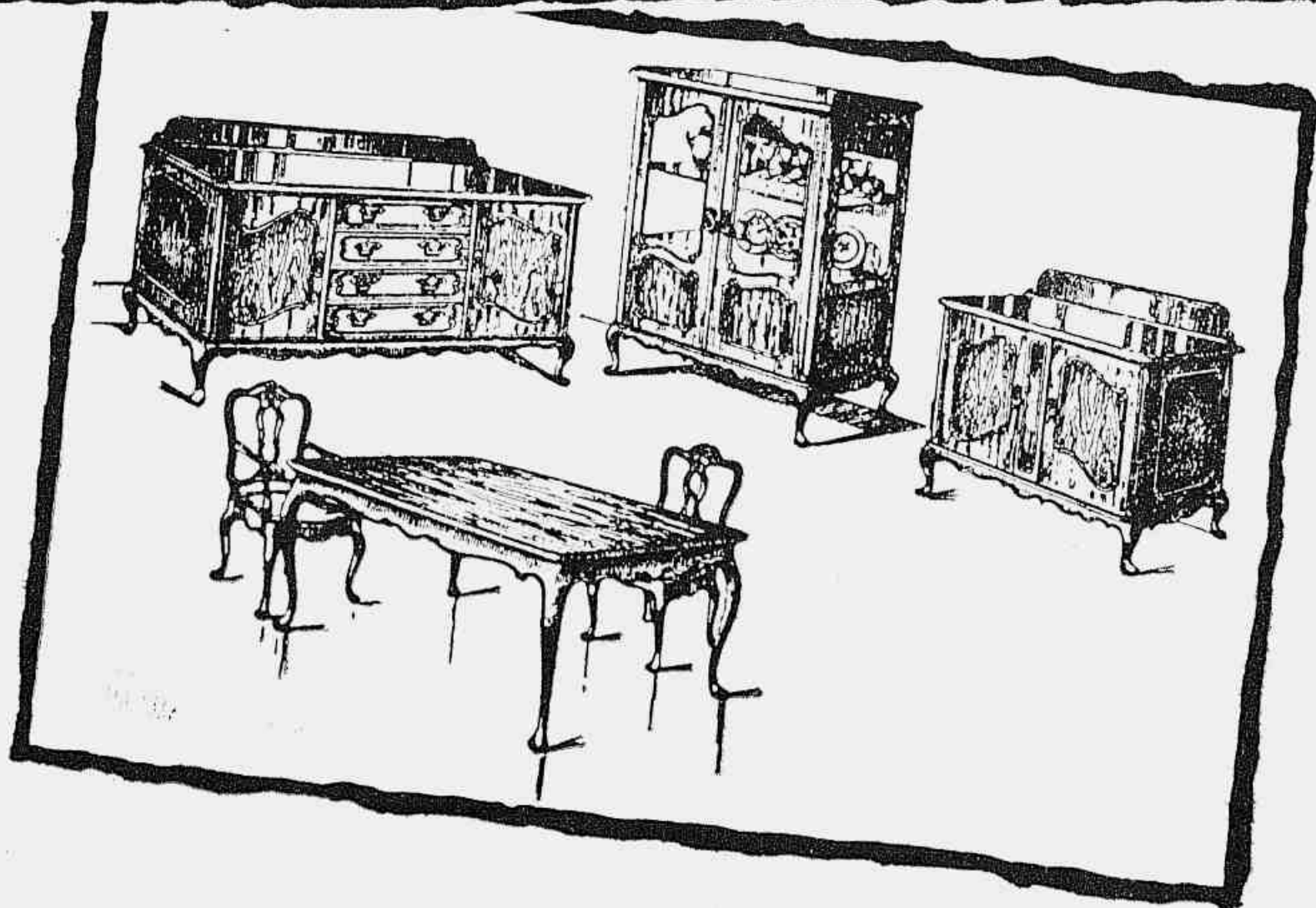




**DORMITÓRIO DE JACARANDÁ ESCULTURADO, COLONIAL --**

Composto de:

guarda-vestidos,  
guarda-casacas,  
camiseiro,  
cama de casal,  
penteadeira,  
mesa de centro,  
2 mesinhas,  
banqueta e cadeiras  
estofadas.



**CHIPPENDALE**

**SALA DE JANTAR DE IMBUÍA  
ESCULTURADA --** Composta de:  
buffet, étagère, cristaleira, mesa de  
extensão, 2 poltronas e 2 cadeiras

**MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES**

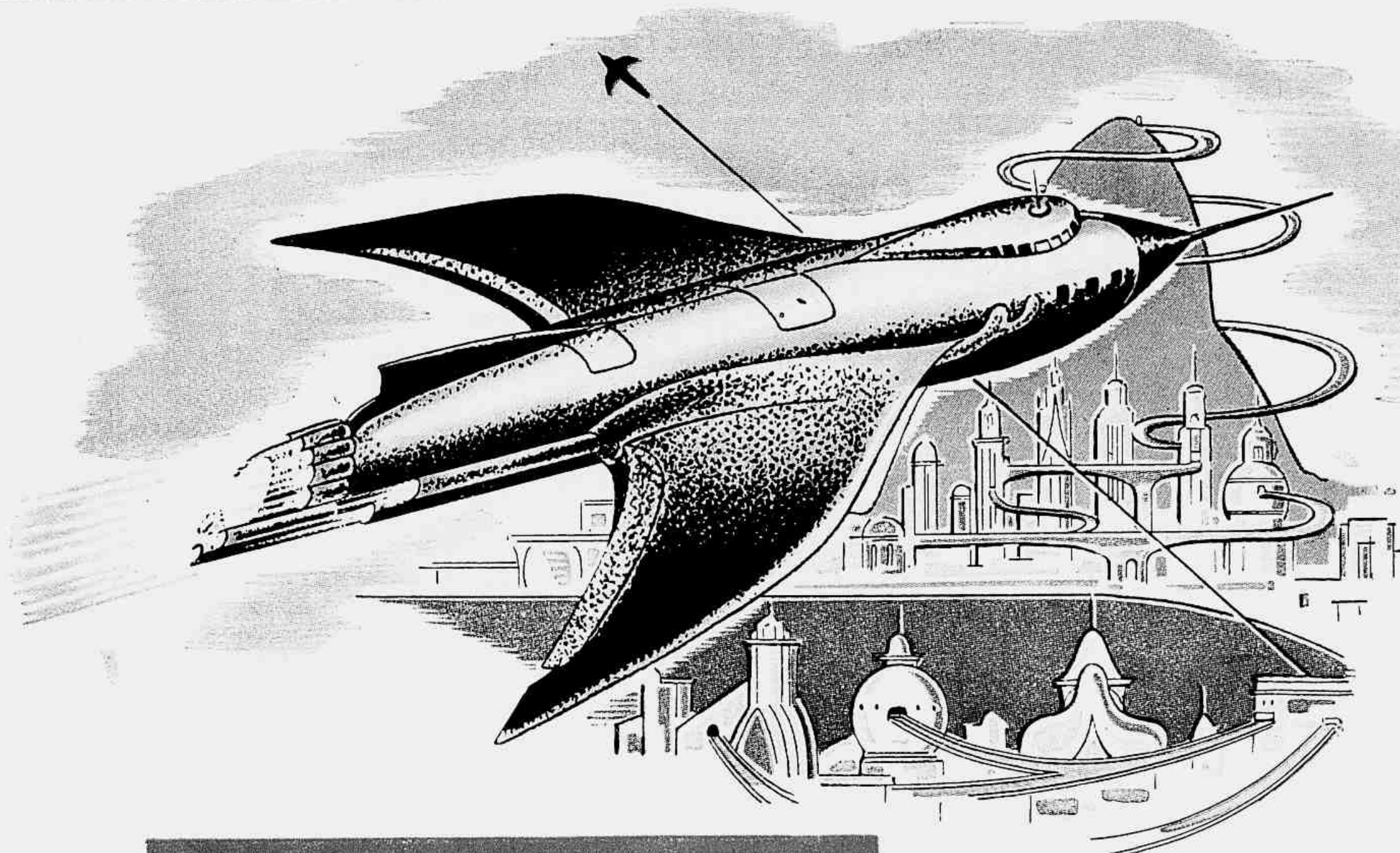
Tapetes - Passadeiras - Tecidos



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



# CURIOSIDADES Continental



**NO BRASIL** fumam-se por dia milhões de cigarros Continental. Se você fumasse uma carteira por dia e tivesse de fumar todos esses cigarros, teria que viver até o ano de 2.610!

CONTINENTAL é o cigarro de qualidade mais popular em todo o Brasil. Ligados ponta com ponta, os cigarros CONTINENTAL fumados num só dia atingiriam 350 quilômetros. Prefira também o cigarro cuja qualidade é atestada por tão larga preferência.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE  
O MELHOR EM SUA CLASSE



COMPANHIA DE CIGARROS

*Souza Cruz*